



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO ACADÊMICO EM ENFERMAGEM



PERCEPÇÕES ALIMENTARES DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS POR MEIO DE
PHOTOVOICE: retratos e realidades

EMANUELLA PEREIRA DE LACERDA

SÃO LUÍS-MA
2025

EMANUELLA PEREIRA DE LACERDA

**PERCEPÇÕES ALIMENTARES DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS POR MEIO DE
PHOTOVOICE: retratos e realidades**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para o título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde, Enfermagem e Cuidado.

Linhas de Pesquisa: Enfermagem em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Luciano Carneiro Alves de Oliveira.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Sara Fiterman Lima.

**SÃO LUÍS-MA
2025**

EMANUELLA PEREIRA DE LACERDA

**PERCEPÇÕES ALIMENTARES DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS POR MEIO DE
PHOTOVOICE: retratos e realidades**

Dissertação de mestrado apresentada ao
programa de Pós-graduação em
Enfermagem da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para o título de
Mestre em Enfermagem.

Área de Concentração: Saúde,
Enfermagem e Cuidado.

Linha de Pesquisa: Enfermagem em Saúde
Coletiva.

APROVADA EM ____/____/____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Bruno Luciano Carneiro Alves de Oliveira
Presidente da Banca
Orientador
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Adriana Gomes Nogueira Ferreira
Examinadora Interna
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Rarielle Rodrigues Lima
Examinadora Externa
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lacerda, Emanuella Pereira de.

PERCEPÇÕES ALIMENTARES DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS POR MEIO
DE PHOTOVOICE : retratos e realidades / Emanuella Pereira
de Lacerda. - 2025.
227 f.

Coorientador(a) 1: Sara Fiterman Lima.

Orientador(a): Bruno Luciano Carneiro Alves de
Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Enfermagem/ccbs, Universidade Federal do Maranhão, São
Luís, 2025.

1. Crianças. 2. Quilombolas. 3. Alimentação. 4.
Enfermagem. I. Lima, Sara Fiterman. II. Oliveira, Bruno
Luciano Carneiro Alves de. III. Título.

“Escrevo como se fosse para salvar a vida de
alguém. Provavelmente a minha própria vida.”
Um Sopro de Vida, 1970 (Clarice Lispector)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar em todos os momentos e me conceder forças para seguir nesta caminhada acadêmica.

À Nossa Senhora, pelo amparo espiritual e pela intercessão constante em minha vida.

À minha mãe, Izilene Pereira de Lacerda, por ser minha base, minha inspiração e por todo o amor e dedicação incondicional.

Aos meus irmãos, Emanuel Pereira de Lacerda e Marcos Pereira de Lacerda (in memoriam), cuja presença eterna em meu coração me motiva a sempre buscar o melhor de mim.

Ao meu orientador Prof. Dr. Bruno Luciano Carneiro Alves de Oliveira e Coorientadora Profa. Dra. Sara Fiterman Lima, pela paciência, pelos ensinamentos valiosos e pelo apoio ao longo desta jornada.

À equipe de Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão, professora Joelmara Furtado dos Santos Pereira, discentes Rafaela Freitas Boisle, Olavo Mateus de Araújo Ramos e Rayane Sobrinho de Sousa pela colaboração essencial na realização desse estudo.

Às minhas amigas da turma do Mestrado 2023/25 Natália de Jesus Sousa Cunha, Élide Cristina Santos Corrêa, Fernanda Karolina Carvalho Matos, Cynthya Lays Batista Barroso de Sousa, Cleidiane Cristina Sousa da Silva de Oliveira pela parceria, pelo companheirismo e por fazerem dessa experiência uma memória ainda mais especial.

À Universidade Federal do Maranhão, pela oportunidade e pelo suporte para a realização deste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, o que tornou possível a execução desta pesquisa.

À Secretária Municipal de Igualdade Racial e ao Movimento Quilombola de Bequimão que possibilitaram a realização da pesquisa junto às comunidades quilombolas.

Às crianças quilombolas, aos seus pais, que gentilmente participaram deste estudo e me permitiram conhecer suas histórias e aprender com suas vivências, e à gestão do município de Bequimão,

A cada um de vocês, meu mais profundo agradecimento.

Dedico este trabalho às crianças quilombolas de todo o mundo, especialmente às do Maranhão, cuja sabedoria e resiliência me inspiraram profundamente ao longo desta jornada acadêmica.

Que suas vozes, captadas e representadas por meio deste estudo, sejam uma fonte de reflexão, reconhecimento e valorização para todos aqueles que buscam compreender as riquezas culturais e os desafios enfrentados por suas comunidades.

A vocês, que são os verdadeiros guardiões das tradições alimentares e culturais, dedico não apenas estas páginas, mas também o compromisso de continuar aprendendo e promovendo um futuro mais justo e inclusivo.

RESUMO

Introdução: Em todo o mundo, grupos sociais podem se agrupar em comunidades a partir de projetos políticos e coletivos de liberdade e laços socioculturais, entre esses, os de tradições africanas, no Brasil denominados Quilombolas. A Constituição Federal do Brasil de 1988 reconheceu os quilombolas como importante segmento étnico da população brasileira, com identidade territorial e histórica própria. Apesar dessa relevância, essas populações seguem atravessadas por vulnerabilidades, discriminação racial, desigualdades e dificuldades de acesso a serviços públicos essenciais: saúde, educação, assistência social e alimentação. O Maranhão ocupa a segunda posição nacional em número de crianças quilombolas, o que impõe ao estado o desafio de garantir o cuidado e a proteção social dessa população. A Insegurança Alimentar é uma das expressões mais evidentes das desigualdades em crianças e está associada a contextos socioeconômicos desfavoráveis. **Objetivo:** Compreender as percepções das crianças quilombolas sobre sua alimentação. **Metodologia:** Trata-se de pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, apoiada pelo referencial metodológico do *Photovoice* e analítico da teoria sociológica reflexiva de Bourdieu. Os dados foram coletados em três comunidades quilombolas, nas unidades da rede pública municipal de ensino fundamental na zona rural de Bequimão, Maranhão. Envolveu 23 crianças de 8 a 10 anos. A coleta ocorreu entre março, maio e agosto de 2024 nas comunidades Ariquipá, Ramal do Quindiu e Rio Grande. Os critérios de inclusão consideraram a faixa etária e a matrícula ativa na rede pública. Os aspectos éticos foram respeitados conforme a Resolução 466/12. **Resultados:** A análise revelou dois temas principais: o *habitus* alimentar das crianças quilombolas e o capital cultural que envolve a alimentação. As crianças quilombolas mantêm relação simbólica com os alimentos locais, os quais representam sua identidade e capital cultural transmitido por meio de práticas e saberes. Peixes e frutas são alimentos valorizados como parte da prática social significativa e de sobrevivência, moldada por saberes transmitidos pelas figuras maternas e pela interação com a comunidade. A participação em atividades agrícolas reforça a conexão com o território, a biodiversidade local e a transmissão de um capital cultural alimentar, promovendo educação alimentar prática. Contudo, a globalização e a urbanização têm gerado mudanças significativas: a transição para hábitos alimentares não saudáveis e ultraprocessados (hambúrgueres e refrigerantes). A percepção sobre a qualidade dos alimentos que consomem demonstra que as crianças têm consciência sobre a importância de uma alimentação saudável e reconhecem a qualidade dos alimentos produzidos localmente. Porém, relatam a escassez de recursos e à introdução de alimentos industrializados, influenciados pela mídia e pela presença crescente de produtos processados. Embora as narrativas reflitam a valorização dos alimentos naturais, mostra também tensões entre o capital cultural tradicional e as influências modernas, evidenciando a dificuldade de acesso a itens saudáveis devido as condições econômicas adversas. **Considerações finais:** A alimentação das crianças quilombolas transcende o ato de nutrir, representa um conjunto de práticas sociais e de identidade que refletem capitais cultural, social e econômico. A preservação da identidade cultural e o bem-estar alimentar infantil podem fortalecer a educação no âmbito familiar e comunitário, incentivando a valorização de alimentos locais e tradicionais. Estratégias que integrem os saberes do território com inovações alimentares podem contribuir para um equilíbrio saudável e sustentável. Como prática de cuidado integral, a enfermagem deve desenvolver intervenções culturalmente sensíveis e eficazes, que respeitem os saberes e tradições locais, ao mesmo tempo em que atuem na prevenção de agravos nutricionais e na promoção da saúde.

Palavras-chaves: Crianças; Quilombolas; Alimentação; Enfermagem.

ABSTRACT

Introduction: Throughout the world, social groups can group themselves into communities based on political projects and collective freedom and socio-cultural ties, including those of African traditions, in Brazil known as Quilombolas. Brazil's Federal Constitution of 1988 recognized quilombolas as an important ethnic segment of the Brazilian population, with their own territorial and historical identity. Despite this relevance, these populations continue to face vulnerabilities, discrimination racial, inequalities and difficulties in accessing essential public services: health, education, social assistance and food. Maranhão ranks second nationally in the number of quilombola children, which imposes on the state the challenge of guaranteeing the care and social protection of this population. Food insecurity is one of the most obvious expressions of inequalities in children and is associated with unfavorable socio-economic contexts. **Objective:** To understand quilombola children's perceptions of their diet. **Methodology:** This is an exploratory study, with a qualitative approach, supported by the methodological framework of Photovoice and the analytical framework of Bourdieu's sociological reflexive theory. The data were collected in three quilombola communities, in the municipal public elementary school network in the rural area of Bequimão, Maranhão. It involved 23 children aged between 8 and 10. The data was collected between march, may and august 2024 in the Ariquepá, Ramal do Quindiu communities and Rio Grande (focus group). The inclusion criteria were age and active enrollment in the public school system. Ethical aspects were respected in accordance with Resolution 466/12, with the free and informed consent of those responsible. **Results:** The analysis revealed two main themes: the food habitus of quilombola children and the cultural capital surrounding food. Quilombola children have a symbolic relationship with local foods, which represent their identity and cultural capital transmitted through practices and knowledge. Fish and fruit are foods that are valued as part of meaningful social practice and survival, shaped by knowledge passed on by maternal figures and interaction with the community. Participation in agricultural activities reinforces the connection with the territory, local biodiversity and the transmission of food cultural capital, promoting practical food education. However, globalization and urbanization have generated significant changes: the transition to unhealthy and ultra-processed eating habits (hamburgers and soft drinks). The perception of the quality of the food they eat shows that the children are aware of the importance of healthy eating and recognize the quality of locally produced food. However, they report a lack of resources and the introduction of industrialized foods, influenced by the media and the presence the growing number of processed products. Although the narratives reflect an appreciation of natural foods, they also show tensions between traditional cultural capital and modern influences, highlighting the difficulty of accessing healthy items due to adverse economic conditions. **Final considerations:** The diet of quilombola children transcends the act of nourishing; it represents a set of social practices and cultural identity that reflect cultural, social and economic capital. The preservation of cultural identity and children's well-being can strengthen food education at family and community level, encouraging the valorization of local and traditional foods. Strategies that integrate local knowledge and cultural practices with food innovations can contribute to a healthy and sustainable balance. As a comprehensive care practice, nursing must develop culturally sensitive and effective interventions that respect local knowledge and traditions, while at the same time acting to prevent nutritional problems and promote health.

Key- words: Children; Quilombolas; Feeding; Nursing

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONAQ - Comunidades Negras Rurais Quilombolas

CNS - Conselho Nacional de Saúde

DHAA - Direito Humano à Alimentação Adequada

DCNT - Doenças Crônicas Não Transmissíveis

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IA - Insegurança Alimentar

MS - Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial de Saúde

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PNAN - Política Nacional de Alimentação e Nutrição

PBQ - Programa Brasil Quilombola

PPGENF - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

PBF - Programa Bolsa Família

SAN - Segurança Alimentar e Nutricional

SBQ - Semana do Bebê Quilombola

SUS - Sistema Único de Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

VIGISAN - Vigilância da Segurança Alimentar e Nutricional

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Detalhamento do tempo de audiogravação e videogravação nas comunidades quilombolas do estudo	69
Quadro 2 – Temas, Subtemas e Unidades de significado do estudo	130

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Caracterização das crianças participantes por idade, sexo e ano/série escolar.....	77
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Censo demográfico 2022, população residente - Quilombola por localização do domicílio	32
Figura 2– Posições de campo representando o capital cultural e econômico.....	42
Figura 3– Ilustra os passos da trajetória metodológica do estudo	59
Figura 4 – Localização geográfica das comunidades quilombolas em Bequimão – MA.....	51
Figura 5– Brincadeira Terra-mar	74
Figura 6 – Brincadeira <i>Banyoka</i>	74
Figura 7– Brincadeira da <i>Kakopi</i>	75

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Território da Comunidade quilombola Rio Grande, Bequimão, Maranhão (a).....	61
Fotografia 2 – Momento de coleta de dados na Comunidade de Rio Grande, Bequimão, Maranhão (a)	62
Fotografia 3 – Unidade Escolar Miguel Martins Melo, Bequimão, Maranhão (c)	62
Fotografia 4 – Crianças assinando o TALE na comunidade quilombola Ariquipá.....	72
Fotografia 5 – Crianças assinando o TALE na comunidade quilombola Ramal do Quindiuá	72
Fotografia 6 – Ilustração sobre o consumo de frutas -Manga	79
Fotografia 7- Ilustração sobre o consumo de frutas – coco	79
Fotografia 8 – Meu quintal é cheio de frutas	80
Fotografia 9 – Ilustração sobre o consumo de frutas -coco	81
Fotografia 10 – Ilustração sobre o consumo de frutas- laranja.....	81
Fotografia 11 – Ilustração sobre o consumo -Arroz e galinha	82
Fotografia 12 – Eu prefiro a foto dos patinhos.....	82
Fotografia 13 – Ilustração sobre o consumo- arroz e carne.....	84
Fotografia 14 – Ilustração sobre o consumo de frutas -bananas.....	84
Fotografia 15 – Ilustração sobre o consumo -milho assado	84
Fotografia 16 – Camarão e farinha de mandioca da minha comunidade	85
Fotografia 17 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Carne com vegetais.....	86
Fotografia 18 – Ilustração sobre o consumo de frutas - arroz com feijão e carne bovina	86
Fotografia 19 – As frutas do meu quintal	87
Fotografia 20 – Ilustração sobre o consumo – Bolo de Milho	88
Fotografia 21 – Ilustração sobre o consumo- Café com biscoito	88
Fotografia 22 – Almoço em família	89
Fotografia 23 – O café e o cuscuz	90
Fotografia 24 – Ilustração sobre o consumo – Arroz, feijão e ovo	90
Fotografia 25 – Ilustração sobre o consumo – Café com leite e pão.....	91
Fotografia 26 – Ilustração sobre o consumo -Arroz, feijão e peixe frito.....	92
Fotografia 27 – Ilustração sobre o consumo- Peixe e farinha de mandioca	92
Fotografia 28 – Ilustração sobre o consumo – Café	93

Fotografia 29 – Entre os legumes, o quiabo	93
Fotografia 30 – Ilustração sobre o consumo- Pizza.....	94
Fotografia 31 – Ilustração sobre o consumo -Banana com farinha de mandioca.....	95
Fotografia 32 – Ilustração sobre o consumo – Arroz, salsicha e farinha de mandioca ..	95
Fotografia 33 – O refrigerante é bom, mas.....	96
Fotografia 34 – Fotografias de outra fotografia ilustração da fruta- Uvas	97
Fotografia 35 – Fotografias de outra fotografia ilustração da fruta- Cacau	97
Fotografia 36 – Ilustração sobre o consumo- Macarrão e salsicha.....	98
Fotografia 37 – Ilustração sobre o consumo de frutas – Bananas	98
Fotografia 38 – Farinha é boa com tudo.....	98
Fotografia 39 – Ilustração sobre o consumo de frutas- Banana	99
Fotografia 40 – Ilustração sobre o consumo- Café com pão doce.....	100
Fotografia 41 – Ilustração sobre o consumo- Siri com arroz	100
Fotografia 42 – Ilustração sobre o consumo – Arroz, farinha de mandioca, salsicha e ovo	101
Fotografia 43 – Ilustração sobre o consumo – Arroz e peixe frito	102
Fotografia 44 – Ilustração sobre o consumo – Pacote de salgadinho	102
Fotografia 45 – Da terra e do mar vem meu alimento	103
Fotografia 46 - Antes de ir para a escola	104
Fotografia 47 – Ilustração sobre o consumo – Café com pão	104
Fotografia 48 – Ilustração sobre o consumo – Refrigerante.....	105
Fotografia 49 – Ilustração sobre o consumo – Pão.....	106
Fotografia 50 – Ilustração sobre o consumo – Macarrão e arroz	107
Fotografia 51 – Peixe frito	107
Fotografia 52 – Ilustração sobre o consumo – Arroz com carne bovina.....	108
Fotografia 53 – Ilustração sobre o consumo – Frango Frito	108
Fotografia 54 - Meu cuscuz.....	109
Fotografia 55 – Ilustração sobre o consumo – Arroz com feijão	110
Fotografia 56 – Ilustração sobre o consumo – Arroz com frango	111
Fotografia 57 – Eu gosto de tudo, de todas as frutas!.....	111
Fotografia 58 – Ilustração sobre o consumo – Arroz com feijão e carne	112
Fotografia 59 – Ilustração sobre o consumo – Arroz e peixe frito	113
Fotografia 60 – Ilustração sobre o consumo – Pacote de salgadinho.....	113
Fotografia 61 – A hora do almoço.....	114

Fotografia 62 – Ilustração sobre o consumo – Pão doce e café.....	115
Fotografia 63 – Ilustração sobre o consumo de frutas- Goiaba.....	115
Fotografia 64 – A comida que eu mais gosto	116
Fotografia 65 – Ilustração sobre o consumo – Milho.....	117
Fotografia 66 – Ilustração sobre o consumo – Pepino	118
Fotografia 67 – Cultivando o arroz.....	119
Fotografia 68 – Ilustração sobre o consumo – Suquinho de Buriti	120
Fotografia 69 – Ilustração sobre o consumo – Canjica de milho	120
Fotografia 70 – Vovó sempre faz milho	121
Fotografia 71 – Ilustração sobre o consumo – Galo.....	122
Fotografia 72 – Ilustração sobre o consumo – Arroz e carne	122
Fotografia 73 -A cozinha da minha casa	123
Fotografia 74 – Ilustração sobre o consumo – Galinheiro.....	124
Fotografia 75 – Ilustração sobre o consumo – Árvore frutífera	124
Fotografia 76 – De olho nas hortaliças.....	125
Fotografia 77 – Ilustração sobre o consumo – Arroz e carne.....	125
Fotografia 78 – Ilustração sobre o consumo – Bananeiras.....	126
Fotografia 79 – Quando eu cheguei em casa.....	127
Fotografia 80 – Ilustração sobre o consumo- Rio da comunidade	127
Fotografia 81 – Ilustração sobre o consumo – Árvore Frutífera Laranja	127
Fotografia 82– Camarão e farinha de mandioca da minha comunidade	131
Fotografia 83 – Ilustração sobre o consumo - Arroz, galinha e vinagreira	132
Fotografia 84 – Ilustração sobre o consumo – Árvore Frutífera Cajá.....	133
Fotografia 85 – Ilustração do consumo - arroz e salsicha	134
Fotografia 86 – Ilustração sobre o consumo – Pipoca.....	139
Fotografia 87 – Ilustração sobre o consumo – Leite com pão.....	139
Fotografia 88- Ilustração sobre o consumo- Arroz com farinha de mandioca e salsicha	142
Fotografia 89 – Ilustração sobre o consumo - Arroz, farinha de mandioca e salsicha ..	143
Fotografia 90 – Ilustração sobre o consumo - Café com pão	145
Fotografia 91 – Ilustração sobre o consumo - Torta de camarão e arroz	146
Fotografia 92 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Maçã e laranja	151
Fotografia 93 – Cultivando o arroz	153
Fotografia 94 – Ilustração sobre o consumo – Canjica de milho	154

Fotografia 95 – Ilustração sobre o consumo - Café com farinha de mandioca	155
Fotografia 96 – Ilustração sobre o consumo - Carne com farinha de mandioca	155
Fotografia 97 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com peixe frito	157
Fotografia 98 – Ilustração sobre o consumo - Criação de patos	160
Fotografia 99 – Ilustração sobre o consumo - Sopa de macarrão.....	161
Fotografia 100 – Ilustração sobre o consumo - Salgadinho de pacote	162

APRESENTAÇÃO

A primeira vez que tive contato com o tema da dissertação, a mim apresentada pelo meu orientador, Prof. Dr. Bruno e Coorientadora Prof.^a Dra. Sara, senti um misto de emoções, entre elas, receio de não abordar o assunto de maneira satisfatória e de fato relevante para as comunidades. Outro sentimento foi de dúvida, isto é, se seria a pessoa adequada para a cumprir a missão de, em alguns encontros, imergir na vida de crianças que, até o momento, não me conheciam. Portanto, para a construção de um vínculo significativo para elas, necessitaria de tempo e resiliência.

Com o passar do tempo e com o processo de aprendizagem, no qual contei com o apoio incondicional dos professores Bruno e Sara, pude me sentir “empoderada” para dar seguimento à pesquisa, principalmente quando, antes da realização da coleta de dados, fui a uma ação organizada pela prefeitura do município, intitulada: A Semana do Bebê Quilombola (SBQ). Trata-se de um evento realizado simultaneamente em todas as comunidades quilombolas do município de Bequimão-Ma, sempre no mês de novembro, no qual são realizadas diversas atividades de fomento à cultura quilombola e prestação de serviços em diversas áreas como saúde, educação e assistência social.

Quando fui à 11ª SBQ, em 2023, acompanhada do professor Bruno, realizei ações de educação em saúde para crianças e mulheres de duas comunidades quilombolas. Identifiquei-me imediatamente com os locais onde o estudo seria realizado, e me senti muito à vontade para abordar os temas escolhidos para as ações de educação em saúde, assim, tive a certeza de que poderia realizar a pesquisa com as crianças. Após esse primeiro contato, retornei, em março de 2024, para realizar uma pesquisa-piloto com as crianças da comunidade quilombola Rio Grande, onde fui bem recebida pela gestora da escola, pelas professoras, responsáveis e em especial pelas crianças.

Passados alguns meses, retornei à comunidade, juntamente com a equipe de pesquisa, cuja contribuição foi grande na execução da coleta de dados, propriamente dita. Nesse contexto, confesso que foram desafiadores alguns aspectos como a articulação do transporte e especialmente a disponibilidade dos responsáveis (mães, pais e avós), e administração dessas questões com a rotina das crianças. Contudo, mesmo diante das dificuldades, conseguimos avançar com muito esforço, empenho e o apoio da gestão municipal.

Desejei compartilhar um pouco da experiência vivida ao longo desta pesquisa, pois compreendi, durante todo o processo, que tão importante quanto o resultado é a vivência das etapas que nos conduzem a ele. Essa reflexão remete-me ao período em que, durante a pós-

graduação, estudei metodologia qualitativa e frequentemente me questionava: Seria eu uma pesquisadora com aptidão para este campo da investigação? Teria eu a capacidade de adotar um olhar verdadeiramente multidimensional para os objetos de estudo abordados pelos métodos qualitativos? Sinceramente, ainda não tenho respostas definitivas para essas perguntas. Porém, independentemente das incertezas, algo dentro de mim - uma voz persistente no meu subconsciente - incentivava-me a seguir em frente e a confiar no desfecho exitoso desta jornada.

Dito isto, dediquei-me intensamente a estudar o método que utilizaria na pesquisa, buscando, acima de tudo, aproximar-me da realidade abordada na dissertação de mestrado e dos participantes do estudo: as crianças. Se hoje me perguntassem se realizaria essa pesquisa novamente, minha resposta seria, sem hesitação, um firme "Sim!". E sabe por quê? Porque fazer ciência vai muito além da publicação de artigos científicos — embora esta seja uma prática essencial para a disseminação dos estudos no meio acadêmico. Fazer ciência é, ainda que por um breve instante, enxergar a vida sob a perspectiva do outro, respeitando a lente que lhe foi oferecida ou, talvez, a única que ele possui.

Assim, reitero meu compromisso com as comunidades quilombolas participantes deste estudo, a partir de minha modesta compreensão e formação acadêmica, de buscar, nas páginas que compõem esta dissertação, falar um pouco sobre como as crianças quilombolas percebem sua alimentação. E, por meio dos retratos e relatos por elas produzidos, amplificar suas vozes para a comunidade científica, sempre respeitando a sua ótica e, acima de tudo, a sua cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 OBJETO DO ESTUDO.....	24
1.2 PRESSUPOSTO.....	24
2 JUSTIFICATIVA.....	25
3 OBJETIVO	27
3.1 OBJETIVO GERAL.....	27
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS	27
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	28
4.1 HISTÓRIA, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL	28
4.2 PANORAMA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO MARANHÃO	31
4.3 CRIANÇAS QUILOMBOLAS E SEUS ASPECTOS NUTRICIONAIS	33
4.4 A PRÁTICA ALIMENTAR DA CRIANÇA QUILOMBOLA E SEU ENCONTRO COM A TEORIA SOCIAL DE BOURDIEU	37
4.5 A TEORIA SOCIAL DE BOURDIEU E ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	39
4.6 A METODOLOGIA <i>PHOTOVOICE</i> E A PARTICIPAÇÃO INFANTIL NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SAÚDE	43
4.6.1 A Fotografia como Linguagem Social.....	46
5 METODOLOGIA.....	48
5.1 TIPO DE ESTUDO	48
5.2 CENÁRIO DO ESTUDO	50
5.2.1 Caracterização das Comunidades Quilombolas do Estudo.....	50
5.3 SUJEITOS DO ESTUDO.....	56
5.4 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	57
5.5 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS.....	58
5.6 A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO	59
5.7 ESTUDO PILOTO	60
5.8 APRESENTANDO AS ETAPAS DA COLETA.....	62
5.8.1 Apresentando o projeto, iniciando vínculos e criando um ambiente de confiança.....	63
5.9 CAPACITAÇÃO DAS CRIANÇAS PARA USO DAS CÂMERAS E INTRODUÇÃO AO <i>PHOTOVOICE</i>	63
5.10 SELEÇÃO DAS IMAGENS E ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS	65
5.11 OS GRUPOS FOCAIS E OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS PELAS CRIANÇAS ÀS FOTOGRAFIAS	66
5.12 ANÁLISE DE DADOS	69

5.13 ASPECTOS ÉTICOS	71
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	76
6.1.1 Descrição dos participantes da pesquisa	77
6.2 PERCEPÇÕES DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS SOBRE SUA ALIMENTAÇÃO	128
6.2.1 O <i>habitus</i> alimentar das crianças quilombolas e suas dinâmicas culturais e sociais	130
6.2.1.1 <i>A conexão entre a cultura alimentar e o território</i>	131
6.2.2 A percepção das crianças quilombolas sobre a qualidade dos alimentos que consomem	149
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	166
REFERÊNCIAS	169
ANEXOS	184
ANEXO A - CENSO DEMOGRÁFICO DE 2022 DA POPULAÇÃO RESIDENTE QUILOMBOLA POR LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO NO BRASIL	185
ANEXO B - PERCENTUAL DE POPULAÇÃO QUILOMBOLA EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO EM GERAL POR ESTADO BRASILEIRO	186
ANEXO C - MAPA DO BRASIL COM INDICAÇÃO DAS POPULAÇÃO QUILOMBOLAS	187
ANEXO D - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	189
ANEXO E - ARTIGO REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM	191
APÊNDICES.....	192
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO FAMILIAR REFERENTE A PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA	193
APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM	195
APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195
APÊNDICE D - USANDO MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS.....	197
APÊNDICE E - FOTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARIQUIPÁ	203
APÊNDICE F - FOTOGRAFIAS DA COMUNIDADE RAMAL DO QUINDÍUA	209
APÊNDICE G – FOTOGRAFIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARIQUIPÁ.....	215
APÊNDICE H - CÂMERA FOTOGRÁFICA DIGITAL UTILIZADA NA PESQUISA	216
APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	217
APÊNDICE J - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA AS COMUNIDADES	218

APÊNDICE L- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL.....	219
APÊNDICE M- ATIVIDADE LÚDICA DE DESENHO	220
APÊNDICE N- ATIVIDADE LÚDICA DE COLAGEM.....	221
APÊNDICE O- PLANILHA <i>Microsoft excel</i> de análise de dados	222
APÊNDICE P- PLANILHA <i>Microsoft Excel</i> das etapas do método <i>Photovoice</i> ...	223
APÊNDICE Q- QR CODE DAS FOTOGRAFIAS DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE RAMAL DO QUINDÍUA	224
APÊNDICE R- QR CODE DAS FOTOGRAFIAS DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE ARIQUIPA.....	226

1 INTRODUÇÃO

Em todo o mundo, grupos sociais podem se agrupar em comunidades a partir de projetos políticos e coletivos de liberdade e laços socioculturais, entre esses, os de tradições africanas. Exemplos dessas comunidades estão propagados por diversos países da América Latina e são conhecidos por diversos nomes, sendo no Brasil denominados por Quilombolas (Santana; Voeks; Funch, 2022).¹

No Brasil, as populações quilombolas são reconhecidas pela Constituição Federal de 1988 como um segmento étnico importante da população brasileira, com identidade territorial e histórica própria. Essas comunidades desenvolveram relações específicas com seus territórios, que estruturam modos de vida, organização social, práticas culturais e formas de cuidado em saúde, buscando preservá-los (Brasil, 2023a; Neves; Ferreira; Welch, 2021; Brasil, 2021a).

Apesar dessa reconhecida relevância histórica e cultural, essas populações seguem atravessadas por contextos de vulnerabilidade, notadamente marcados pela discriminação racial, desigualdade social e dificuldades de acesso a serviços públicos essenciais como saúde, educação, assistência social e alimentação. Crianças e idosos são especialmente afetados por essas condições (Silva Plácido; Silva, 2022).

Para dar uma dimensão da complexidade desse cenário de vulnerabilidades, cumpre destacar que estamos nos referindo há mais de 1,3 milhão de pessoas, o que equivale a 0,65% da população nacional, segundo o Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2022). Essa população concentra-se majoritariamente na região Nordeste (68,2%), destacando-se os estados da Bahia (29,9%), Maranhão (20,2%), Minas Gerais (10,1%), Pará (10,1%) e Pernambuco (5,9%). Entre estes, o Maranhão ocupa lugar de destaque, com 2.025 localidades certificadas, ou seja, 24% de todas as comunidades quilombolas do país. Aproximadamente 4% da população maranhense se autodeclara quilombola, o que confere ao estado uma posição estratégica na elaboração de políticas e ações voltadas à promoção da equidade em saúde e ao reconhecimento da diversidade cultural (Vieceli; Ribeiro, 2023; IBGE, 2024).

Os estados da Bahia (29,9%), Maranhão (20,2%), Minas Gerais (10,1%), Pará (10,1%) e Pernambuco (5,9%) concentram, juntos, 76% da população quilombola do país. Só a região Nordeste, abriga 68,2% do total de quilombolas no Brasil, configurando-se como a principal região de concentração dessa população (IBGE, 2022). Essa concentração territorial reforça a

¹ No Brasil, são chamadas de Quilombos ou Mocambos; na Colômbia, palenques; na Venezuela, Cumbes; no Haiti e nas Caraíbas Francesa, Marrons; em Cuba e Porto Rico, Cimarronaje; e na Jamaica, Maroons (Santana; Voeks; Funch, 2022).

centralidade histórica e cultural das comunidades quilombolas maranhenses no cenário brasileiro, e indica a importância de estratégias de atenção que considerem as especificidades dessa população (Vieceli; Ribeiro, 2023; IBGE, 2024).

Ao considerar essa composição da população quilombola nacional em um recorte infantil, passamos para aproximadamente 315.152 pessoas quilombolas na faixa de 0 a 14 anos, onde os estados com maiores contingentes são a Bahia (87.766), o Maranhão (69.651) e o Pará (36.842) (IBGE, 2023; Velasco, 2023).

Com esse quantitativo, o Maranhão ocupa a segunda posição nacional em número de crianças quilombolas, o que impõe ao estado o desafio de garantir o cuidado e a proteção social dessa população em formação. Essa realidade exige atenção especial, sobretudo pela necessidade de valorização de suas especificidades historicamente construídas, que se refletem nas formas de viver, nos vínculos com o território e nos determinantes sociais da saúde, permeados por dimensões políticas, culturais, econômicas e sociais (Souza *et al.*, 2023).

Historicamente, o Brasil carrega uma dívida social com os quilombolas, refletida em indicadores socioeconômicos desfavoráveis. A Insegurança Alimentar (IA) é uma das expressões mais evidentes dessa desigualdade (Corrêa; Silva, 2021). No Maranhão, esse contexto se repete, afetando toda a população quilombola, inclusive as crianças, que vivenciam o impacto da precariedade alimentar e nutricional.

No plano legal, essa alimentação é reconhecida como direito social desde a Emenda Constitucional nº 64/2010. Foram instituídos leis e programas como a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Lei 11.346/2006) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que, em 2023, foi relançado com foco nas comunidades quilombolas. No Maranhão, um edital específico foi publicado em 2024 para fomentar a agricultura familiar quilombola (Brasil, 2003; Maranhão, 2024).

Destaca-se que as comunidades quilombolas mantêm práticas alimentares enraizadas em seus modos de vida e cultura. Produzem e consomem alimentos por meio da agricultura de coivara, da pesca, da caça e do extrativismo vegetal. Essas práticas são moldadas não apenas por fatores econômicos, mas também por determinações culturais, afetivas e ambientais (Navas *et al.*, 2015). Contudo, observa-se a substituição progressiva dessas formas tradicionais de produção por um modelo dependente da aquisição de alimentos industrializados, com baixo consumo de frutas e hortaliças (Souza; Soares, 2011; Silva; Begossi, 2007).

Nesse contexto, a teoria de Pierre Bourdieu fornece instrumentos analíticos para compreender a alimentação de crianças quilombolas. Conceitos como *habitus*, *campo* e *capital* ajudam a interpretar como as práticas alimentares se constituem a partir das estruturas sociais

e são atravessadas por desigualdades históricas. O *habitus* alimentar das crianças é influenciado pelas experiências cotidianas em família, comunidade e escola, refletindo as disposições culturais transmitidas entre gerações (Patrício *et al.*, 2024; Setton, 2002; Poli, 2021).

As transformações nos hábitos alimentares, estimuladas pela urbanização e pela presença crescente de alimentos processados, geram tensões entre os valores culturais tradicionais e os novos padrões de consumo. Isso pode provocar conflitos simbólicos nas crianças, especialmente quando seus gostos e escolhas alimentares são atravessados por influências externas e midiáticas. A teoria de Bourdieu permite compreender como essas distinções são incorporadas e como afetam a reprodução das desigualdades alimentares (Bourdieu, 1983; Alves, 2008).

Fonseca (2024) corrobora a pesquisa de Silva (2020), ao apontar a associação entre a insegurança alimentar e o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados. O aumento progressivo do consumo de alimentos não saudáveis – processados e ultraprocessados – se alinha ao desejo das crianças por alimentos mais industrializados e menos nutritivos, como salsichas, pão e refrigerantes. Por outro lado, Sá (2024) destaca que a escassez de recursos financeiros e a falta de acesso a alimentos saudáveis afetam as escolhas alimentares das famílias quilombolas, levando as crianças a preferirem alimentos que, embora saborosos, não são benéficos à sua saúde. Esses estudos ressaltam a coexistência entre alimentos in natura, produzidos e coletados na comunidade, e alimentos industrializados, adquiridos externamente, refletindo a interação entre práticas alimentares tradicionais e a influência dos produtos processados na dieta das crianças quilombolas.

Dessa forma, refletir a alimentação das crianças quilombolas requer uma análise que considere tanto os aspectos culturais quanto os determinantes sociais da saúde. Partindo desse pressuposto, este estudo busca compreender as percepções alimentares de crianças quilombolas por meio da metodologia *Photovoice*, valorizando suas vozes, suas imagens e seus modos de significar a alimentação no contexto de suas comunidades.

Destaca-se que nesse contexto, a fotografia atua como meio de expressão simbólica e cultural, permitindo que as crianças representem suas vivências de forma sensível e autêntica. No *Photovoice*, essa linguagem visual amplia a escuta, valoriza os saberes infantis e fortalece o protagonismo das crianças na construção de sentidos sobre sua alimentação e cotidiano (Wang; Burris, 1997; Evangelista *et al.*, 2023).

Diante disso, estabelecem-se as seguintes questões norteadoras: Quais as percepções das crianças quilombolas sobre sua alimentação? Qual o papel da fotografia na expressão dessas compreensões, permitindo traduzir vivências e perspectivas através das imagens? Qual a

relação entre sua alimentação e as questões culturais, sociais e históricas do território em que vivem? Qual o papel da enfermagem na promoção da saúde e na educação alimentar das crianças quilombolas, considerando suas particularidades culturais, sociais e históricas?

1.1 OBJETO DO ESTUDO

Percepções das crianças de comunidades quilombolas sobre sua alimentação.

1.2 PRESSUPOSTO

Neste estudo, parte-se do pressuposto de que as práticas alimentares de crianças quilombolas são social e culturalmente diferenciadas, influenciadas por um *habitus* constituído a partir das experiências históricas, simbólicas e territoriais de suas comunidades. Ao mesmo tempo, essas práticas são tensionadas pelo acesso crescente a alimentos industrializados e processados, oriundos de contextos urbanos, cuja oferta está condicionada ao poder aquisitivo e à infraestrutura de acesso.

Assim, espera-se que as crianças expressem, em suas falas e registros visuais, a predominância de alimentos cultivados, coletados ou preparados no próprio território, em contraste com aqueles de origem externa.

Dessa forma, assume-se também o pressuposto de que suas percepções alimentares podem ser reveladas por meio de imagens e narrativas, capazes de traduzir suas compreensões sobre o cotidiano destas práticas em seu contexto sociocultural, permitindo o acesso a suas dimensões simbólicas e afetivas.

2 JUSTIFICATIVA

A motivação para investigar a percepção dos hábitos alimentares de crianças quilombolas decorre da necessidade de compreender como estas práticas são moldadas pelas referências culturais, históricas, econômicas e territoriais de suas comunidades.

Apesar de existirem leis que garantem o desenvolvimento sustentável das populações tradicionais em seus territórios, como os quilombolas, estes espaços são disputados pelos interesses políticos dos latifundiários e marcados pelo racismo tanto ambiental quanto estrutural. Desse modo, tais comunidades enfrentam dificuldades, como exploração agrícola decorrente da grilagem de terra, expansão de fronteiras agrícolas ilegal para territórios quilombolas, conflito agrário, entre outras situações. Essas vulnerabilidades são frequentemente causadas pela modernização, pelo etnocentrismo, marginalização e pelos interesses econômicos contrários ao seu modo de vida (Aguiar *et al.*, 2023).

A alimentação, a nutrição e a saúde das famílias desses grupos tradicionais dependem, direta e indiretamente, da natureza, uma vez que as fontes alimentares de subsistência estão presentes no próprio território em que se vive, mesmo que de forma limitada, e constituem a base da sua alimentação. Entretanto, nos quilombos, onde a comida deveria ser fruto de atividades como extrativismo vegetal, caça, pesca, roçados e criatórios domésticos de aves, caprinos e suínos, vive-se hoje um processo intenso de transformação dos hábitos alimentares devido à expropriação de seus territórios pelas *commodities* minerais e agrícolas. Além disso, esses alimentos têm sido substituídos por produtos industrializados e de fácil preparação, em razão da facilidade de acesso aos centros urbanos (Corrêa; Silva, 2022; Aguilar *et al.*, 2023).

Comunidades quilombolas no Brasil enfrentam elevados níveis de insegurança alimentar e desnutrição, especialmente no Maranhão. Um estudo de 2015 revelou que 79,9% das famílias quilombolas maranhenses viviam em insegurança alimentar, com 15,1% das crianças menores de cinco anos em desnutrição crônica (Silveira; Padilha; Frota, 2020). Em comunidades rurais do Nordeste, sendo nove quilombolas, 64,9% das famílias estavam em insegurança alimentar, frente a 42% nas demais. Baixa renda, participação no Bolsa Família e domicílios numerosos foram associados ao agravamento do quadro (Silva *et al.*, 2017).

Durante a pandemia de COVID-19, todas as famílias da comunidade quilombola Imbiral Cabeça-Branca (MA) apresentaram insegurança alimentar, sendo 64% em nível grave (Câmara *et al.*, 2024). Em Bequimão (MA), estudo com 143 crianças apontou que 81,8% viviam em insegurança alimentar, com 50,4% nos níveis moderado ou grave (IQUEBEQ, 2022).

Essas condições afetam diretamente a saúde infantil, aumentando o risco de infecções, déficits no desenvolvimento físico e cognitivo e deficiências nutricionais, como anemia, perpetuando o ciclo de exclusão social (Silva *et al.*, 2020). Apesar da gravidade desse cenário, ainda são escassos os estudos que abordam, sob a ótica das próprias crianças, como elas percebem sua alimentação no contexto das comunidades quilombolas. Essa lacuna na literatura acadêmica reforça a necessidade de pesquisas que priorizem metodologias participativas e sensíveis às especificidades culturais desses grupos, contribuindo para a construção de conhecimentos voltados à promoção do cuidado em saúde com base na escuta ativa e no respeito à diversidade (Gomes *et al.*, 2021; Oliveira; Sena, 2018; Ministério da Saúde, 2015).

Diante desse cenário, torna-se necessário adotar abordagens metodológicas que permitam às crianças quilombolas expressar suas experiências e significados relacionados à alimentação, a partir de suas próprias realidades culturais e sociais. Para isso, foi utilizado o Photovoice, método participativo que utiliza a fotografia como instrumento de expressão e investigação (Wang; Burris, 1997; Araújo; Figueiredo, 2022).

Além disso, a utilização do *Photovoice* está em sintonia com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial o ODS 3, que visa assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades. Ao combinar expressão visual com narrativas orais, a metodologia amplia as possibilidades de análise sobre os determinantes sociais da saúde, oferecendo subsídios relevantes para a formulação de estratégias que contemplem as reais necessidades das populações quilombolas, com respeito à sua identidade e ao seu modo de vida (ONU, 2015).

A relevância deste estudo para a área da Enfermagem está diretamente relacionada ao compromisso da profissão com o cuidado integral, equitativo e culturalmente sensível. Ao lançar luz sobre as percepções alimentares de crianças quilombolas, o estudo oferece subsídios para a prática profissional em contextos interculturais, amplia o campo da atenção básica e contribui para a qualificação das ações de promoção da saúde e enfrentamento das iniquidades (Gonsalves; Schraiber, 2021; Alende Prates *et al.*, 2016).

Como prática de cuidado integral, a enfermagem deve desenvolver intervenções culturalmente sensíveis e eficazes, que respeitem os saberes e tradições locais, ao mesmo tempo em que atuem na prevenção de agravos nutricionais e na promoção da saúde. Acredita-se que este estudo auxilie os profissionais de enfermagem sobre as especificidades culturais e sociais que influenciam as práticas alimentares das crianças quilombolas e, consequentemente, seu estado nutricional (Alende Prates *et al.*, 2016; Santos; Nascimento, 2019; Lemos *et al.*, 2021).

3 OBJETIVO

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as percepções de práticas alimentares de crianças quilombolas, à luz do referencial metodológico do *Photovoice*, e do referencial analítico da teoria social de Pierre Bourdieu

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Identificar os alimentos consumidos por crianças quilombolas nas comunidades investigadas;
- Conhecer a relação dessas crianças com sua alimentação e com os alimentos consumidos;
- Identificar as percepções dessas crianças sobre o acesso, a manipulação e o consumo dos alimentos;
- Investigar possíveis influências culturais, econômicas e territoriais sobre a alimentação das crianças investigadas;
- Analisar a coexistência de consumo dos alimentos locais e industrializados pelas crianças, bem como dos fatores que a influenciam.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura contempla os principais conceitos que fundamentam a compreensão das práticas alimentares de crianças quilombolas, articulando aspectos históricos, sociais e culturais. Inicialmente, aborda-se a constituição e a relevância das comunidades quilombolas na América Latina, com ênfase nas especificidades do estado do Maranhão. Em seguida, são apresentados elementos centrais para a análise teórica da pesquisa, como o conceito de criança quilombola, o *habitus* alimentar, o *habitus*, o campo e o capital, com base na teoria de Pierre Bourdieu. Também são discutidos os sentidos atribuídos à cultura no contexto quilombola, além da utilização da fotografia como linguagem expressiva e da metodologia participativa *Photovoice*, que se configuram como estratégias metodológicas essenciais para acessar as percepções infantis sobre alimentação em seus territórios. Com isso, busca-se uma abordagem crítica e integrada dos fatores que influenciam os modos de se alimentar e de viver das crianças quilombolas.

4.1 HISTÓRIA, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL

A palavra “quilombo” tem origem no termo “kilombo”, presente no idioma dos povos Bantu, originários da região onde hoje se localiza Angola. No idioma kimbundu, “kilombo” refere-se a um “acampamento guerreiro” ou “local de pouso temporário”, utilizado pelos grupos que se organizavam para resistir à opressão colonial (Almeida, 2011). No Brasil, esse termo passou a designar os territórios formados por pessoas negras escravizadas que fugiam da escravidão e encontravam refúgio coletivo nas matas.

Os quilombolas não se agruparam em uma única região nem possuíam uma origem geográfica específica. Sua ancestralidade comum é africana, marcada pela fuga, resistência e reterritorialização em solo brasileiro. Ao longo da história colonial e imperial brasileira, diversos quilombos foram identificados. O Quilombo dos Palmares foi o mais conhecido. Localizado na Serra da Barriga (atual estado de Alagoas), abrigou cerca de 20 mil habitantes no século XVII, sob liderança de Zumbi dos Palmares (Silva *et al.*, 2022; Gomes, 2015).

A atual legislação brasileira reconhece as comunidades remanescentes de quilombos. Esses territórios são compreendidos como grupos étnico-raciais definidos por critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, presunção de ancestralidade negra e formas específicas de relação com o território (Brasil, 2003). Elas se destacam por identidade étnica

singular, modos de organização social próprios e, em sua maioria, localização em áreas rurais. O processo histórico de escravização deixou marcas profundas, gerando desigualdades sociais e de saúde que persistem até os dias atuais, como dificuldades no acesso à educação, saúde, alimentação adequada e saneamento (Bezerra *et al.*, 2014; Sousa *et al.*, 2022).

Na América Latina, a presença de comunidades afrodescendentes que compartilham características históricas, sociais e culturais similares às comunidades quilombolas é amplamente reconhecida. Na Colômbia, por exemplo, são denominadas “comunidades negras”; no Equador, identificam-se como “povos afroequatorianos”; e em países como Suriname, Honduras, Belize e Nicarágua, há coletividades afrodescendentes que preservam modos de vida, formas de organização e expressões culturais enraizadas na resistência à escravidão. Essas populações compartilham uma trajetória marcada pela exclusão histórica, pelo racismo estrutural e pela luta pelo reconhecimento de seus direitos coletivos, em especial o direito ao território e à autodeterminação (Andrade; Bellinger, 2009).

O marco jurídico da região avançou no reconhecimento de direitos, em resposta à mobilização dos movimentos afrodescendentes e ao fortalecimento de instrumentos internacionais de combate ao racismo. No plano constitucional, destacam-se os casos da Colômbia (1991), do Brasil (1988) e do Equador (2008), cujos textos constitucionais garantem a proteção dos direitos territoriais, culturais e identitários dessas comunidades. Além disso, diversos países latino-americanos adotaram legislações nacionais específicas e ratificaram convenções internacionais voltadas à promoção da igualdade racial e à proteção dos direitos dos afrodescendentes, em consonância com o direito internacional dos direitos humanos (CEPAL; UNFPA, 2020).

No Brasil, apesar de a escravidão ter sido formalmente abolida em 1888, as comunidades quilombolas seguem em condição de acentuada vulnerabilidade social. Particularmente na área da saúde, enfrentam desafios críticos. Estudos indicam que a prevalência da autopercepção negativa de saúde é elevada entre quilombolas, e os índices de doenças crônicas, como hipertensão, diabetes, obesidade, bem como de hábitos prejudiciais como o tabagismo e o etilismo, superam os da população em geral. Essas disparidades são reflexo de iniquidades historicamente construídas, cujas raízes estão no racismo institucional, que atua como um mecanismo estruturante de exclusão seletiva da população negra em relação aos direitos sociais fundamentais. Assim, a perpetuação das desigualdades no campo da saúde reforça um quadro de morbimortalidade elevado entre pessoas negras e quilombolas, que de forma geral, apresenta as maiores taxas de mortalidade (Freitas *et al.*, 2011; Cobo; Cruz; Dick, 2021; Rodrigues; Pfaffenbach; Zanatta, 2021).

Além dos impactos sanitários, há um déficit significativo na produção científica voltada para a realidade das comunidades quilombolas latino-americanas. A literatura ainda apresenta lacunas importantes quanto ao modo como essas comunidades são afetadas por desigualdades econômicas, políticas e culturais. A ausência de dados estatísticos desagregados e de estudos intersetoriais dificulta uma análise mais precisa sobre as dinâmicas de exclusão que enfrentam. Em uma revisão sistemática realizada por Lima, Santos e Ferreira (2023), verificou-se que, nos últimos 20 anos, poucos estudos abordaram as desigualdades econômicas e políticas que incidem sobre os quilombolas no Brasil. Os autores apontam a invisibilidade dessas comunidades nas análises econômicas convencionais como um fator de perpetuação da exclusão e marginalização (Feldman; Liborio, 2021).

Do ponto de vista cultural, observa-se também uma escassez de pesquisas sobre as práticas culturais quilombolas, especialmente aquelas que valorizem o protagonismo comunitário e o conhecimento tradicional. Os estudos ainda são insuficientes para retratar a diversidade e riqueza simbólica dessas comunidades. Ribeiro *et al.* (2023), em estudo sobre a “cultura invisível” das comunidades quilombolas brasileiras, apontam a ausência de abordagens participativas e interdisciplinaridade nos processos de coleta e análise de dados, além da pouca inclusão de membros das comunidades enquanto sujeitos ativos na pesquisa. Os autores defendem que é urgente o fortalecimento de iniciativas que promovam a valorização, preservação e transmissão das tradições culturais quilombolas.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de ampliar e diversificar os estudos sobre as comunidades quilombolas, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. As lacunas existentes na literatura científica limitam a construção de políticas públicas efetivas, dificultam a elaboração de ações genuinamente inclusivas e sustentam a invisibilidade social e estatística desses povos. Estudos que adotem uma abordagem colaborativa e participativa, com escuta qualificada das comunidades e valorização de seus saberes, são essenciais para responder a essas demandas e promover justiça social e epistêmica (Santos, 2021).

No contexto brasileiro, os desafios cotidianos das comunidades quilombolas vão além da saúde e da cultura. Segundo dados do IBGE (2024), em territórios oficialmente delimitados como quilombolas, cerca de 90% dos moradores convivem com algum grau de precariedade no saneamento básico, seja em relação ao acesso à água potável, ao esgotamento sanitário ou à coleta de resíduos sólidos. Essa realidade reforça a urgência de políticas estruturantes que reconheçam a especificidade dos territórios quilombolas e a centralidade da equidade no planejamento e execução de políticas públicas.

4.2 PANORAMA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO MARANHÃO

O estado do Maranhão conta com expressiva quantidade de comunidades quilombolas, que resultam de um conjunto de fatores históricos, geográficos e econômicos que favoreceram a permanência e resistência desta população negra ao longo dos séculos. Durante o período colonial e imperial, o Maranhão destacou-se como uma região de intensa exploração do trabalho escravizado, sobretudo voltado à produção agrícola e ao extrativismo. Com o declínio das atividades econômicas no final do século XIX e início do século XX, muitas fazendas foram abandonadas, permitindo que famílias negras permanecessem nos territórios anteriormente ocupados por senhores de escravizados, consolidando assim formas autônomas de ocupação e organização social (Assunção, 1996; Nascimento, 2021).

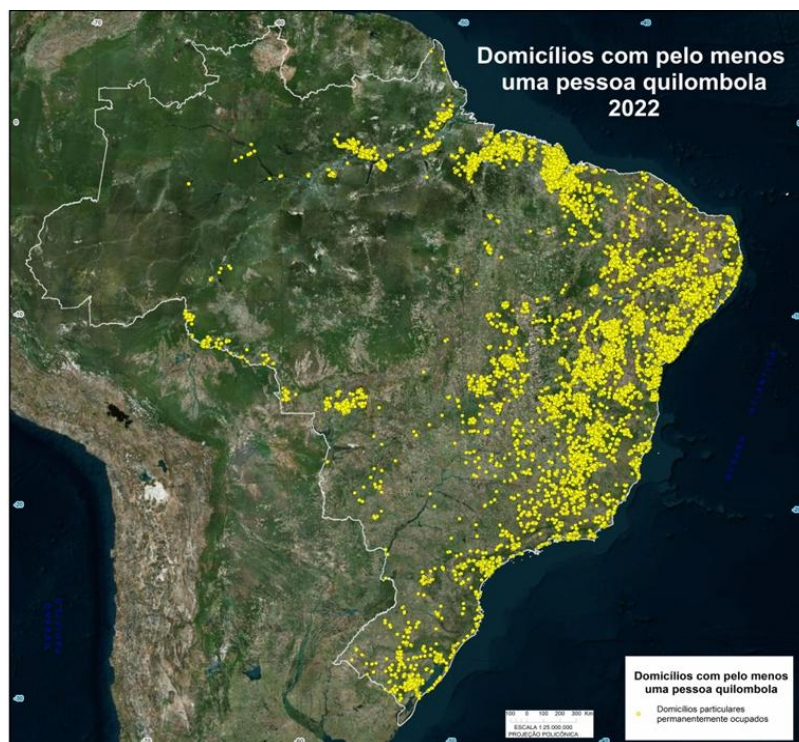
A configuração histórica das comunidades quilombolas no Maranhão é marcada não apenas pela resistência à escravidão, mas também por processos específicos de reorganização territorial após a abolição. Muitas das terras atualmente ocupadas por comunidades quilombolas não foram, necessariamente, originárias de antigos quilombos do período escravocrata, mas resultaram de estratégias diversas, como a doação de terras por antigos senhores, o abandono de fazendas após o declínio econômico, a compra de pequenas propriedades por ex-escravizados ou mesmo recompensas recebidas por serviços prestados em conflitos armados, como na Guerra do Paraguai (Assunção, 1996; Almeida; Silva, 2009).

Além do aspecto histórico, os elementos geográficos também foram determinantes para a formação e permanência das comunidades quilombolas. As regiões da Baixada Maranhense, dos vales do Itapecuru e do Mearim, entre outras áreas alagadas ou de difícil acesso, tornaram-se espaços de refúgio estratégico. Esses territórios ofereceram condições para que os descendentes de africanos escravizados resistissem à repressão e à expulsão, preservando suas práticas culturais, modos de vida e relações com a terra. Essa configuração territorial explica, em parte, por que o Maranhão se destaca como o segundo estado brasileiro com maior número de comunidades quilombolas reconhecidas (Assunção, 1996; CEPAL; UNFPA, 2020).

Atualmente, o estado do Maranhão contabiliza 899 comunidades quilombolas reconhecidas, das quais 634 possuem certidões de autodefinição emitidas pela Fundação Cultural Palmares. Essas comunidades estão majoritariamente concentradas na região da Baixada Maranhense e nos vales dos rios Itapecuru e Mearim, áreas de forte presença histórica e cultural afrodescendente. No panorama nacional, o Maranhão ocupa o segundo lugar em número de comunidades certificadas, sendo superado apenas pela Bahia, que tem 865 comunidades reconhecidas e 703 certidões emitidas (Fundação Cultural Palmares, 2024).

O estado do Maranhão possui a segunda maior população quilombola do Brasil, segundo dados coletados no Censo do IBGE e divulgados em julho de 2023. São 269.074 mil pessoas que se autodeclaram quilombolas e vivem em 32 municípios maranhenses. Desses, o município de Bequimão possui uma população quilombola de 4.475 mil pessoas (Froes, 2023; IBGE, 2023). A Figura 1 retrata o censo demográfico de 2022 e apresenta a população residente e os quilombolas por localização do domicílio, representados pelos pontos amarelos.

Figura 1 – Censo demográfico 2022, população residente - Quilombola por localização do domicílio



Fonte: IBGE (2022).

A exemplo disso, há o município de Bequimão, com 11 comunidades remanescentes de quilombos já certificadas pela Fundação Cultural Palmares: Ariquipá, Conceição, Juraitá, Marajá, Mafra, Pericumã, Ramal do Quindíua, Rio Grande, Santa Rita, Sibéria e Suassuí. Ao longo dos anos, os descendentes dessas comunidades têm lutado para preservar a memória de seus ancestrais e repassar os mesmos valores às gerações futuras. Em suas famílias, a maioria é formada por agricultores e pescadores, que utilizam os recursos naturais para sobreviver (Jesus *et al.*, 2022).

Apesar de o número de estudos sobre a situação de saúde dos quilombolas ter aumentado nos últimos anos, ainda representam apenas uma pequena fração dos estudos sobre a população

negra. Os estudos disponíveis revelam problemas de saúde, qualidade de vida, saneamento básico e acesso a serviços sociais e de saúde, especialmente entre os extremos de idade, ou seja, idosos e crianças (Silva *et al.*, 2022).

No Maranhão e no Brasil, observa-se na literatura uma limitação a respeito do acesso à saúde para essa comunidade. Observa-se também o fato de muitas comunidades quilombolas estarem localizadas em áreas remotas e de difícil acesso dificulta o deslocamento dessa população para as unidades de saúde, e as estradas ruins ou inexistentes agravam essa situação, sobretudo durante a estação chuvosa (Lima; Quaresma; Maciel, 2023; Silva *et al.*, 2023).

Outros aspectos relacionados a essa questão são a infraestrutura não adequada das unidades de saúde próximas à comunidade e especialmente a capacitação dos profissionais de saúde para o atendimento dessa população. Percebe-se, então, que são várias as barreiras enfrentadas pelas comunidades quilombolas para ter acesso à saúde. Porém, investimentos direcionados a mitigar essas limitações pode-se induzir a promoção de um acesso mais equitativo à saúde a essas comunidades, assegurando assim os recursos e o suporte necessários para uma vida saudável e digna (Lima; Quaresma; Maciel, 2023; Silva *et al.*, 2023).

Nessa população, todas as faixas etárias merecem atenção e cuidado, com destaque para as crianças, que são titulares dos direitos fundamentais inerentes ao ser humano, entre os quais, o direito à dignidade. O Artigo 227 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, entre outros. Portanto, o ECA determina que a alimentação é um direito social e o Estado tem o dever de assegurar a efetivação desse direito (Brasil, 1990).

4.3 CRIANÇAS QUILOMBOLAS E SEUS ASPECTOS NUTRICIONAIS

O direito à alimentação é imprescindível para todos os cidadãos e, no que diz respeito às crianças, ele é definido no ECA, em seu artigo nº 227. Nesse contexto, surge a necessidade de trazer à discussão o conceito de segurança alimentar e nutricional, definido como o direito de todos ao acesso a alimentos seguros, saudáveis e nutritivos em quantidades adequadas, respeitando as preferências culturais e sociais (Brasil, 1990).

A fome é um fenômeno complexo que tem sido definido, observado e analisado sob diversas perspectivas. Inicialmente, seu estudo restringia-se a parâmetros como o índice de massa corporal e a ingestão calórica, com foco no balanço energético. Entretanto, essa

abordagem passou a ser criticada por negligenciar fatores contextuais, e a compreensão contemporânea da fome passou a considerar aspectos sociais, culturais, psicológicos e ambientais. Atualmente, compreende-se a fome como um processo gradativo, com variações de intensidade, qualidade e frequência de acesso ao alimento. Instrumentos como escalas de (in)segurança alimentar domiciliar e inquéritos nutricionais têm contribuído para essa abordagem mais abrangente (Schall *et al.*, 2022).

Dessa forma, a nutrição e a alimentação de crianças quilombolas são questões centrais na promoção da saúde e no desenvolvimento sustentável dessas comunidades. As práticas alimentares dessas crianças são influenciadas por tradições culturais que envolvem o consumo de alimentos frescos e naturais, cultivados localmente. Essas práticas são essenciais para garantir uma dieta balanceada, rica em nutrientes, que contribui para o crescimento saudável e o bem-estar dessas crianças. Porém, as mudanças socioeconômicas e a maior exposição a alimentos industrializados têm trazido desafios para a manutenção de uma nutrição adequada, ameaçando a saúde e o desenvolvimento das crianças quilombolas (Silva *et al.*, 2021).

Apesar da escassez de dados sobre o consumo alimentar de populações quilombolas, principalmente das crianças, os estudos apontam que mesmo as comunidades isoladas geograficamente e carentes do ponto de vista socioeconômico acompanham a tendência de consumo de alimentos ultraprocessados, com a presença desses produtos em sua alimentação. Esses alimentos, frequentemente mais acessíveis economicamente, podem levar ao aumento da incidência de problemas de saúde como obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares, condições anteriormente raras nessas comunidades. Essa mudança alimentar ameaça a saúde e a cultura quilombola, uma vez que desvaloriza alimentos tradicionais e práticas alimentares que constituem a identidade cultural dessas comunidades (Brasil, 2021a).

As Comunidades quilombolas constituem um dos grupos populacionais tradicionais com características de vulnerabilidade para doenças e agravos nutricionais, com acesso prioritário a programas sociais de combate à fome e de desenvolvimento social. São afetadas por problemas carenciais e pelas Doenças Crônicas Não Transmissíveis, bem como pelas mudanças importantes no padrão de alimentação que afetam a população como um todo (Pacheco, 2019).

Os hábitos e escolhas alimentares refletem a identidade de um povo, especialmente em comunidades tradicionais como os quilombolas. Mesmo diante de dificuldades no acesso aos alimentos, a alimentação é influenciada por crenças, valores, costumes e conhecimentos tradicionais compartilhados. Contudo, é importante mencionar as desigualdades econômicas entre esses grupos populacionais, que podem contribuir para as diferenças observadas (Sousa

et al., 2019).

Estudo realizado com famílias quilombolas no estado do Pará revelou altos consumos de café adoçado, feijão, arroz e farinha de mandioca, mas baixa participação de verduras, legumes e frutas na dieta dos entrevistados. Além disso, apontou que alimentos como pão, leite de vaca, macarrão, margarina e bolacha salgada eram utilizados comumente para diversificar a alimentação. E as fontes proteicas incluíam carne vermelha (silvestre ou não), pescado, charque, frango e ovos de galinha (Corrêa; Silva, 2021).

No estado do Maranhão, estudo realizado com 372 crianças quilombolas menores de 60 meses, residentes nos municípios de Penalva e Viana, evidenciou prevalência de déficit estatural de 15,1% e déficit de peso para estatura de 7%. Tais índices superam os valores esperados para a população geral, que variam entre 2% e 3%, sendo indicativos de risco nutricional relevante. A baixa estatura materna ($< 1,497$ m) foi a única variável associada de forma estatisticamente significativa ao déficit estatural infantil, indicando o caráter intergeracional da desnutrição (Silveira *et al.*, 2020).

A análise também apontou que a maioria das famílias das crianças avaliadas estava inserida nas classes econômicas D e E, com 88,6% vivendo sem esgotamento sanitário adequado, 95% utilizando água de poço ou barreiro, e 93% descartando lixo por queima ou enterramento. Tais condições, associadas à informalidade nos vínculos trabalhistas e baixa escolaridade, contribuem para a manutenção da insegurança alimentar e da desnutrição infantil. O estudo reforça que a desnutrição continua sendo um grave problema de saúde pública em comunidades remanescentes de quilombos do Maranhão, agravado pela invisibilidade estatística e pela negligência histórica do Estado (Silveira *et al.*, 2020).

Para enfrentar esses desafios, é crucial que as políticas públicas de nutrição e saúde sejam adaptadas às realidades das comunidades quilombolas, respeitando suas especificidades culturais e promovendo uma educação alimentar que valorize os alimentos tradicionais. Programas de merenda escolar, por exemplo, devem incluir alimentos locais e minimizar a oferta de ultraprocessados, contribuindo para a manutenção de hábitos alimentares saudáveis entre as crianças. A implementação de estratégias como a promoção de hortas comunitárias e a valorização dos conhecimentos tradicionais sobre alimentação são essenciais para fortalecer a segurança alimentar e nutricional das crianças quilombolas, garantindo que elas cresçam saudáveis e mantenham uma forte conexão com suas raízes culturais (Oliveira *et al.*, 2023).

A cultura alimentar, nesse contexto, ultrapassa a dimensão nutricional e representa um modo de vida, uma forma de resistência e pertencimento. Ao formular políticas públicas, é

imprescindível considerar essas dimensões simbólicas, a fim de proteger sistemas alimentares baseados em alimentos in natura e promover justiça alimentar e social (Afonso *et al.*, 2019).

A alimentação e a nutrição infantil em comunidades quilombolas constituem dimensões centrais para o desenvolvimento integral dessas populações, dada sua condição de vulnerabilidade socioeconômica e histórica. No entanto, essas temáticas têm recebido pouca atenção na produção científica nacional, sendo frequentemente invisibilizadas nos estudos sobre segurança alimentar e nutricional. Diversas revisões apontam a existência de lacunas expressivas na literatura acadêmica, especialmente quanto à ausência de dados específicos e desagregados por raça, etnia e território (Afonso; Corrêa; Silva, 2019; Pinto *et al.*, 2014).

Estudos recentes demonstram que a produção de conhecimento sobre a alimentação quilombola infantil ainda é incipiente e fortemente concentrada em recortes geográficos específicos, como na região Norte e em áreas tituladas, o que reforça a urgência de pesquisas com abordagens interseccionais e metodologias participativas (Corrêa; Silva, 2022; Silva *et al.*, 2025). A literatura carece de estudos longitudinais, análises de impacto de políticas específicas e investigações que articulem os saberes tradicionais com os direitos sociais à saúde e à alimentação (Santos; Silva; Costa, 2024).

Nesse contexto, a garantia da alimentação e nutrição de crianças quilombolas devem ser reconhecidos como parte fundamental dos compromissos assumidos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente os relacionados à erradicação da pobreza (ODS 1), saúde e bem-estar (ODS 3), educação de qualidade (ODS 4), acesso à água potável e saneamento (ODS 6) e redução das desigualdades (ODS 10).

Todavia em revisão de escopo conduzida por Lacerda, Lima e Oliveira (2024) ainda são escassos os estudos que abordam de forma integrada os determinantes sociais da saúde à luz dos ODS. Assim, para que se alcance efetivamente os ODS, é imprescindível garantir a inclusão dessas comunidades nos programas de segurança alimentar e nutricional, com investimentos em educação em saúde, saneamento básico e valorização dos saberes tradicionais, promovendo justiça social e equidade em saúde. Essa escassez dificulta o delineamento de políticas públicas eficazes e culturalmente adequadas, capazes de atender às necessidades singulares de crianças quilombolas. A invisibilidade dessas crianças nas políticas públicas e nos sistemas de informação oficial reflete a urgência de fortalecer ações intersetoriais que considerem seus contextos territoriais, culturais e econômicos (Lacerda; Lima; Oliveira, 2024).

4.4 A PRÁTICA ALIMENTAR DA CRIANÇA QUILOMBOLA E SEU ENCONTRO COM A TEORIA SOCIAL DE BOURDIEU

O estado de saúde inclui o estado nutricional de uma população, região ou área geográfica. Serve também como indicador socioeconômico da sua realidade social. O comportamento alimentar do ser humano é moldado comunitariamente. As práticas alimentares são estruturadas socialmente por meio da influência da família, do sistema educativo e cultural, das relações sociais entre pares ou amigos (Jimenez-Benitez *et al.*, 2010).

Teorias sociais são úteis na compreensão de fenômenos sociais. A teoria bourdieusiana oferece conceitos fundamentais para compreender os comportamentos e atitudes dos indivíduos em seu meio social. A gênese da teoria bourdieusiana se dá em meio a uma França em pleno processo de mudança social, econômica e cultural. O filósofo Pierre Bourdieu introduziu conceitos como *habitus*, capital e campo, que, juntos, proporcionam uma análise profunda das dinâmicas sociais. O *habitus* refere-se às disposições duradouras e transferíveis adquiridas ao longo da vida, moldando a maneira como os indivíduos percebem e interagem com o mundo. O conceito de capital, segundo Bourdieu, abrange diferentes formas de recursos que os indivíduos mobilizam para garantir posições e vantagens em determinados espaços sociais. Pode assumir as formas econômica (recursos financeiros e patrimoniais), social (redes de relações e conexões), cultural (conhecimentos, competências e títulos escolares) e simbólica (prestígio, reconhecimento e legitimidade). Esses capitais não são distribuídos igualmente e influenciam diretamente as possibilidades de ação e de acesso aos direitos. Já o campo é definido como o espaço social estruturado onde ocorrem disputas e relações de poder entre agentes que compartilham interesses comuns, como os campos educacional, político ou cultural. Cada campo possui regras próprias e hierarquias internas, sendo o capital o principal instrumento de diferenciação entre os agentes que nele atuam (BOURDIEU, 1986).

Habitus, um conceito central na obra de Pierre Bourdieu, refere-se às disposições duradouras e transferíveis que os indivíduos adquirem ao longo de suas vidas, moldadas pelas condições materiais de sua existência. Este termo, que não se refere apenas a hábitos cotidianos, mas a um conjunto mais profundo de práticas, crenças, percepções e sentimentos, caracteriza a maneira como o indivíduo interage com o mundo e com a sociedade (Thiry-Cherques, 2006).

O *habitus* é gerado a partir das experiências sociais e culturais vividas ao longo do tempo, refletindo as estruturas sociais que condicionam as ações e decisões dos indivíduos. Esses conceitos, originados da vivência social e da observação dos comportamentos, possibilitam ao pesquisador utilizar ferramentas poderosas para entender as complexas relações

e desigualdades presentes na sociedade. O *habitus*, nesse contexto, denota o caráter inovador e atemporal da obra de Bourdieu, pois permite entender como as relações sociais se processam em sua plenitude e sem qualquer julgamento de valor. Isso proporciona uma visão mais clara e respeitosa do cotidiano de vida do indivíduo em sociedade. Como destaca Greenfell (2018), o *habitus* é estruturado pelas condições materiais de existência e gerador de práticas, crenças, percepções e sentimentos condizentes com a sua estrutura, refletindo o impacto da sociedade nas ações cotidianas dos indivíduos.

O conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu, é dinâmico e dialético, diferindo do hábito estático e mecânico. Bourdieu vê o *habitus* como um princípio gerador e inventivo das práticas, moldado pela história. Esse conceito, junto com campo e capital, é central na sociologia de Bourdieu. O *habitus* medeia entre ação e estrutura, indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade, fenomenologia e objetivismo (Monteiro, 2018).

Para Bourdieu, a ação social não pode ser compreendida apenas pelo testemunho dos indivíduos, pelos seus sentimentos, pelas explicações ou reações pessoais. É necessário investigar o que está por trás desses fenômenos e manifestações. Bourdieu utiliza o estruturalismo como método, mais do que como uma teoria explicativa, e adota um construtivismo fenomenológico, que procura encontrar, na interação entre agentes (indivíduos e grupos) e instituições, uma estrutura que influencia pensamentos e ações (Thiry-Cherques, 2006).

Ratificando ainda mais a influência familiar pode exercer certo domínio sobre os hábitos alimentares dos filhos, isso se comprova em estudos que associam o tipo de educação familiar à maior ou menor probabilidade de serem acometidos por doenças, como exemplo, pais que não possuem hábitos alimentares saudáveis tendem a deixar a criança escolher o tipo de alimento que irá comer, bem como a hora e a quantidade, aumentando, por consequência, as possibilidades de essa criança vir a ter sobrepeso, ou obesidade (Lima *et al.*, 2022).

No que concerne às áreas rurais, essas apresentam diferentes padrões ecológicos e sociais, assim como formas de envolvimento com o mercado, levando à diferenciação da identidade alimentar dessas populações, que assimilam novos padrões de consumo e estruturas do cotidiano (Sousa *et al.*, 2017). A exemplo disso, em estudo realizado sobre comunidades quilombolas da Amazônia, foi evidenciado que o acesso aos alimentos é feito por meio da pesca artesanal, da caça e da criação de animais de pequeno porte. Outra prática cotidiana é a horticultura e, para complementar a renda familiar e ter acesso a alimentos básicos, os moradores da comunidade praticam o extrativismo de cipós para a confecção de peneiras e abanos de uso doméstico e para venda, e de sementes para a produção de colares e adornos.

Como forma de dinamizar a economia doméstica, as famílias atendem o programa de alimentação escolar por meio do fornecimento de produtos (Corrêa; Silva, 2021).

Povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, reconhecem-se como tais, contam com formas próprias de organização social, ocupam territórios e dependem de recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando-se, para tanto, de conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Apesar de todo o arcabouço legal para assegurar seu desenvolvimento, diversas vulnerabilidades sociais ainda são vivenciadas nos territórios desses povos, atribuídas à influência de um paradigma de modernização, etnocentrismo, marginalização e interesses econômicos adversos a seu *modus vivendi* (Aguiar *et al.*, 2023).

Nesse cenário, estudos atuais revelam que há algumas áreas críticas que ainda necessitam de uma compreensão mais profunda e abordagem mais inclusiva. Assim, observa-se que a maior parte dos estudos sobre hábitos alimentares das crianças quilombolas é restrita, particularmente em relação aos dados específicos e detalhados sobre a temática. A maior parte das pesquisas direcionam a temática para as populações quilombolas em geral, e adultas, evidenciando-se a falta de uma análise aprofundada das práticas alimentares específicas de crianças nessas comunidades (Miquitaio *et al.*, 2023).

Apesar de haver estudos que descrevem sobre a saúde nutricional de crianças quilombolas e seus hábitos, percebe-se uma escassez sobre o impacto direto dessa nutrição na cognição e no desenvolvimento físico dessas crianças. Além disso, percebe-se a necessidade de estudos que comparem a prática tradicional da cultura com a alimentação atual, pois, atualmente, existe um processo de transição da alimentação moderna e as comunidades quilombolas, em especial as crianças, estão passando por ele. Por fim, a literatura contemporânea também aponta para uma falta de políticas públicas eficazes que assegurem o direito à alimentação adaptada e apropriada para crianças quilombolas, visto que a integração das necessidades específicas das crianças quilombolas nas políticas de segurança alimentar e nutricional ainda é insuficiente (Linhares *et al.*, 2024; Almeida, 2023).

4.5 A TEORIA SOCIAL DE BOURDIEU E ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A noção de sociedade presente na obra de Pierre Bourdieu é diferente da que muitos sociólogos utilizam e utilizaram ao longo do tempo. Contraposta a visões lineares, como a da sociologia marxista, a noção de sociedade em Pierre Bourdieu é substituída pela noção de mundo social, e a noção de estrutura social é substituída pela noção de campo, que passa a ser

a unidade explicativa de grande escala utilizada pelo pensador. Para compreender o que Bourdieu chama de mundo social (e que conjuga estruturas, indivíduos, grupos, *habitus* e diversas modalidades de capital), devemos entender que, para este autor, o espaço social é composto por campos, os quais se compõem de diversas forças sociais atuantes, forças essas encarnadas nas estruturas e nos agentes (Brasil, 2021a).

O *habitus* é uma estrutura cognitiva formada num indivíduo, que se inicia desde a infância, sendo estruturada a partir da prática; e a representação social do ambiente fundamentará o nascimento de um comportamento ou de uma ação que, através de situações específicas, cria um *habitus* antigo e um *habitus* novo. Todo esse contexto inserido em um campo (Nur, 2021).

O campo mencionado em várias obras de Bourdieu tem um aspecto significativo sendo abordado por vários autores que falam de sua obra. Um exemplo de sua utilização é a analogia feita do campo de futebol, com o campo social onde as posições são ocupadas por agentes (pessoas ou instituições), assim, o que acontece no campo é, consequentemente, limitado, ou seja, existem limites e regras ao que pode ser feito, e o que pode ser feito também é moldado pelas condições do campo (Grenfell, 2018). Dessa forma, os agentes, ao conhecerem as regras, tendem também a conhecer suas funções, papéis e atitudes conforme sua atuação no campo.

O capital, outra ferramenta incorporada ao arcabouço teórico de Bourdieu, requer um entendimento de um amplo sistema de trocas em que bens de diversas naturezas são transformados e permutados dentro de redes e circuitos complexos, assim, os tipos diferentes de capital são capazes de existir em formas diferentes, como, por exemplo, o capital cultural, capital econômico, capital simbólico. O capital econômico, na forma de diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais), é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas aos investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis a curto e longo prazo (Grenfell, 2018; Bonamino *et al.*, 2010).

A família, na construção do capital social, tem sido apresentada em duas perspectivas. A primeira, examina a construção do capital social no interior das redes familiares e a importância disso para o desenvolvimento escolar e cognitivo dos filhos. A segunda, o ângulo focaliza o papel das famílias na construção de capital social extrafamiliar, ou seja, em redes fora do lar e no interior de contextos econômicos, estatais e/ou comunitários, formais e informais (Bonamino *et al.*, 2010).

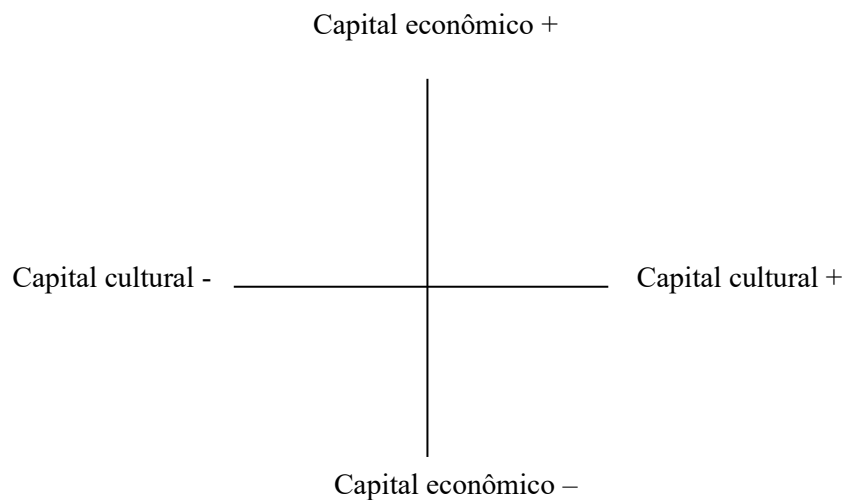
As famílias desempenham um papel fundamental na construção do capital social e

cultural, fatores esses que podem influenciar diretamente as escolhas alimentares, sejam elas voltadas para alimentos saudáveis, sejam para ultraprocessados. O capital social, quando analisado dentro das redes familiares, pode ser um fator protetor para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. Isso ocorre quando as famílias, por meio de suas interações e trocas sociais, constroem redes de apoio que incentivam o consumo de alimentos naturais, como frutas e vegetais, em detrimento de alimentos ultraprocessados. Além disso, o capital cultural - entendido como o conjunto de conhecimentos, práticas e valores transmitidos dentro do núcleo familiar - pode moldar o comportamento alimentar. Famílias com um capital cultural mais elevado, no sentido de maior conhecimento sobre nutrição e saúde, tendem a oferecer uma alimentação mais balanceada para seus filhos, protegendo-os da atração por alimentos ultraprocessados (Bourdieu, 1986; Fazolo, 2023)

Por outro lado, o capital social extrafamiliar, que se refere às interações das famílias em redes fora do lar, em contextos econômicos e comunitários, pode impactar negativamente as escolhas alimentares. Comunidades com maior acesso a alimentos ultraprocessados, por exemplo, ou redes sociais que não incentivam a troca de práticas alimentares saudáveis, podem promover hábitos alimentares prejudiciais. Nesse contexto, o capital social e cultural pode agir como elementos de vulnerabilidade, levando as famílias a se engajarem no consumo de alimentos não saudáveis devido à falta de recursos ou à ausência de apoio em redes sociais mais saudáveis (Putnan, 2000).

De acordo com a Figura 4, que mostra a interação entre os campos do capital cultural e do econômico, a construção de capital social no interior das redes familiares e extrafamiliares pode se apresentar tanto como um fator protetor quanto um risco para o consumo de alimentos saudáveis, dependendo da configuração das redes e do acesso à informação e aos recursos. Portanto, a dinâmica entre esses tipos de capital pode ajudar a compreender a maneira como as famílias e seus contextos sociais e culturais afetam o consumo de alimentos e, consequentemente, a saúde dos indivíduos que delas fazem parte.

Figura 2 – Posições de campo representando o capital cultural e econômico



Fonte: Grenfell (2018).

Sob essa ótica, este estudo adotou como teoria de base os princípios sociológicos desenvolvidos por Pierre de Bourdieu. Acredita-se que esse arcabouço teórico, permite conhecer os significados atribuídos pelas crianças quilombolas aos alimentos, considerando os aspectos históricos, culturais, econômicos e políticos envolvidos e, fundamentalmente, respeitando a perspectiva apresentada pelas crianças. Dessa maneira, trabalhar a percepção das crianças sobre sua alimentação é uma forma de estimulá-las a ter hábitos saudáveis, além de mostrar a importância da nutrição e valorizar a diversidade cultural e dos alimentos.

O *habitus* é a expressão corporal de nossas experiências sociais. Ele revela como o corpo, moldado pela sociedade, integra de forma coerente os valores (*ethos*) e preferências (gosto). É através do corpo socializado que se vivencia e reproduz-se as normas e as expectativas sociais. Nesse contexto, a cultura é um conjunto de significados e práticas que habitam os corpos e mentes, influenciando a forma de o indivíduo perceber e interagir com o mundo (Monteiro, 2018).

Ademais, a cultura é um conjunto de significações e sentidos que os agentes sociais elaboram a partir de suas posições no espaço social. Essas posições são sempre situadas em um contexto de classe, o que significa que a cultura não pode ser compreendida sem considerar os agentes e seus corpos, que estão inseridos em um campo de forças marcado por interesses e divisões de classe. Em outras palavras, a cultura é objetivada em práticas que estão diretamente relacionadas às posições de classe dos agentes e suas condições materiais de existência (Bourdieu, 1979).

A partir dessa perspectiva, ela é moldada pela posição social ocupada pelo indivíduo na sociedade, especialmente pela classe social. Assim, para Bourdieu, a cultura não é algo neutro, mas sim um campo de forças onde diferentes classes sociais disputam significados e poder, assim, as ações e escolhas são condicionadas pelas estruturas sociais e pela posição que se ocupa dentro delas (Monteiro, 2018). Portanto, a cultura é como um grande jogo que se aprende a jogar desde pequeno, e as regras desse jogo, as brincadeiras, as histórias, a família, a escola, tudo isso, moldam a forma de pensar e agir no mundo.

Ao considerar a criança quilombola nesse contexto, percebe-se como o *habitus* e a cultura se entrelaçam de forma singular. Essa criança, desde seus primeiros anos de vida, é imersa em um universo cultural rico e complexo, marcado pela história de resistência e luta de seu povo. Seu corpo, desde cedo, incorpora práticas, valores e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Tal questão pode ser verificada nas obras *Os herdeiros*, de Bourdieu, e *A reprodução*, de Passeron, na quais os autores, ao conceituarem herança cultural de forma ampla, demonstram como as desigualdades sociais são transmitidas de geração em geração e reforçadas pelas instituições educacionais (Valle, 2022).

4.6 AMETODOLOGIA *PHOTOVOICE* E A PARTICIPAÇÃO INFANTIL NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SAÚDE

A foto-elicitación, técnica que usa fotografias como ponto de partida para diálogos profundos, ganhou força nas pesquisas com adultos a partir dos anos de 1950. Nos anos 1990, o conceito de *Photovoice* ampliou essa abordagem, permitindo que grupos marginalizados, incluindo crianças, usassem a fotografia para se expressar e promover mudanças. Inspirados em Freire, pesquisadores como Wang e Burris viram na fotografia uma ferramenta poderosa para o empoderamento infantil, incentivando assim crianças a explorar as suas próprias realidades e a construir narrativas visuais sobre suas vidas. Ao capturar suas perspectivas únicas, o *Photovoice* oferece às crianças uma voz e a oportunidade de influenciar as decisões que as afetam (Sturges, 2023).

O *Photovoice* é uma metodologia que permite obter informações sobre a comunidade por meio da fotografia, sem a necessidade de palavras. É uma abordagem participativa que permite que indivíduos e comunidades identifiquem, reflitam e representem suas experiências e preocupações. Essa metodologia visa dar voz aos participantes, permitindo que eles expressem suas perspectivas de maneira visual e significativa (Cambaco *et al.*, 2023).

O *Photovoice* é uma das abordagens que compõem os diferentes delineamentos

possíveis dentro dos estudos qualitativos descritivos. Essa metodologia incentiva o envolvimento ativo dos participantes, ao mesmo tempo em que proporciona aos pesquisadores uma compreensão mais profunda da realidade a partir do ponto de vista dos próprios sujeitos da pesquisa. Trata-se de uma ferramenta que favorece a reflexão crítica sobre uma determinada questão, promovendo o diálogo e a construção coletiva de conhecimento por meio da discussão de fotografias em pequenos grupos (Ang *et al.*, 2018; OPAS, 2019-2030; Collins *et al.*, 2014).

O método *Photovoice* permite que os participantes expressem suas vozes, experiências e percepções relacionadas à saúde e ao bem-estar, além de oferecer subsídios para a proposição de intervenções baseadas nos relatos visuais e narrativos coletados. Um exemplo significativo de sua aplicação está em um estudo com imigrantes participantes do programa habitacional norte-americano *Housing First*, voltado à população em situação de rua com transtornos mentais. Nesse contexto, as fotografias produzidas pelos próprios inquilinos contribuíram para promover melhorias em saúde, ao revelarem dimensões invisibilizadas do cotidiano e das necessidades desses indivíduos. O uso do *Photovoice* nesse tipo de abordagem reforça a importância de considerar os fatores sociopolíticos e culturais que afetam diretamente as condições de saúde e bem-estar, destacando a relevância de integrar as expressões culturais das comunidades ao planejamento de ações em saúde coletiva (Raman *et al.*, 2024; Cheezum *et al.*, 2018; Taylor, 2019; Soriano-Ayala; Cala; Ruiz-Salvador, 2023).

Ressalta-se que o método *Photovoice* tem se destacado por sua efetividade na pesquisa com crianças, uma vez que possibilita a expressão de suas experiências e percepções por meio de recursos visuais, especialmente a fotografia. Essa abordagem mostra-se particularmente adequada a esse público, pois é mais intuitiva e acessível em comparação com métodos tradicionais que exigem habilidades verbais mais desenvolvidas, como entrevistas estruturadas ou questionários. Além disso, é especialmente útil quando as crianças enfrentam dificuldades para verbalizar suas vivências, permitindo que se comuniquem de maneira simbólica e concreta a partir das imagens que produzem (Raman *et al.*, 2024).

Estudos demonstram que o método *Photovoice* favorece a participação ativa das crianças e contribui significativamente para a formulação de intervenções mais sensíveis às suas necessidades e ao contexto sociocultural em que estão inseridas (Cheezum *et al.*, 2018; Taylor, 2019). Um exemplo disso foi registrado em pesquisa realizada na Austrália, com 28 famílias da cidade de Brisbane, na qual 20 crianças utilizaram o *Photovoice* para retratar suas práticas alimentares, proporcionando uma compreensão mais aprofundada dos hábitos nutricionais infantis no ambiente familiar (Wright-Pedersen; Vidgen; Gallegos, 2024). No contexto brasileiro, destaca-se o estudo desenvolvido com crianças moradoras de periferias urbanas de

São Paulo, que, por meio de encontros com participantes entre 8 e 10 anos, registraram suas experiências e relações com o território em que vivem, revelando importantes elementos sobre a infância em situação de vulnerabilidade social (Bertagnoni; Galheigo, 2021).

Ademais, quando utilizado no estudo da saúde e do bem-estar, o *Photovoice* tem demonstrado grande potencial para capturar as vivências e perspectivas de grupos específicos, sobretudo aqueles historicamente marginalizados. Ao favorecer a expressão visual e simbólica dos participantes, essa metodologia contribui para a produção de conhecimentos situados, que podem subsidiar a formulação de políticas públicas mais sensíveis às realidades locais. Sua relevância é ainda mais acentuada em abordagens etnográficas, pois permite que os sujeitos mantenham sua agência no processo de construção do saber, atuando como protagonistas na identificação de demandas e na proposição de soluções (Beckman *et al.*, 2018; Grenfell, 2022).

O uso do *Photovoice* no campo da saúde ultrapassa a função de documentar desigualdades e desafios vivenciados por comunidades vulnerabilizadas, constituindo-se também como uma estratégia potente de mobilização social e promoção de mudanças estruturais. Ao oferecer uma plataforma para que os próprios sujeitos compartilhem suas realidades por meio de imagens e narrativas, essa metodologia possibilita que populações historicamente marginalizadas expressem suas percepções sobre os determinantes sociais da saúde, como o saneamento básico, a alimentação e o acesso a serviços médicos. Nesse sentido, a produção de conhecimento por meio do *Photovoice* não se limita ao âmbito acadêmico, mas transforma-se em um instrumento de empoderamento coletivo, contribuindo para que os dados gerados sejam utilizados na formulação de políticas públicas mais sensíveis e aderentes às reais necessidades da população (Wang; Burris, 1997; Liebenberg, 2018).

Adicionalmente, o *Photovoice* proporciona uma compreensão aprofundada das condições de vida das comunidades participantes, revelando aspectos que frequentemente escapam aos métodos tradicionais de pesquisa. No contexto das comunidades quilombolas, por exemplo, as imagens produzidas pelos próprios moradores podem evidenciar elementos como a importância da cultura alimentar para a saúde, a relação entre o meio ambiente e as condições sanitárias, bem como as dificuldades enfrentadas para o deslocamento até as unidades de saúde. Ao articular o potencial comunicativo da imagem com a análise qualitativa, essa metodologia se alinha a uma perspectiva interseccional, capaz de abarcar os múltiplos fatores sociais, culturais e econômicos que incidem sobre a saúde dessas populações (Pereira; Magalhães, 2022; Wang; Redwood-Jones, 2001).

Ao dar visibilidade às vozes das comunidades e documentar suas realidades por meio de fotografias e relatos narrativos, o *Photovoice* produz um impacto que transcende os limites

da academia, alcançando diretamente gestores públicos e formuladores de políticas. Os dados gerados por essa metodologia, ancorados nas vivências e percepções dos próprios participantes, têm o potencial de subsidiar decisões mais equitativas e contextualizadas, contribuindo para a implementação de ações voltadas à justiça social e à equidade em saúde. Nesse sentido, o *Photovoice* pode fortalecer a inclusão de populações historicamente negligenciadas – como comunidades quilombolas e indígenas – em estratégias governamentais e em iniciativas sociais que respeitem suas especificidades culturais e territoriais (Liebenberg, 2018; Gehrke, 2015).

Contudo, a aplicação dessa metodologia exige atenção a desafios importantes, especialmente no que se refere à interpretação das imagens e dos relatos produzidos. É imprescindível que os pesquisadores tenham sensibilidade e preparo para captar as nuances culturais, simbólicas e individuais expressas nas fotografias, de modo a evitar leituras simplificadoras ou descontextualizadas. Tais cuidados tornam-se ainda mais relevantes em contextos de pesquisa pouco explorados no Brasil, como o estudo das percepções infantis em áreas rurais e, particularmente, em comunidades quilombolas. Nesses territórios, a vivência comunitária e a riqueza cultural oferecem não apenas desafios metodológicos, mas também oportunidades valiosas para a construção de conhecimentos inovadores e comprometidos com as realidades locais (Soriano-Ayala; Cala; Ruiz-Salvador, 2023).

4.6.1 A Fotografia como Linguagem Social

A compreensão da fotografia como linguagem e como instrumento sociocultural é fundamental para aprofundar a análise metodológica do *Photovoice*. Sendo a imagem o principal meio de expressão nesta abordagem, torna-se imprescindível refletir sobre seu valor simbólico, estético e sociológico (Cambaco *et al.*, 2023). Assim, ao explorar o uso da fotografia no contexto da pesquisa com crianças quilombolas, é necessário compreender não apenas o aspecto técnico da produção das imagens, mas também o modo como estas revelam relações sociais, percepções e modos de ver o mundo.

Como objeto de leitura sociológica, a fotografia nunca é considerada em si mesma e por si mesma, em termos das suas qualidades técnicas e estéticas. Pierre Bordieu e Marie-Claire Bordieu (2006) afirmam que ela deve apenas possibilitar uma representação suficientemente crível e precisa que permita o reconhecimento. Nesse contexto, é metodicamente inspecionada e observada, a distância, de acordo com a lógica que governa o conhecimento dos outros no cotidiano. Assim, através do confronto de conhecimentos e experiências, situa cada pessoa por referência à linhagem a que pertence. A leitura de fotografias antigas assume a forma de uma

conferência sobre ciência genealógica, quando a mãe, especialista no assunto, ensina à criança as relações que unem cada uma das pessoas na imagem.

Bourdieu, em sua análise da fotografia, levanta questões sobre a distância entre as fotografias com rigor estético e acadêmico e as fotografias ditas como ordinárias. O fotógrafo comum captura o mundo como o vê, isto é, de acordo com a lógica de uma visão de mundo que toma emprestados suas categorias e os cânones das artes do passado. Imagens que se afastam, mesmo que ligeiramente, do academicismo da visão e da fotografia ordinária, fazendo uso de possibilidades técnicas reais, são recebidas com surpresa. Isso se dá porque aquilo que é visível é apenas aquilo que é legível, e os sujeitos em todos os meios sociais sempre recorrem a certos sistemas de leitura, dos quais o mais comum é o sistema de regras que governa a fotografia popular, para a reprodução do real; diante das imagens mais inusitadas, as formas decifradas pelos amantes da fotografia são aquelas que pertencem a tradição fotográfica (Bourdieu, 1996).

Logo, a fotografia emerge como um poderoso instrumento de expressão social, capturando e refletindo as dinâmicas e relações sociais dos agentes em suas condições materiais de existência. Ela não apenas documenta momentos, mas também perpetua a identidade e a posição social dos indivíduos dentro da sua comunidade (Bourdieu; Bourdieu, 2006).

Ao contrário de métodos tradicionais, a fotografia oferece às crianças uma voz, permitindo que expressem seus pensamentos e sentimentos de forma visual, independentemente de suas habilidades linguísticas. Essa abordagem, alinhada com a pesquisa participativa, busca corrigir o desequilíbrio de poder entre adultos e crianças, concedendo a estas o protagonismo na construção do conhecimento (Sturges, 2023).

5 METODOLOGIA

5.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado *Avaliação da saúde e rastreamento da segurança alimentar e nutricional em crianças menores de 10 anos de idade da rede pública de ensino das comunidades remanescentes quilombolas pertencentes a uma cidade da baixada maranhense- MA*. Neste recorte, busca compreender as percepções de práticas alimentares de crianças quilombolas.

Trata-se de investigação exploratória, com abordagem qualitativa, por ser a mais adequada para investigar fenômenos sociais complexos em profundidade. A pesquisa qualitativa permite compreender significados, experiências e práticas a partir do ponto de vista dos sujeitos, favorecendo interpretações mais contextualizadas (Creswell; Clark, 2018).

Para abordar o objeto de pesquisa, adotou-se o *Photovoice* como referencial metodológico, uma vez que utiliza fotos e narrativas como instrumentos para investigar a história, cultura, as necessidades e os desafios enfrentados pela comunidade (Pereira; Magalhães, 2022; Touse *et al.*, 2017).

Destaca-se que as fotografias desempenham um papel importante na descrição de acontecimentos, favorecendo a compreensão de dimensões subjetivas da experiência vivida. Ao capturar elementos que muitas vezes escapam à linguagem verbal, as imagens permitem uma análise indutiva de aspectos da vida cotidiana que não seriam plenamente apreendidos apenas por meio das palavras (Touse *et al.* 2017).

Nessa perspectiva, o *Photovoice* possui a capacidade de articular produção imagética, participação ativa e construção coletiva de sentidos, sendo dessa forma pertinente ao objetivo proposto (Pereira; Magalhães, 2022; Leal *et al.*, 2018).

Além disso, o estudo adota como referencial analítico a teoria sociológica reflexiva de Pierre Bourdieu, cujos conceitos, especialmente *habitus*, campo e capital, oferecem ferramentas potentes para a compreensão das práticas alimentares das crianças quilombolas em seus contextos culturais e sociais.

A análise orientada por essa perspectiva possibilita desvelar como as disposições alimentares são moldadas por estruturas históricas, simbólicas e de poder, refletindo desigualdades sociais. Ao ser articulada à metodologia participativa do *Photovoice*, a teoria bourdieusiana aprofunda a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e políticas que atravessam a alimentação infantil, ao mesmo tempo em que potencializa a escuta ativa e a

valorização das experiências das crianças participantes, promovendo conscientização e empoderamento (Souza, 2017).

Ao ser analisado à luz da teoria de Pierre Bourdieu, o método *Photovoice* revela afinidades com os conceitos de *habitus*, campo e capital cultural, permitindo que os participantes expressem suas experiências e saberes, frequentemente invisibilizados. Ao promover a representação simbólica das realidades vividas, o *Photovoice* contribui para a conscientização crítica e para o questionamento das dinâmicas de poder presentes nas estruturas sociais, favorecendo o empoderamento dos sujeitos e o enfrentamento das desigualdades (Wang; Burris, 1997; Bourdieu, 2015; Najjar; Mocarzel; Santos, 2019; Aydoğan, 2023).

Para melhor entendimento da condução do estudo, elaborou-se uma trajetória metodológica com o passo a passo das ações executadas. O seguimento cuidadoso dessa trajetória permitiu garantir a coerência metodológica do estudo, respeitando os princípios éticos, participativos e reflexivos que fundamentam o *photovoice* enquanto abordagem crítica e emancipadora de pesquisa. Conforme demonstrado na figura 3 que ilustra os passos da trajetória metodológica do estudo.

Figura 3 – Ilustra os passos da trajetória metodológica do estudo



Fonte: autoria própria (2024).

5.2 CENÁRIO DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida em três comunidades quilombolas: Rio Grande, Ramal do Quindíua e Ariquipá. Destaca-se que tais comunidades localizam-se no município de Bequimão – MA, e são oficialmente reconhecidas e certificadas pela Fundação Cultural Palmares e pelo Ministério da Cultura, conforme o Decreto Presidencial de 20 de novembro de 2009 (Costa *et al.*, 2020; Pinto *et al.*, 2022).

As três comunidades quilombolas foram selecionadas para o estudo em razão de suas diferentes condições de acesso em relação à zona urbana do município de Bequimão-MA, considerando que: (1) a comunidade Rio Grande está situada a 5 km da sede municipal, com acesso por estrada de terra; (2) a comunidade Ramal do Quindíua localiza-se às margens da Rodovia MA-211, a uma distância de 10 km da sede, contando com via recentemente pavimentada; (3) já a comunidade de Ariquipá também está a 10 km da sede, porém o acesso se dá por estrada de terra, o que impõe maiores desafios logísticos, especialmente em períodos chuvosos.

Essa escolha diversificada buscou refletir as distintas realidades territoriais e suas possíveis influências sobre as práticas alimentares das crianças, permitindo uma análise mais abrangente e sensível às especificidades de cada contexto comunitário. Importante destacar que o acesso às comunidades do estudo, principalmente às com vias ainda não pavimentadas (Ariquipá e Rio Grande) requereu da equipe de pesquisa o uso de diferentes tipos de transporte (carro de passeio e motocicleta) e que só foi possível com apoio logístico institucional (gestão municipal e lideranças comunitárias).

5.2.1 Caracterização das Comunidades Quilombolas do Estudo

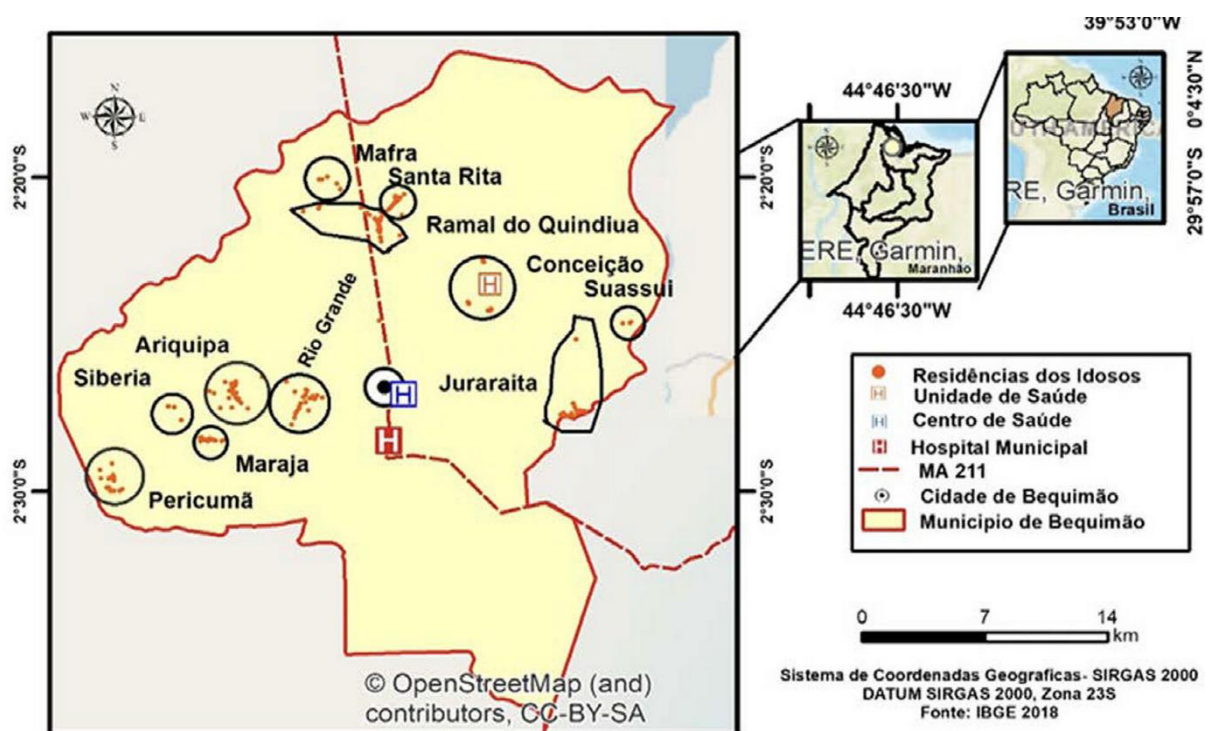
As comunidades quilombolas do estudo estão localizadas no município de Bequimão, que foi originalmente habitado por povos indígenas, passou a ser ocupado por colonizadores portugueses acompanhados de pessoas escravizadas, atraídos pelo solo fértil da região. Esse processo impulsionou seu desenvolvimento e organização social. Em 1923, foi criado o município de Godofredo Viana, em homenagem ao então governador do Maranhão, sendo renomeado como Bequimão em 1930. Após breve perda de autonomia em 1931, sua emancipação foi restaurada em 1935 (Assunção, 1996).

O município de Bequimão está localizado na região do Litoral Ocidental do Maranhão, inserido na Mesorregião Norte e na Microrregião da Baixada Ocidental

Maranhense. Geograficamente, situa-se entre os municípios de Alcântara, Peri-Mirim, Pinheiro e Central do Maranhão, às margens da Rodovia MA-211 e a aproximadamente 83 km da capital, São Luís. Suas coordenadas geográficas são 02°26'58'' de latitude sul e 44°46'57'' de longitude oeste, abrangendo uma área de 797,716 km². As terras bequimãoenses são cortadas pelos rios Itapetininga e Pericumã, importantes recursos hídricos da região (Gonçalves, 2019). De acordo com dados do IBGE, (2022), o município possui uma população de 19.584 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 24,78 habitantes por quilômetro quadrado.

O município abriga aproximadamente 1.286 famílias quilombolas distribuídas em onze comunidades oficialmente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares: Ariquipá, Conceição, Rio Grande, Pericumã, Santa Rita, Ramal do Quindíua, Sibéria, Juraraitá, Mafra, Suassuí e Marajá. Essas comunidades remanescentes de quilombos, além de estarem certificadas institucionalmente, constituem espaços de resistência e preservação cultural, onde os descendentes têm se empenhado, ao longo dos anos, em manter viva a memória de seus ancestrais. Tal esforço envolve não apenas a defesa do território e das práticas tradicionais, mas também a transmissão intergeracional de valores, saberes e modos de vida que compõem a identidade quilombola (Jesus *et al.*, 2019; Jesus *et al.*, 2022).

Figura 4 – Localização geográfica das comunidades quilombolas em Bequimão – MA



Fonte: Santos Junior *et al.* (2022).

Comunidade Quilombola Rio Grande

A comunidade quilombola Rio Grande está localizada na zona rural do município de Bequimão, no estado do Maranhão, a cerca de 4 km da sede municipal. Reconhecida oficialmente como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares desde 2009, por meio da Portaria nº 185/2009, a comunidade é composta por aproximadamente 72 famílias que mantêm uma forte relação com o território, sustentando práticas culturais e produtivas herdadas de seus ancestrais (1) (Furtado, 2013). A proximidade com a sede de Bequimão não elimina os desafios enfrentados. O acesso à comunidade ocorre por estrada de terra, o que dificulta o deslocamento para serviços essenciais como saúde, educação e comércio, sobretudo em períodos de chuvas intensas (Jesus *et al.*, 2022).

A formação da comunidade é marcada por processos históricos de resistência, com destaque para o aquilombamento no período pós-escravidão. A agricultura familiar constitui a principal base econômica local, sendo cultivados alimentos como milho, feijão, mandioca, arroz, alface, cebolinha, cheiro-verde, laranja, murici, batata-doce, banana, coco, abacate e vinagreira. Além disso, a criação de pequenos animais complementa a subsistência das famílias (Jesus *et al.*, 2022).

A comunidade é abastecida pelo rio Pericumã, um dos principais cursos d'água do município de Bequimão-MA. Esse rio é fundamental para a vida cotidiana da comunidade, fornecendo água para atividades domésticas e sustentando práticas tradicionais como a pesca artesanal. Além disso, apresenta práticas produtivas diversificadas como a criação de galinhas caipiras, apicultura, cultivo de hortas e o beneficiamento de polpas de frutas, compondo uma matriz produtiva voltada à subsistência e à complementaridade econômica. Parte dessa produção é comercializada, contribuindo para a sustentabilidade das famílias e o fortalecimento da economia local (Jesus *et al.*, 2022).

Apesar do rico patrimônio cultural e dos saberes tradicionais preservados, a comunidade enfrenta desafios socioeconômicos relevantes. O acesso à educação ainda é limitado, sendo comum que os moradores iniciem atividades agrícolas desde a infância, o que contribui para baixos índices de escolarização (Carvalho, 2025).

A renda per capita da comunidade varia entre R\$ 83,53 e R\$ 449,71, evidenciando a situação de vulnerabilidade social e econômica (Jesus *et al.*, 2022).

Mesmo diante das adversidades, a comunidade quilombola Rio Grande mantém práticas tradicionais como festas religiosas, cultivo comunitário e transmissão oral de

conhecimentos. As ações fortalecem a identidade quilombola e representam formas de resistência cultural frente às pressões externas ao território (Jesus *et al.*, 2022).

Comunidade Quilombola Ariquipá

A comunidade quilombola Ariquipá está localizada na zona rural do município de Bequimão, na microrregião do Litoral Ocidental Maranhense, ficando a cerca de 10 km da sede municipal, sendo o trajeto realizado por estrada de terra, passando pelos povoados Bem Fica, Rio Grande e Monte Palma. O acesso, feito geralmente por motocicleta, é dificultado durante o período chuvoso devido às más condições das vias vicinais (Silva, 2014).

Historicamente, Ariquipá surgiu de uma antiga fazenda escravocrata de cana-de-açúcar, ocupada há mais de 150 anos por ex-escravizados. Foi a primeira comunidade quilombola do município de Bequimão a obter a certificação oficial da Fundação Cultural Palmares, em 2006, sendo considerada uma referência organizativa e política para as demais comunidades quilombolas da região (Silva, 2014).

Uma característica relevante da comunidade é a presença dos rios temporários do Mucambo e do Cacete, que favorece a pesca, que é utilizada para complementar a alimentação das famílias. Além disso, a comunidade cultiva, por meio de horta comunitária, alimentos como maxixe, quiabo, cheiro-verde, vinagreira, pimenta-de-cheiro, pimentão, milho e melancia, além de manter práticas de criação de pequenos animais. Essas atividades são conduzidas com base em saberes tradicionais, transmitidos entre gerações, e reforçam os vínculos de solidariedade comunitária (Jesus *et al.*, 2022).

Apesar da produção local, parte dos alimentos consumidos na comunidade ainda é adquirida na sede de Bequimão, refletindo uma dependência do comércio urbano e uma limitação na autossuficiência alimentar. Tal realidade decorre não apenas das dificuldades de escoamento da produção, mas também da inserção gradativa de alimentos processados e industrializados no cotidiano alimentar das famílias (Jesus *et al.*, 2022).

A renda per capita mensal da comunidade quilombola Ariquipá é de cerca de R\$ 238,97, valor que evidencia a condição de vulnerabilidade socioeconômica vivenciada por grande parte das famílias. A principal fonte de renda identificada é a agricultura de subsistência, complementada por benefícios assistenciais, como o Programa Bolsa Família, aposentadorias rurais e, em menor escala, vínculos empregatícios temporários ou com o serviço público local. A baixa monetarização da economia local se reflete não apenas na limitação do consumo de bens duráveis, mas também na dependência parcial do comércio urbano para aquisição de itens básicos (Jesus *et al.*, 2022).

As condições de moradia revelam precariedade: muitas casas são construídas em taipa, sem acesso a saneamento básico adequado. Embora a maioria das residências conte com energia elétrica, o abastecimento de água potável é irregular e a coleta de resíduos sólidos é inexistente. Essa situação é agravada pela ausência de políticas públicas eficazes voltadas às comunidades quilombolas da região (Jesus *et al.*, 2019).

Na área da saúde, Ariquipá é atendida pela Unidade Básica de Saúde do Areal, que presta serviços a diversas comunidades quilombolas. Porém, as barreiras geográficas e logísticas dificultam o acesso contínuo aos serviços de atenção primária, especialmente no atendimento às populações mais vulneráveis, como idosos e crianças (Jesus *et al.*, 2022).

No campo educacional, muitos moradores possuem baixa escolaridade, em parte devido à inserção precoce no trabalho agrícola e à distância das instituições escolares. A ausência de transporte adequado, a precariedade das escolas e a descontextualização do currículo escolar contribuem para os baixos índices de permanência e aproveitamento dos alunos quilombolas (Jesus *et al.*, 2019).

A vida cultural em Ariquipá é marcada por expressões tradicionais afrodescendentes, como o Tambor de Crioula, o Bumba Meu Boi e festividades religiosas que celebram santos católicos e encantados. Tais manifestações são elementos centrais na construção da identidade quilombola e na resistência cultural do grupo, sendo também momentos de fortalecimento das redes de apoio comunitário (Ferreira *et al.*, 2022).

Comunidade Quilombola Ramal do Quindíua

A comunidade quilombola Ramal do Quindíua está situada na zona rural do município de Bequimão, Maranhão, às margens da Rodovia MA-211, a cerca de 10 km da sede municipal. O acesso é facilitado pela pavimentação recente da rodovia, o que proporciona melhores condições de deslocamento em relação a outras comunidades da região, especialmente durante o período chuvoso. Oficialmente reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares desde 2011, por meio da Portaria nº 175. A comunidade é composta por cerca de 65 famílias que mantêm laços territoriais, culturais e históricos com seus ancestrais africanos (Jesus *et al.*, 2022).

Historicamente, a constituição da comunidade está relacionada à permanência de descendentes de escravizados em terras antes ocupadas por engenhos de açúcar, os quais passaram a ser gradualmente apropriados por famílias negras após a abolição. Essa trajetória de resistência moldou a organização social local e fundamentou o processo de reconhecimento identitário como quilombolas (Jesus *et al.*, 2019).

Não possuem horta comunitária, mas os moradores preservam práticas tradicionais de cultivo individual de mandioca, milho, feijão, batata-doce, macaxeira, banana e vinagreira, além da criação de galinhas caipiras e pequenos animais. Essas atividades compõem a base econômica da comunidade, voltada majoritariamente para a subsistência (Jesus *et al.*, 2022).

A renda familiar da comunidade é complementada por programas sociais, como o Bolsa Família, aposentadorias rurais e, em alguns casos, atividades remuneradas exercidas na zona urbana do município. Segundo levantamento do projeto "Quilombos de Bequimão", a renda per capita na comunidade Ramal do Quindíua varia entre R\$ 83,53 e R\$ 449,71, refletindo a condição de vulnerabilidade social enfrentada pelas famílias (Jesus *et al.*, 2022).

Apesar das limitações econômicas, a comunidade apresenta expressiva organização coletiva, com destaque para a associação de moradores e a mobilização em torno de demandas territoriais e políticas públicas (Jesus *et al.*, 2022).

Em relação à infraestrutura, o Ramal do Quindíua conta com energia elétrica e abastecimento de água por poços artesianos, embora ainda enfrente dificuldades quanto à coleta de lixo, saneamento básico e acesso regular a serviços de saúde. A unidade básica de saúde mais próxima está localizada no povoado Areal, sendo o atendimento muitas vezes prejudicado por limitações de transporte e recursos humanos (Jesus *et al.*, 2022).

As manifestações culturais desempenham papel central na vida comunitária. Festividades como o Tambor de Crioula, danças folclóricas e eventos religiosos evidenciam o fortalecimento da identidade afrodescendente e o papel da cultura como forma de resistência. A oralidade e o envolvimento coletivo nas celebrações promovem a valorização dos saberes ancestrais e a transmissão de conhecimentos entre gerações (Jesus *et al.*, 2022).

Ademais, destaca-se que as três comunidades são beneficiadas pelo Programa de Aquisição de Alimentos Quilombola, que é uma iniciativa do governo federal brasileiro, vinculada ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O programa visa promover a segurança alimentar e nutricional e incentivar a agricultura familiar em comunidades quilombolas. O Estado adquire com dispensa de licitação, alimentos produzidos por agricultores quilombolas, garantindo mercado para sua produção e fortalecendo a economia local. Os alimentos são destinados a equipamentos públicos de alimentação e nutrição - escolas, hospitais e cozinhas comunitárias - e atende famílias em situação de vulnerabilidade social das próprias comunidades. O PPA valoriza os modos tradicionais de produção, articula ações de geração de renda e autonomia produtiva, e reforça a soberania alimentar. Ele integra, ainda, o Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades

Tradicionais de Matriz Africana, que promove a equidade no acesso a políticas públicas e a salvaguarda de direitos historicamente negligenciados (Brasil, 2013; Brasil, 2021).

No município de Bequimão-MA, o PAA Quilombola tem sido uma importante ferramenta de fortalecimento das comunidades remanescentes de quilombo, como Rio Grande, Ariquipá e Ramal do Quindíua. Nessas localidades, a política pública possibilita que alimentos cultivados por agricultores familiares quilombolas — como hortaliças, milho, vinagreira e pimenta — sejam comercializados com o Estado, sendo posteriormente destinados a instituições sociais locais. A participação das comunidades nesse programa contribui para a geração de renda, o estímulo à permanência no território e a valorização dos saberes produtivos tradicionais, promovendo autonomia e qualidade de vida. A adesão ao PAA representa, portanto, não apenas uma estratégia econômica, mas também uma forma de resistência cultural e fortalecimento comunitário (Maranhão, 2024; Jesus *et al.*, 2022).

5.3 SUJEITOS DO ESTUDO

Participaram do estudo 23 crianças quilombolas, residentes em 3 comunidades quilombolas do Maranhão, e estudantes de escolas da rede pública municipal. Para definição da amostra, foram utilizados como critério de inclusão as idades de 8 a 10 anos e serem residentes nas comunidades quilombolas objeto do estudo.

A definição dessa faixa etária considerou aspectos do desenvolvimento cognitivo e comunicativo das crianças, tendo em vista as exigências do método *Photovoice*, que requer não apenas a capacidade de manusear equipamentos fotográficos, mas também competências de leitura, escrita e elaboração de sentidos a partir das imagens produzidas.

Foram excluídas crianças com dificuldades de leitura e escrita que impossibilitassem a compreensão das instruções e participação nas discussões, bem como as que estiveram ausentes da escola no período de aplicação das atividades do estudo, independentemente do motivo, pois a participação contínua nas etapas é considerada essencial, uma vez que o *photovoice* se estrutura em momentos sequenciais e interdependentes, exigindo engajamento dos participantes em todo o processo.

A seleção da amostra foi intencional e aleatória, fundamentada nos critérios de inclusão acima definidos, priorizando a viabilidade de aplicação do método *photovoice* no contexto escolar e comunitário. Assim, com o apoio das professoras, que identificaram e nos informaram as crianças elegíveis e com o nível mínimo de desenvolvimento cognitivo e comunicativo necessário para a realização das tarefas propostas, os pesquisadores realizaram

uma proposta de composição aleatória, incluindo de maneira equivalente, crianças de ambos os sexos, com idades de 8, 9 e 10 anos, distribuídas com a devida representatividade para cada comunidade. Essa diversidade de idade e gênero foi considerada como elemento enriquecedor do processo de construção coletiva das percepções

Por questões de facilitação logística, também se optou por crianças pertencentes a uma única turma de cada escola envolvida, o que possibilitou maior controle logístico e coerência na condução das atividades.

Para realização da pesquisa 23 crianças foram convidadas, 6 crianças da comunidade Rio Grande, 8 crianças da comunidade Ramal do Quindíua e 9 crianças da comunidade Ariquipá. As 23 crianças participaram das etapas iniciais do estudo, mas após a realização da etapa da captura das fotografias, uma das crianças participantes, mas especificamente da comunidade Ariquipá, ausentou-se no dia da realização do Grupo Focal, por motivo de doença, conforme informado por seu responsável.

A aplicação do método *Photovoice* com as crianças quilombolas apresentou diversos desafios. Inicialmente, foi necessário considerar o desenvolvimento cognitivo e comunicativo das crianças, uma vez que o método exige não apenas a capacidade de manusear equipamentos fotográficos, mas também competências de leitura, escrita e elaboração de sentidos a partir das imagens produzidas. Além disso, a seleção das crianças teve que ser cuidadosa, excluindo aquelas com dificuldades de leitura e escrita que pudessem comprometer a compreensão das instruções e a participação nas discussões. Outro desafio foi garantir a participação contínua das crianças em todas as etapas do estudo, uma vez que o *Photovoice* se estrutura em momentos sequenciais e interdependentes, exigindo engajamento constante dos participantes.

Planejamento Inicial

5.4 REFERENCIAL METODOLÓGICO

O presente estudo seguiu as etapas propostas pelo método *photovoice*, conforme sistematizado por Wang e Burris (1997), incluindo: (1) a apresentação do projeto e construção de vínculos com os participantes, promovendo a compreensão dos objetivos e a motivação para a participação; (2) a capacitação sobre o uso das câmeras fotográficas e aspectos éticos da produção de imagens, por meio de linguagem acessível e materiais ilustrativos; (3) a produção fotográfica pelas crianças, nas comunidades quilombolas onde residem, com liberdade para

registrar elementos do cotidiano relacionados à alimentação; (4) a realização de grupos focais para discussão das imagens, permitindo que as crianças compartilhassem os significados atribuídos às fotografias; (5) a seleção das imagens representativas e sistematização dos dados visuais e narrativos; e (6) a devolutiva às comunidades, como forma de validação participativa e valorização do protagonismo infantil.

5.5 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS PARA COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados foram diversificados e incluíram questionário para caracterização das crianças e da comunidade (Apêndices I e J), roteiro de entrevista, para nortear a condução dos grupos focais (Apêndice L), a câmera fotográfica digital (modelo Sony DSC-W800) (Apêndice H) para captura das imagens, o uso de celulares para gravação de áudio e vídeo das entrevistas em grupo focal e o diário de campo para registros das impressões dos pesquisadores.

O diário de campo não só permitiu o registro do cotidiano da pesquisa, mas também ajudou a manter a reflexividade do pesquisador, um ponto importante para a construção do conhecimento na pesquisa qualitativa. Como evidenciado por autores como Kroef, Gavillon e Ramm (2020) e Cachado (2021), o uso do diário de campo é uma poderosa ferramenta que permite ao pesquisador capturar as nuances e complexidades do contexto estudado, fornecendo uma base sólida e empírica para análise.

Em relação às técnicas as técnicas de coleta de dados adotadas, destaca-se que foram orientadas pelo método *photovoice*, que articula linguagem visual, narrativa oral e reflexão coletiva como estratégias para ampliar a escuta e o protagonismo dos participantes (Wang; Burris, 1997; Catalani; Minkler, 2010). Assim, a principal técnica utilizada foi o grupo focal, que possibilitou o compartilhamento coletivo das fotografias produzidas, permitindo que as crianças narrassem os significados atribuídos às imagens e refletissem sobre suas práticas alimentares em diálogo com os pares. Os grupos focais foram realizados com base em um roteiro semiestruturado, contendo perguntas abertas para estimular a reflexão crítica e o protagonismo das crianças no processo de construção de sentidos (Gatti, 2012).

Como técnica complementar, empregou-se a observação participante durante as atividades de campo, com o apoio de um roteiro previamente elaborado pelos pesquisadores (Apêndice L), que orientou o registro sistemático de interações, expressões não verbais e aspectos do contexto. Essa estratégia permitiu captar nuances do cotidiano e contribuiu para enriquecer a análise e a compreensão do material empírico (Minayo, 2021).

A articulação entre os instrumentos e a técnica permitiu capturar, de forma sensível e aprofundada, tanto os registros visuais quanto os discursos das crianças, compondo um corpus empírico rico e coerente com os pressupostos do método *photovoice*. Essa estratégia metodológica ampliou a escuta ativa e favoreceu a valorização dos saberes e experiências infantis em seus próprios territórios, respeitando os marcos éticos da pesquisa com crianças e populações tradicionais.

Além disso, considerando-se que os participantes da pesquisa eram crianças e tendo em vista as exigências do método *photovoice*, foram desenvolvidos pelos pesquisadores, alguns instrumentos específicos com o objetivo de facilitar a compreensão e a participação ativa durante todas as etapas da coleta de dados. Entre esses instrumentos, destaca-se a elaboração de um manual ilustrado para uso da câmera fotográfica (Apêndice D), com linguagem acessível e imagens explicativas, permitindo que as crianças compreendessem o funcionamento básico do equipamento de forma autônoma e lúdica. Além disso, foi criado um Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) em formato ilustrado, adaptado à linguagem infantil, com o intuito de garantir que as crianças compreendessem o objetivo do estudo, suas etapas, e seus direitos enquanto participantes (Apêndice C).

Da mesma forma, o roteiro semiestruturado de entrevista (Apêndice L), foi construído de forma colaborativa entre os pesquisadores do estudo, considerando as especificidades da população participante, e os princípios metodológicos do *photovoice*, que requerem sensibilidade para estimular a expressão livre e significativa por meio da linguagem oral e visual. Assim, foi estruturado com questões abertas e linguagem acessível, buscando favorecer a compreensão pelas crianças e criar um ambiente seguro e acolhedor para o compartilhamento de ideias, sentimentos e experiências, destacando-se sua flexibilidade que permitiu ajustes conforme as interações do grupo, respeitando o ritmo, os interesses e os modos próprios de expressão das crianças.

Aproximação com o campo

5.6 A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO

O processo de aproximação com o campo de pesquisa teve início por meio da articulação com a Secretaria Municipal de Igualdade Racial de Bequimão e com lideranças do Movimento Quilombola local, para apresentar o projeto de pesquisa e seus objetivos, junto com a solicitação para que mediassem o contato com as comunidades para viabilizar

acesso aos representantes escolares, para o reconhecimento institucional da proposta de pesquisa.

Essa aproximação prévia, entendida como essencial na construção de vínculos, escuta e negociação dos sentidos da pesquisa, seguiu a concepção de Minayo (2021), segundo a qual o acesso ao campo deve ser orientado por um posicionamento ético-político, reconhecendo os sujeitos enquanto portadores de saberes e protagonistas de suas histórias.

Em sequência, a aproximação com o campo de pesquisa propriamente dito foi viabilizada por meio do apoio institucional da Secretaria Municipal de Igualdade Racial e do Movimento Quilombola de Bequimão (MoqBeq), que desempenharam papel fundamental na mediação entre os pesquisadores e as comunidades quilombolas. Essas instâncias facilitaram o contato com lideranças locais e com as gestoras das unidades escolares selecionadas para o estudo, além de oferecerem apoio logístico para o traslado da equipe de pesquisa às comunidades.

Ainda durante essa etapa preliminar, a equipe de pesquisa participou da 11ª Semana do Bebê Quilombola (SBQ), no dia 23 de novembro de 2023, promovendo uma ação educativa com crianças das comunidades quilombolas de Monte Alto e Marajá, que, embora não integrassem o estudo, oportunizaram um primeiro contato direto com o território e com o público-alvo. A atividade consistiu em um exercício lúdico com desenhos e colagens de figuras representando frutas, alimentos processados e alimentos in natura, por meio do qual as 25 (vinte e cinco) crianças expressaram suas preferências alimentares (Apêndices M e N). Essa vivência proporcionou uma compreensão inicial sobre as práticas alimentares infantis no contexto quilombola e fortaleceu a sensibilidade da pesquisadora quanto aos aspectos culturais, simbólicos e comunicacionais que envolveriam a coleta de dados.

Aplicação do Estudo Piloto

5.7 ESTUDO PILOTO

Com base nas aprendizagens dessa aproximação e na parceria consolidada com os atores institucionais, foi realizado um estudo piloto com o objetivo de testar os instrumentos de coleta de dados desenvolvidos para a pesquisa. Essa etapa permitiu avaliar a adequação das estratégias metodológicas à faixa etária das crianças, bem como a clareza e o engajamento nas atividades propostas, especialmente no uso da câmera fotográfica e nas discussões em grupo.

Destaca-se que a aplicação do estudo piloto foi essencial para identificar a viabilidade da aplicação do método *photovoice* no contexto específico das comunidades quilombolas e ajustar procedimentos antes da fase definitiva de coleta de dados, e que seguiu rigorosamente todas as suas etapas metodológicas.

Realizado na Unidade Escolar Miguel Martins Melo, situada na comunidade quilombola Rio Grande, contou com a participação de seis crianças, e demonstrou que os instrumentos eram compreensíveis, viáveis e coerentes com os objetivos do estudo, não havendo necessidade de modificações em seu conteúdo ou formato. Diante disso, após discussões entre os pesquisadores e deliberação colegiada, decidiu-se pela inclusão das crianças participantes do estudo piloto na amostra principal. Tal decisão fundamentou-se em princípios éticos e de valorização do envolvimento dos sujeitos, reconhecendo o tempo, o empenho e o compromisso já investidos pelas crianças e suas famílias nas etapas iniciais da pesquisa. Assim, as crianças seguiram no estudo, cumprindo rigorosamente todas as etapas metodológicas subsequentes, em condições equivalentes às demais participantes.

As imagens representadas nas Fotografias 1, 2 e 3 referem-se ao registro visual deste momento e apresentam não só o registro da primeira coleta de dados, mas também características da Comunidade Quilombola Rio Grande.

Fotografia 1 – Território da Comunidade quilombola Rio Grande, Bequimão, Maranhão (a)



Fonte: autoria própria (2024).

Fotografia 2 – Momento de coleta de dados na Comunidade de Rio Grande, Bequimão, Maranhão (a)



Fonte: autoria própria (2024).

Fotografia 3 – Unidade Escolar Miguel Martins Melo, Bequimão, Maranhão (c)



Fonte: autoria própria (2024).

Iniciando a coleta

5.8 APRESENTANDO AS ETAPAS DA COLETA

Embora, o estudo piloto, como já descrito, tenha seguido todas as etapas propostas pelo método *photovoice*, estas serão descritas em detalhes, a partir deste tópico, com vistas a permitir uma compreensão mais aprofundada e contextualizada do percurso metodológico, e

evidenciando de forma mais sistemática os procedimentos adotados, as adaptações necessárias em campo e as experiências vivenciadas com os diferentes grupos de crianças quilombolas.

5.8.1 Apresentando o projeto, iniciando vínculos e criando um ambiente de confiança

Esta etapa foi possibilitada por movimentos prévios de aproximações com a direção das escolas e professoras que em contatos com os pesquisadores facilitaram a logística necessária para a sua ocorrência. Dessa forma, as trocas entre os conhecimentos destes profissionais e a orientação dos pesquisadores, foi possível a seleção inicial dos grupos participantes, respeitando os critérios de elegibilidade do estudo.

Apoiados por estes facilitadores escolares, o primeiro encontro foi previamente agendado, sendo as crianças, seus pais e responsáveis convidados para reunião de apresentação do projeto com os pesquisadores, envolvendo os objetivos da pesquisa em linguagem acessível, a explicação sobre a proposta do *photovoice* e a realização de atividades de socialização, que permitiram conhecer os participantes, ouvir suas expectativas e esclarecer dúvidas. Foram também estabelecidos, de forma participativa, combinados de convivência, visando assegurar o respeito mútuo, o cuidado com os equipamentos e a liberdade de expressão.

Após a apresentação do projeto e a escuta das crianças e de seus responsáveis, para obtenção de concordância em relação a participação das crianças no estudo, foi realizada a entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais e/ou responsáveis, e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as crianças, sendo obtida a aceitação de todos os participantes.

Capacitando para as fotografias

5.9 CAPACITAÇÃO DAS CRIANÇAS PARA USO DAS CÂMERAS E INTRODUÇÃO AO PHOTOVOICE

Após a apresentação do projeto e a obtenção do consentimento e assentimento, deu-se início à etapa de capacitação para o uso das câmeras fotográficas e introdução aos princípios do método, adaptados à linguagem e compreensão das crianças.

Cada participante recebeu uma câmera fotográfica digital, e, no mesmo dia, foi realizada uma oficina prática de orientação sobre o manuseio desse equipamento, conduzida pela pesquisadora principal. Para auxiliar nesse processo, foi utilizado um material de apoio de

elaboração própria intitulado Usando a câmera: tirando fotografias dos meus alimentos (Apêndice D), construído com linguagem acessível, recursos visuais e instruções passo a passo.

A demonstração do equipamento e a leitura do manual foram realizadas em sala de aula, permitindo que as crianças compreendessem o funcionamento da câmera e os cuidados necessários com o equipamento.

Durante a oficina, foi reforçada a importância do registro fotográfico como expressão das experiências alimentares cotidianas. As crianças foram orientadas a fotografar alimentos que consumiam, momentos do preparo das refeições, locais onde se alimentavam e outros aspectos relacionados à sua alimentação e nutrição, não houve definição de quantidade mínima ou máxima de fotografias, a orientação era que as crianças utilizassem as câmeras preferencialmente em sua capacidade máxima de armazenamento de imagens, porém com liberdade de escolha sobre quantas fotografias gostariam de registrar. A proposta visou estimular o olhar crítico e reflexivo das crianças sobre suas práticas alimentares, respeitando sua autonomia e liberdade criativa.

Importante destacar que, nessa etapa inicial de treinamento, a presença dos responsáveis foi restringida, justamente para evitar qualquer influência externa na compreensão e execução da atividade pelas crianças, promovendo a autonomia no uso do instrumento de coleta e favorecendo a expressão genuína de seus olhares e experiências.

Após a oficina, os pais e/ou responsáveis foram novamente convidados a retornar à sala de aula, ocasião em que foram formalmente entregues as câmeras fotográficas. Neste momento, a equipe de pesquisa reforçou os cuidados necessários com a guarda, uso adequado e manutenção dos equipamentos durante o período em que estivessem sob responsabilidade das crianças.

Além disso, foi acordado um período de uma semana para produção das fotografias. Durante esse tempo, as crianças tiveram liberdade para registrar imagens em seus contextos cotidianos, e, após cada uso, as câmeras eram guardadas pelos pais ou responsáveis, conforme previamente orientado. Ao final do prazo estipulado, as gestoras das unidades escolares foram responsáveis por recolher os equipamentos e encaminhá-los à equipe de pesquisa.

As fotografias foram então transferidas, organizadas e catalogadas em pastas individuais identificadas por códigos, assegurando o sigilo e a confidencialidade das informações.

Organização dos Grupos Focais

5.10 SELEÇÃO DAS IMAGENS E ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCALIS

A seleção das imagens ocorreu após o recebimento das câmeras fotográficas enviadas pelas gestoras escolares, momento em que a equipe de pesquisa realizou o descarregamento do material em um notebook para organização dos dados. As fotografias foram organizadas em pastas digitais identificadas com códigos atribuídos aos participantes, associadas ao local de realização da pesquisa, garantindo sigilo e rastreabilidade do material. Em sequência, realizou-se uma conferência de todo o conteúdo gerado, totalizando 629 fotografias. A partir desse conjunto, foram selecionadas três imagens por criança.

Destaca-se que a seleção das imagens foi realizada de forma colaborativa entre os pesquisadores, considerando os objetivos centrais da pesquisa e os princípios do método *Photovoice*, pautando-se na relevância simbólica e temática das fotografias produzidas pelas crianças, e buscando representar a diversidade de percepções alimentares expressas. A partir disso, os pesquisadores inspecionaram fotografia por fotografia e selecionaram as que retratavam as práticas alimentares dessas crianças (preparações de alimentos, imagens de alimentos, momentos das refeições em família ou com amigos ou colegas de escola, locais de horta individual e comunitária, criação de animais), fotografias repetidas, ou desfocadas, má resolução ou não tivessem relação com as práticas alimentares não foram selecionadas para a apresentação no grupo focal.

Assim a definição das imagens foi orientada pelo potencial para provocar reflexões coletivas, promover o diálogo entre pares e evidenciar as interações entre alimentação, território e cultura nas comunidades quilombolas.

Além disso, a organização e planejamento dos grupos focais, estratégia de coleta necessária para sequência do método *Photovoice*, incluiu a elaboração de roteiros semiestruturados com perguntas norteadoras, redigidas em linguagem acessível e apropriada à faixa etária das participantes, a fim de estimular a reflexão e o diálogo. As questões incluíram: "Das fotos que você tirou, o que você mais come?", "O que você mais gosta de comer?" e "O que você acha que é melhor para comer e por quê?" E ainda a construção de estratégias lúdicas para facilitar a expressão verbal e simbólica dos participantes, incluindo recursos visuais e materiais de apoio como papel, canetas, entre outros.

Para cada grupo focal, foi realizado ainda um trabalho prévio de escolha dos pesquisadores responsáveis por sua mediação, uma vez que a aplicação do grupo focal exige a

presença de equipe para atuação coordenada dos papéis de moderador, observador e assistente (Krueger; Casey, 2015). Essa etapa também contemplou a capacitação específica dos membros da equipe com menor familiaridade na facilitação de grupos focais, promovendo reuniões preparatórias com foco na compreensão dos princípios da escuta qualificada, no manejo das interações com crianças e na aplicação dos pressupostos éticos e metodológicos do *Photovoice*. Esse alinhamento prévio foi fundamental para garantir coesão na atuação da equipe, assegurar a qualidade das interações.

A logística de realização envolveu a organização do deslocamento dos pesquisadores até os locais de coleta, e articulação com os facilitadores escolares, visando garantir o uso de espaços adequados e o alinhamento das atividades com a rotina das crianças e de seus responsáveis. O cronograma de encontros foi distribuído estrategicamente ao longo dos meses para permitir a maturação do vínculo com os participantes e a coleta de dados em diferentes momentos do processo investigativo.

Aplicação dos Grupos Focais

5.11 OS GRUPOS FOCAIS E OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS PELAS CRIANÇAS ÀS FOTOGRAFIAS

Após a etapa de coleta das fotografias, foi realizado um segundo encontro com as crianças participantes para aplicação do Grupo Focal (GF). Esse momento teve como objetivo promover a socialização das imagens capturadas e estimular uma discussão coletiva sobre os temas emergentes a partir dos registros fotográficos. A metodologia permitiu o aprofundamento sobre as percepções das crianças em relação às suas práticas alimentares.

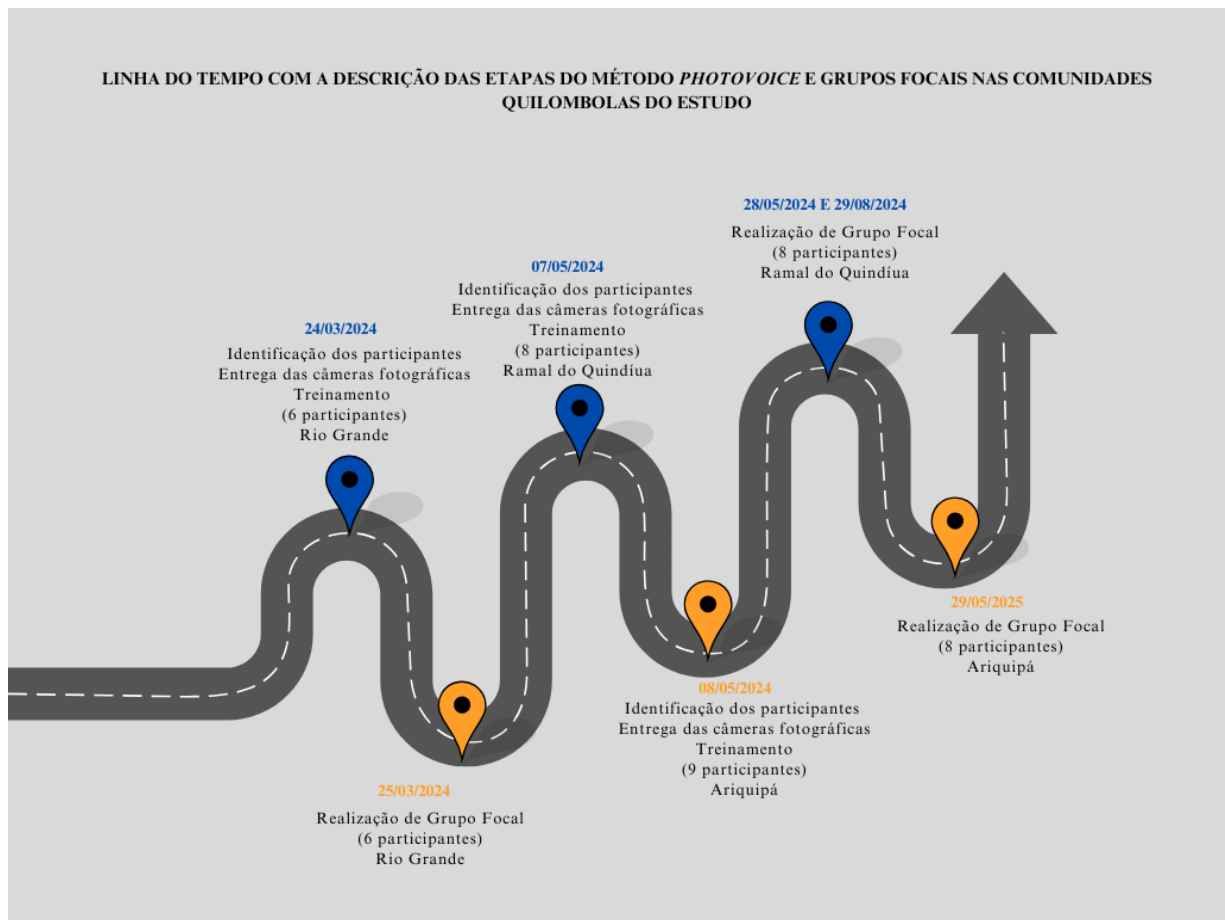
O Grupo Focal foi conduzido como técnica de pesquisa qualitativa, cuja finalidade consiste em coletar informações sobre um tema específico por meio de discussão estruturada entre participantes reunidos em um mesmo local e durante um período determinado, conforme descrito por Kinalski *et al.* (2017). Para isso, constituiu-se uma equipe de pesquisadores formada pela pesquisadora principal, duas pesquisadoras docentes, e 4 pesquisadores discentes, sendo 1 mestranda e 3 graduandos de medicina.

Nos encontros realizados nas comunidades quilombolas de Rio Grande, Ramal do Quindíua e Ariquipá, participaram quatro membros da equipe: a pesquisadora principal (facilitadora), a pesquisadora docente (moderadora) e dois discentes observadores. A facilitadora foi responsável por mediar as discussões com base em perguntas norteadoras,

promovendo a escuta ativa e a participação espontânea das crianças. Sua atuação garantiu um ambiente respeitoso e acolhedor, no qual cada participante pôde expressar livremente suas opiniões, sentimentos e experiências sobre os hábitos alimentares vivenciados em suas comunidades.

Os grupos focais foram realizados de forma estruturada, respeitando a organização e a disponibilidade das comunidades envolvidas. Na comunidade quilombola de Rio Grande, os encontros ocorreram em 24 e 25 de março de 2024. Na comunidade de Ariquipá, os grupos focais ocorreram em duas etapas, nos dias 8 e 29 de maio de 2024. Já em Ramal do Quindíua, as atividades foram realizadas nos dias 7 e 28 de maio de 2024, com reaplicação em 29 de agosto do mesmo ano, com o intuito de aprofundar as discussões emergentes, pois na primeira coleta, observou-se certa dificuldade entre as crianças para expressão verbal de suas percepções, sendo o material obtido insuficiente para atender as prerrogativas do método e alcance dos objetivos propostos. Assim, nessa nova coleta, foram repensadas as estratégias para permitir maior e melhor expressão das crianças, considerando suas características. A Figura 4 mostra a Linha do tempo com a descrição das Etapas do Método *Photovoice* e Grupos Focais nas Comunidades Quilombolas do estudo.

Figura 4 – Linha do tempo com a descrição das Etapas do Método *Photovoice* e Grupos Focais nas Comunidades Quilombolas do estudo



Fonte: autoria própria (2024).

As discussões realizadas nos Grupos Focais foram integralmente audiogravadas e videogravadas, com exceção da comunidade onde foi conduzido o estudo piloto, na qual apenas a audiogravação foi realizada. Em todas as comunidades, os registros ocorreram mediante consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais e das próprias crianças participantes, conforme os preceitos éticos estabelecidos. A finalidade das gravações foi facilitar a organização, sistematização e posterior análise dos dados.

A videogravação mostrou-se uma ferramenta analítica valiosa, especialmente diante de desafios observados durante os encontros. Em diversos momentos, as crianças não seguiam as orientações previamente acordadas, como evitar falar simultaneamente ou levantar a mão antes de comentar, o que dificultava a identificação da ordem de fala pelos observadores. Além disso, as respostas tendiam a ser curtas e concisas, frequentemente compostas por poucas palavras. No entanto, os registros em vídeo possibilitaram captar expressões faciais, gestos e reações

emocionais sutis que enriqueceram significativamente a compreensão das falas, permitindo a superação dessa limitação na análise.

Para realização do Grupo Focal procedeu-se da seguinte maneira: aplicaram-se na forma de debate as questões norteadoras, com liberdade de tempo para a expressão das crianças sobre o tema do estudo, até que se atingisse a saturação dos dados, percebida pela equipe de pesquisa, quando as crianças não mostravam mais interesse em responder ou falar sobre as questões, apresentando assim repetição no padrão das respostas ou mesmo ausência de respostas. Por isso, entre as comunidades do estudo houve variabilidade de tempo, na comunidade Rio Grande teve duração de 20 minutos, na comunidade Ramal do Quindíua teve duração de 1 hora e 30 minutos em cada aplicação do Grupo Focal e na comunidade Aripipá teve duração de 1h e 51 minutos. O Quadro 1 demonstra o detalhamento do tempo de audiogravação e videogravação nas comunidades quilombolas do estudo

Quadro 1 – Detalhamento do tempo de audiogravação e videogravação nas comunidades quilombolas do estudo

Tipo de gravação	Duração
Aúdio-gravação - Ramal do Quindíua	1h01min02s
Aúdio-gravação - Ramal do Quindíua	1h01min01s
Vídeo-gravação - Ramal do Quindíua	1h15min
Vídeo-gravação - Ramal do Quindíua	1h04min
Audio-gravação – Aripipá	1h06min30s
Vídeo-gravação – Aripipá	45min57s
Audio-gravação - Rio Grande	14min38s

Fonte: autoria própria (2024).

Para complementação das informações coletadas foram realizadas anotações de campo, que foram valiosas para registrar observações contextuais durante o processo, sendo essa a metodologia escolhida para atingir o objetivo proposto.

5.12 ANÁLISE DE DADOS

Após a realização dos Grupos Focais nas comunidades, deu-se início ao processo de transcrição integral das falas, bem como à organização dos dados por criança e por comunidade. Essa sistematização permitiu a identificação de temas emergentes relacionados às percepções infantis sobre alimentação.

Durante a transcrição, algumas falas foram ajustadas para garantir melhor compreensão e fluidez dos discursos, preservando a essência e a autenticidade das narrativas das crianças.

Nos estudos qualitativos, o processo de transcrição das falas dos participantes pode demandar ajustes pontuais com o objetivo de garantir a clareza e a inteligibilidade do conteúdo, sem comprometer a autenticidade ou o sentido original das declarações. Esses ajustes são especialmente importantes quando se trata de grupos com características específicas, como crianças, que frequentemente utilizam frases incompletas, regionalismos ou expressões simbólicas próprias de seu contexto sociocultural. Conforme apontado por Minayo (2021), a transcrição deve respeitar a integralidade das falas, mas admite pequenas adaptações linguísticas para facilitar a compreensão e a posterior análise interpretativa, desde que preservados o conteúdo, o tom e a intenção comunicativa dos participantes.

A etapa seguinte envolveu a seleção e análise das imagens capturadas, com foco nos significados atribuídos a elas pelas participantes. A partir desse processo interpretativo, foi possível realizar uma categorização dos temas emergentes, que integrou os aspectos visuais e verbais expressos pelas crianças.

Para a análise dos dados, adotou-se o método de análise de conteúdo temático categorial, conforme proposto por Bardin (2016), amplamente utilizado por sua capacidade de sistematizar e interpretar grandes volumes de informações, extraindo sentidos latentes e manifestos das comunicações. A proposta metodológica de Bardin compreende três fases principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação, permitindo uma abordagem sistemática e rigorosa dos fenômenos estudados.

Neste estudo, a aplicação das etapas ocorreu da seguinte forma:

Pré-análise: consistiu na leitura flutuante das transcrições, com o objetivo de familiarização com o material, identificação de unidades de registro e levantamento inicial de categorias temáticas baseadas nas falas das crianças.

Exploração do material: nessa fase, realizou-se a codificação dos trechos mais significativos, que foram agrupados segundo os temas previamente definidos, com base nas falas e imagens selecionadas pelas crianças durante os Grupos Focais (Apêndices O e P)

As categorias que emergiram da análise resultaram da triangulação entre os discursos das crianças nos Grupos Focais, destacando o uso combinado de audiograções e videograções, e a contextualização simbólica das fotografias por elas selecionadas. A análise privilegiou a escuta sensível e a valorização das experiências infantis, permitindo que as crianças compartilhassem suas histórias, interpretações e reflexões a partir de suas realidades socioculturais.

5.13 ASPECTOS ÉTICOS

Neste estudo foram respeitados todos os preceitos éticos determinados pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012) e da Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

O estudo faz parte do estudo citado anteriormente e possui aprovação do Departamento de Enfermagem da UFMA e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Maranhão (CEP-UFMA), CAE: 21625819.0.0000.5087, com parecer nº 3.711.271 (ANEXO B). Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE para um responsável pela criança e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE para a criança.

O TALE, ilustrado para crianças (Apêndice A), adequado à realidade e ao contexto das crianças quilombolas, contará com histórias interativas e ilustrações com linguagem adequada à faixa etária e com clareza sobre o método aplicado na pesquisa, necessária para que haja maior identificação por parte das crianças com o instrumento. O TALE ilustrado foi avaliado pelo grupo de crianças quilombolas participantes deste estudo, para verificar sua eficácia, bem como o Termo de autorização de cessão do uso de imagem (Apêndice B).

Cada pai e/ou responsável posicionou-se ao lado da criança participante e recebeu, além da câmera fotográfica, uma cópia impressa do manual e uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE e do Termo de autorização de cessão do uso de imagem, os quais continham todas as informações pertinentes à pesquisa. Como evidenciado nas fotografias 4 e 5 das crianças assinando o TALE nas comunidades quilombolas de Ariquipá e Ramal do Quindíua.

Fotografia 4 – Crianças assinando o TALE na comunidade quilombola Ariquipá



Fonte: autoria própria (2024).

Fotografia 5 – Crianças assinando o TALE na comunidade quilombola Ramal do Quindiuá



Fonte: autoria própria (2024).

Desde a concepção metodológica deste estudo, a equipe de pesquisa demonstrou especial atenção à forma de identificação dos sujeitos, com o objetivo de respeitar e valorizar o processo de construção da identidade fotográfica das crianças quilombolas participantes. Contudo, tal preocupação suscitou questionamentos: como garantir o anonimato das crianças sem despersonalizar suas contribuições? Como conciliar a ética da confidencialidade com a valorização simbólica de suas identidades culturais? As respostas para essas questões não emergiram de maneira imediata ou linear, mas foram construídas gradativamente ao longo do desenvolvimento metodológico, influenciando tanto a seleção quanto a titulação das fotografias.

Para preservar a confidencialidade dos participantes, optou-se pela atribuição de nomes fictícios, inspirados em brincadeiras infantis africanas, acompanhados de uma

numeração sequencial de 1 a 9. Essa escolha não apenas garantiu o anonimato, conforme preconizam os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, mas também agregou valor cultural ao processo de identificação. Na comunidade quilombola de Rio Grande, utilizou-se o nome da brincadeira Kakopi; em Ramal do Quindíua, adotou-se Terra-mar; e, em Ariquipá, a brincadeira escolhida foi Banyoka.

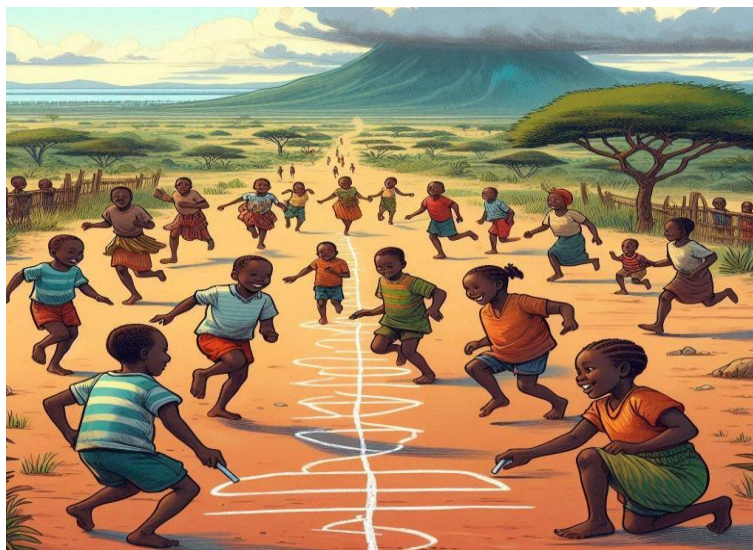
A seleção dessas brincadeiras infantis africanas visou resgatar e exaltar elementos da ancestralidade africana presentes nas comunidades quilombolas, promovendo uma conexão simbólica com as práticas lúdicas transmitidas intergeracionalmente. A brincadeira Terra-mar, por exemplo, é tradicional em diversas comunidades afrodescendentes e simboliza a alternância entre dois espaços (terra e mar), remetendo à noção de adaptação constante e movimento.

Essa metáfora é particularmente significativa na análise das experiências alimentares das crianças, uma vez que reflete os desafios enfrentados entre práticas alimentares tradicionais e influências externas, como os alimentos industrializados.

Assim como Terra-mar, as brincadeiras Kakopi e Banyoka foram escolhidas não apenas como elementos de codificação, mas como representações culturais que expressam o universo simbólico das crianças.

Dessa forma, a estratégia adotada reforça o compromisso do estudo com a valorização da cultura local, alinhando-se à proposta de compreender as práticas alimentares quilombolas em sua complexidade histórica, social e simbólica. As figuras 5, 6 e 7 ilustram as brincadeiras Terra-mar, Banyoka e Kakopi, respectivamente, elaboradas no aplicativo Microsoft Designer como parte do material visual complementar à pesquisa.

Figura 5 – Brincadeira Terra-mar



Fonte: *Microsoft designer* (2024).

Figura 6 – Brincadeira *Banyoka*



Fonte: *Microsoft designer* (2024).

Figura 7 – Brincadeira da *Kakopi*



Fonte: *Microsoft designer* (2024).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa buscou compreender as práticas alimentares de crianças de comunidades quilombolas, à luz da teoria de Pierre Bourdieu, com ênfase nos conceitos de *habitus*, campo e capital. Este estudo está estruturado de forma a explorar, de maneira progressiva, as diversas dimensões dessa teoria, com foco no modo como os participantes mobilizam diferentes formas de *habitus*, campo e capital (social, econômico e cultural) em suas práticas alimentares.

Para Maciel e Castro (2013) a alimentação, enquanto prática social, é um dos elementos que expressam as distinções simbólicas descritas por Bourdieu em *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. O gosto alimentar não se trata apenas de uma escolha individual, mas está intrinsecamente ligado ao *habitus*, ou seja, ao conjunto de disposições incorporadas ao longo da vida e influenciadas pela estrutura social. Nesse sentido, a perspectiva socioantropológica de Maciel e Castro (2013) contribui para compreender como os sistemas alimentares refletem identidades culturais e hierarquias sociais, evidenciando que as práticas alimentares não apenas delimitam grupos, mas também reforçam desigualdades e dinâmicas de poder. No contexto da cultura quilombola, o alimento carrega não só significados históricos e culturais, mas também funciona como um marcador de pertencimento, demonstrando como as relações sociais moldam e são moldadas pelas práticas alimentares.

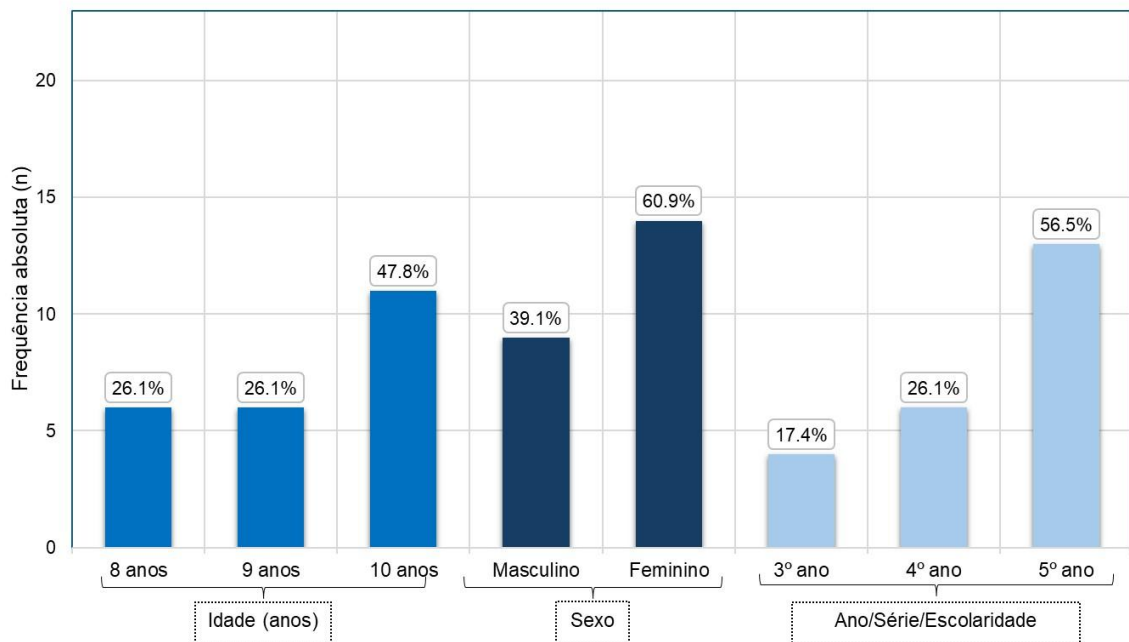
Neste estudo, inicialmente, abordou-se a caracterização dos participantes, apresentando uma descrição detalhada de cada criança envolvida nesta pesquisa. Essa caracterização permitiu contextualizar as experiências alimentares vivenciadas pelas crianças, considerando suas realidades sociais e culturais. Na seção 6.2, é apresentada a análise das práticas alimentares nas comunidades quilombolas, explorando como essas práticas estão intrinsecamente ligadas ao território em que vivem. As falas dos participantes, associadas às fotografias capturadas, revelam uma forte conexão entre o espaço vivido e os alimentos consumidos, evidenciando o conhecimento tradicional transmitido entre as gerações.

6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O estudo contou com a participação de 23 crianças provenientes de comunidades quilombolas localizadas no Maranhão, com idades entre 8 e 10 anos. Os participantes foram distribuídos entre três comunidades quilombolas: 9 crianças da Comunidade Quilombola de Ariquipá, 8 crianças da Comunidade Quilombola de Ramal do Quindiu e 6 crianças da

Comunidade Quilombola Rio Grande. Durante o desenvolvimento da pesquisa, um participante da Comunidade Quilombola de Ariquipá foi excluído devido à sua ausência nas etapas de realização dos Grupos Focais, o que comprometeu sua participação nas fases finais. Para a caracterização dos participantes, utilizou-se um questionário sociodemográfico estruturado (Apêndice I). A seguir, apresenta-se o Gráfico 1, com a caracterização detalhada das crianças participantes, com base nas informações obtidas através desse instrumento.

Gráfico 1 – Caracterização das crianças participantes por idade, sexo e ano/série escolar



Fonte: autoria própria (2024).

6.1.1 Descrição dos participantes da pesquisa

Esta seção tem como objetivo apresentar uma descrição individualizada de cada criança participante da pesquisa, a fim de compreender o processo que envolveu a experiência de fotografar, vivenciado por cada uma delas. Ao investigarmos as práticas alimentares nas comunidades quilombolas, uma das questões centrais foi compreender quais alimentos são representativos na dieta dessas populações e como eles estão associados aos seus contextos cultural e territorial. As respostas dos participantes revelaram uma profunda conexão entre a alimentação e o território, expressa tanto nas falas quanto nas imagens produzidas pelas crianças, que ilustram suas vivências e a sua relação com os alimentos em seu cotidiano.

A atribuição de títulos para as fotografias das crianças teve como objetivo inicial identificar os alimentos consumidos e combinar as imagens com as falas apresentadas. Porém no decorrer do processo e com o intuito de transparecer nos resultados da pesquisa a imersão do pesquisador principal no campo e o vínculo criado com as crianças, para cada participante foi atribuída em uma das fotografias apresentadas nos Grupos Focais, uma descrição que fosse de acordo com as percepções desse pesquisador e que principalmente respeitasse o campo e as expressões e sentimentos apresentados pelas crianças no momento da coleta dos dados.

6.1.1.1 Criança Banyoka 1

Banyoka 1 é uma menina moradora da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de sete cômodos com sua avó. Sua casa fica a menos de 1 quilômetro do rio (não especificou qual), devido a essa proximidade, sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação de animais em seu quintal, galinhas e patos e cultiva mangueiras. Nas proximidades de sua casa existe uma horta comunitária, com as seguintes variedades: milho, mandioca e feijão. Os alimentos que não são cultivados ou de origem animal criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua avó. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

As falas da criança Banyoka 1 revelam como as frutas fazem parte das preferências alimentares das crianças quilombolas e como as crianças têm conhecimento do período de colheita.

“Eu gosto da manga [...]tem manga no tempo de colher [...] agora tem pouca porque não tá no tempo” (Banyoka 1).

“Lá em casa tem manga, coco e acerola” (Banyoka 1).

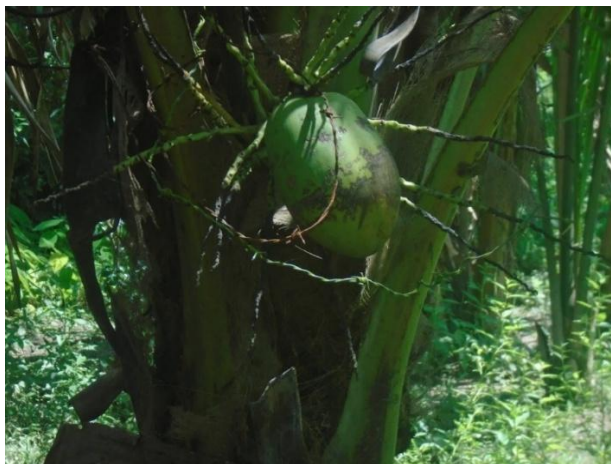
“Eu gosto de acerola,porque eu bebo o suco e como a fruta” (Banyoka 1).

Fotografia 6 – Ilustração sobre o consumo de frutas -Manga



Fonte: Banyoka 1 (2024).

Fotografia 7- Ilustração sobre o consumo de frutas - coco



Fonte: Banyoka 1 (2024).

Banyoka 1 através de suas 17 fotografias, incluindo a imagem intitulada “Meu quintal é cheio de frutas” registrou sua horta doméstica, composta por frutas regionais, incluindo acerola, coco, tamarindo e limão.

Fotografia 8 – Meu quintal é cheio de frutas



Fonte: Banyoka 1 (2024).

A análise das imagens produzidas por Banyoka 1 revela conhecimento da criança sobre os ciclos de cultivo dessas frutas, provavelmente obtido pela prática da agricultura familiar, principalmente a horta individual no entorno do domicílio. Este dado corrobora com estudos prévios que enfatizam a importância da transmissão de saberes e práticas intergeracionais, fundamentais para a preservação do conhecimento ancestral das comunidades quilombolas, como o estudo de Santos e Cazumbá (2022), que aborda a importância da transmissão de narrativas e saberes tradicionais nas comunidades quilombolas, evidenciando como esses conhecimentos são passados de uma geração para outra.

6.1.1.2 Criança Banyoka 2

Banyoka 2 é um menino morador da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de seis cômodos com cinco pessoas incluindo, pai, mãe e dois irmãos de 12 e 16 anos, respectivamente. Sua casa fica à 500 metros do rio do Cacete (rio temporário que atravessa a comunidade), devido a essa proximidade, sua família realiza a pesca de subsistência. Também tem criação animais em seu quintal, galinhas, porcos, bois e cavalos. No entorno de sua casa existe uma horta individual com o cultivo de: laranja, limão, acerola, banana, coco, maracujá, couve-folha e cheiro-verde e nas proximidades de sua casa, uma horta comunitária, com as seguintes variedades: maxixe, quiabo, couve-folha, cheiro-verde, milho e mandioca. Os alimentos que não são cultivados ou de origem animal criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

Em suas 61 imagens, a criança quilombola demonstrou as plantas cultivadas e os animais que cria, refletindo sua conexão com a comunidade que reside. A horta, as árvores frutíferas e a criação de pequenos animais não só proporcionam alimentos frescos e nutritivos, mas também fortalecem a segurança alimentar da família.

“Eu gosto de laranja e pão [...]eu comi pêra e abacaxi” (Banyoka 2).

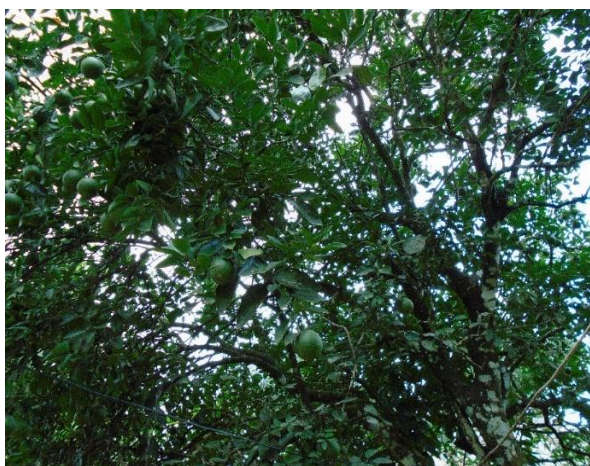
“Eu gosto de galinha e o arroz” (Banyoka 2).

Fotografia 9 – Ilustração sobre o consumo de frutas -coco



Fonte: Banyoka 2 (2024).

Fotografia 10 – Ilustração sobre o consumo de frutas- laranja



Fonte: Banyoka 2 (2024).

Fotografia 11 – Ilustração sobre o consumo -Arroz e galinha



Fonte: Banyoka 2 (2024).

As falas de Banyoka 2 expressam suas preferências alimentares, suas fotografias mostram que os alimentos consumidos por ele, principalmente as frutas, obtidas através do cultivo de árvores frutíferas nas proximidades de sua casa.

A fotografia “Eu prefiro a foto dos patinhos” revelou a criação de pequenos animais de seu quintal. A criança quilombola demonstrou através de suas imagens as plantas cultivadas e os animais que cria, refletindo sua autonomia e conexão com o meio ambiente local. A horta, as árvores frutíferas e a criação de pequenos animais não só proporcionam alimentos frescos e nutritivos, mas também fortalecem a segurança alimentar da família.

Fotografia 12 – Eu prefiro a foto dos patinhos



Fonte: Banyoka 2 (2024).

A alimentação, enquanto prática social e cultural, é também um reflexo das relações históricas e de poder dentro de uma determinada sociedade, como destaca Sueli Aparecida Moreira em *Alimentação e Comensalidade: Aspectos Históricos e Antropológicos*. A autora

explora como os atos de comer e compartilhar alimentos não são apenas necessidades biológicas, mas também carregam significados simbólicos profundamente enraizados em práticas culturais e sociais (Moreira, 2010). No contexto das comunidades quilombolas, como mencionado por Bourdieu, o gosto e as práticas alimentares se configuram como elementos do *habitus*, refletindo não só a resistência e a luta histórica contra a opressão, mas também a manutenção de identidades culturais. O estudo da comensalidade, ou seja, o ato de comer em conjunto, permite compreender a importância da partilha alimentar na construção de laços sociais e comunitários, ao mesmo tempo em que revela as desigualdades e os desafios enfrentados pelas populações marginalizadas no acesso a alimentos adequados e nutritivos.

6.1.1.3 Criança Banyoka 3

Banyoka 3 é um menino morador da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de cinco cômodos com sete pessoas incluindo, pai, mãe, avós, tio e três irmãos de 02, 05, 07 anos, respectivamente. Apesar de sua casa não ficar próximo de um dos rios que abastecem a comunidade, sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação animais em seu quintal, galinhas, porcos e patos. No entorno de sua casa existe uma horta individual com o cultivo de: milho, arroz e mandioca, sua família não participa de horta comunitária. Os alimentos que não são cultivados ou de origem animal criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

As fotografias e falas de Banyoka 3, um menino de 9 anos, da comunidade quilombola de Ariquipá, revelam em suas 26 fotografias uma dieta composta por alimentos produzidos em casa e alimentos processados.

“Eu como carne, galinha, fígado, macarrão” (Banyoka 3).

“Eu gosto de frutas[...]manga[...]acerola[...]e banana” (Banyoka 3).

“Eu como milho, banana, carne, arroz, café, cuscuz, galinha” (Banyoka 3).

Fotografia 13 – Ilustração sobre o consumo- arroz e carne



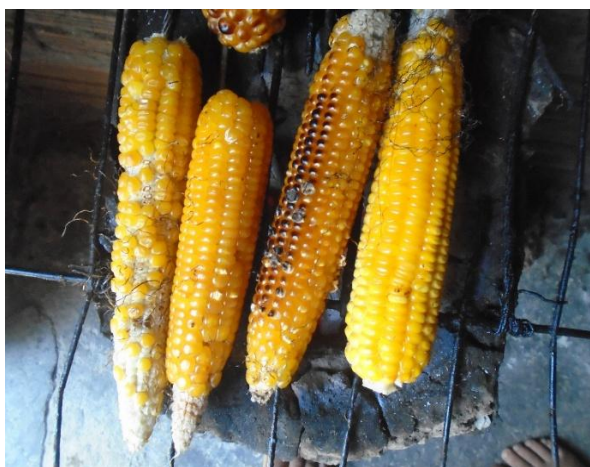
Fonte: Banyoka 3 (2024).

Fotografia 14 – Ilustração sobre o consumo de frutas -bananas



Fonte: Banyoka 3 (2024).

Fotografia 15 – Ilustração sobre o consumo -milho assado



Fonte: Banyoka 3 (2024).

As falas das crianças quilombolas evidenciam a diversidade alimentar presente no cotidiano das comunidades, destacando tanto os alimentos cultivados localmente quanto aqueles adquiridos. Essa variedade reflete a influência da cultura alimentar tradicional e a permanência de hábitos transmitidos entre gerações.

Na fotografia “Camarão e farinha de mandioca da minha comunidade”, a farinha de mandioca, presente em outras fotografias das crianças das comunidades quilombolas do estudo, vem nessa imagem acompanhada do camarão seco, ambos cultivados na própria comunidade.

Fotografia 16 – Camarão e farinha de mandioca da minha comunidade



Fonte: Banyoka 3 (2024).

6.1.1.4 Criança Banyoka 4

Banyoka 4 é uma menina moradora da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha sua rotina com sua mãe, padrasto e dois irmãos de 13 e 1 ano de idade, respectivamente. Sua casa possui cinco cômodos e fica a 700 metros dos rios do Caceto e rio do Mucambo, por isso costuma acompanhar seus familiares na prática da pesca. Também tem criação de pequenos animais em seu quintal, patos, galinhas e porcos. No entorno de sua casa existe uma horta comunitária com as seguintes variedades: milho, legumes e mandioca. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança Banyoka 4 também revelam padrões alimentares entre as refeições do dia, evidenciando a preferência por determinados alimentos no almoço e no jantar, o que pode estar relacionado tanto à disponibilidade dos ingredientes quanto aos hábitos culturais da comunidade.

“De noite eu como mais é carne com arroz ebisteca pelo almoço” (Banyoka 4).

Fotografia 17 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Carne com vegetais

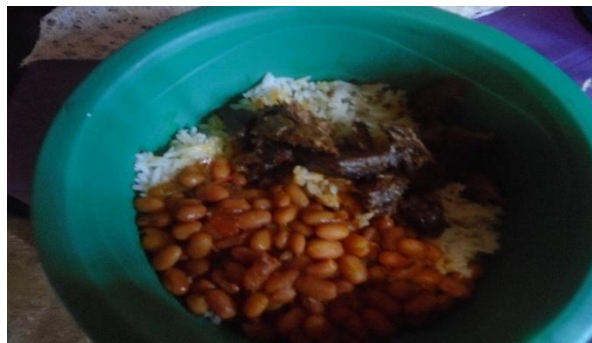


Fonte: Banyoka 4 (2024).

As crianças demonstram consciência sobre a relação entre alimentação e saúde, destacando a importância do consumo de alimentos variados, como frutas, verduras e proteínas, para o bem-estar e a nutrição adequada. Como na fala de Banyoka 4.

“Eu gosto de frutas, verduras, galinha, porque faz bem pra saúde e a gente precisa se alimentar bem” (Banyoka 4).

Fotografia 18 – Ilustração sobre o consumo de frutas - arroz com feijão e carne bovina



Fonte: Banyoka 4 (2024).

Banyoka 4, em suas 10 fotografias, mostra o cotidiano de uma criança que gosta de consumir frutas, como a banana da imagem. Ela vive em uma comunidade quilombola e se alimenta de frutas cultivadas em casa, mas também consome alimentos como frituras, carne de porco e fala como sua família faz para comprar esses alimentos na sede do município.

A fotografia intitulada “As frutas do meu quintal”, mostra o cotidiano de uma criança que gosta de consumir frutas, como a banana da imagem. Ela vive em uma comunidade

quilombola e se alimenta de frutas cultivadas em casa, mas também consome alimentos como frituras, carne de porco e fala como sua família faz para comprar esses alimentos na sede do município. Essa realidade reflete um pouco do retrato da alimentação infantil no Brasil, marcada pela coexistência de práticas alimentares tradicionais e pela influência da cultura alimentar globalizada.

Fotografia 19 – As frutas do meu quintal



Fonte: Banyoka 4 (2024).

6.1.1.5 Criança Banyoka 5

Banyoka 5 é uma menina moradora da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de seis cômodos com nove pessoas: sua avó, pais, mãe e quatro irmãos de 20, 17, 12 e 07 anos, respectivamente. Sua casa fica a 1 quilômetro do rio (não especificou qual), porém não pratica a pesca de subsistência. Também tem criação de pequenos animais em seu quintal, patos, galinhas e porcos. No entorno de sua casa existe uma horta individual com as seguintes variedades: laranja, limão, acerola e banana. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, exemplos citados foram a uva e a maçã, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

Fotografia 20 – Ilustração sobre o consumo – Bolo de Milho



Fonte: Banyoka 5 (2024).

O relato de Banyoka 5 também evidenciam os hábitos alimentares matutinos das crianças, com a presença de alimentos comuns no desjejum, como café e pão, que fazem parte da rotina alimentar da comunidade. “Eu tomo café[...] eu como pão” (Banyoka 5).

Fotografia 21 – Ilustração sobre o consumo- Café com biscoito



Fonte: Banyoka 5 (2024).

A fala de Banyoka 5, mesmo que com certo teor fantasioso quando se refere a torta ser de tubarão, evidenciam as fontes de proteínas presentes na alimentação local, incluindo peixes e mariscos (camarões) e carnes variadas, que refletem tanto a disponibilidade regional quanto os costumes alimentares da comunidade. "É uma torta de tubarão (risos) [...] eu como camarão [...] eu como carne de boi [...] eu como carne" (Banyoka 5).

Banyoka 5 produziu 17 fotografias, dentre elas, A fotografia “Almoço em família” retrata um momento especial vivido pela criança Banyoka 5, a refeição em comemoração ao

Dia das Mães, com comidas típicas da comunidade, como torta de camarão, carne de porco, arroz e macarrão. Nessa imagem fica evidente a importância da alimentação em família e seu papel socializador. A mesa com pratos típicos revela a tradição culinária local e a importância da alimentação como elemento aglutinador.

Fotografia 22 – Almoço em família



Fonte: Banyoka 5 (2024).

6.1.1.6 Criança Banyoka 6

Banyoka 6 é uma menina moradora da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de seis cômodos com seis pessoas: bisavó, avó, tio, pais e uma irmã de 13 anos. Sua casa fica à 500 metros dos rios do Cacete e do rio do Mucambo, devido a essa proximidade, sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação animais em seu quintal, aves (galinhas) e bovinos. Nas proximidades de casa existe uma horta comunitária, com as seguintes variedades: laranja, limão, banana, cajá, milho, mandioca, feijão e arroz. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, exemplos citados foram a uva e a maçã, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

Banyoka 6, com cuidado e atenção aos detalhes, capturou 11 momentos distintos das refeições. Os hábitos alimentares matutinos das crianças refletem a tradição alimentar da comunidade, com a presença de alimentos regionais, como na fotografia intitulada: O café e o cuscuz o cuscuz, compondo uma refeição típica e presente na mesa de muitas famílias não só da comunidade quilombola como também da cultura maranhense. "Eu tomo café, cuscuz" (Banyoka 6).

Fotografia 23 – O café e o cuscuz



Fonte: Banyoka 6 (2024).

As falas das crianças também evidenciam a presença de preparações comuns no dia a dia da comunidade, como a combinação de arroz com proteínas, reforçando a importância desses alimentos na alimentação cotidiana. "Eu também comi toscana com arroz" (Banyoka 6).

Fotografia 24 – Ilustração sobre o consumo – Arroz, feijão e ovo



Fonte: Banyoka 6 (2024).

"Achei as fotos bem legais" (Banyoka 6).

Fotografia 25 – Ilustração sobre o consumo – Café com leite e pão



Fonte: Banyoka 6 (2024).

6.1.1.7 Criança Banyoka 7

Banyoka 7 é um menino morador da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de cinco cômodos com nove pessoas incluindo, mãe e dois irmãos de 12 e 17 anos, respectivamente. Sua casa fica à dois quilômetros do rio (não especificou qual), devido à proximidade do rio, sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação animais em seu quintal, galinhas e porcos. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: banana, milho e mandioca. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A presença de proteínas na alimentação das crianças evidencia a influência dos recursos naturais locais, com o consumo de carnes variadas, incluindo pescados, refletindo os hábitos alimentares da comunidade.

“Eu como carne, peixe, galinha, sardinha e camarão” (Banyoka 7).

Fotografia 26 – Ilustração sobre o consumo -Arroz, feijão e peixe frito



Fonte: Banyoka 7 (2024).

As falas das crianças refletem o padrão alimentar presente na comunidade, com a inclusão de grupos alimentares, como proteínas, frutas, hortaliças e carboidratos. Além disso, demonstram uma percepção consciente sobre a importância de uma alimentação equilibrada para a saúde.

"Eu gosto de salada, peixe, galinha, suco, carne, banana, acerola, macarrão, feijão, arroz porque é saudável" (Banyoka 7).

Fotografia 27 – Ilustração sobre o consumo- Peixe e farinha de mandioca



Fonte: Banyoka 7 (2024).

As percepções das crianças em relação às imagens registradas refletem um olhar sensível sobre o cotidiano e os elementos que compõem sua realidade, evidenciando a valorização estética e afetiva dos registros visuais.

"Achei as fotos bonitas" (Banyoka 7).

Fotografia 28 – Ilustração sobre o consumo - Café



Fonte: Banyoka 7 (2024).

As fotografias registradas por Banyoka 7 revelam uma característica interessante nas fotografias das comunidades quilombolas, a constância de alimentos com caldo, cozidos e a presença de legumes típicos da região. Em suas 09 imagens ele evidencia a tradição de preparar pratos com caldo e legumes, como o quiabo, está associada a uma herança ancestral nas comunidades quilombolas, transmitida de geração em geração.

A fotografia registrada por Banyoka 7 revela uma característica nas fotografias das comunidades quilombolas, a constância de alimentos com caldo, cozidos e a presença de legumes típicos da região como o quiabo. A tradição de preparar pratos com caldo e legumes, como o quiabo, está associada a uma herança ancestral nas comunidades quilombolas, transmitida de geração em geração.

Fotografia 29 – Entre os legumes, o quiabo



Fonte: Banyoka 7 (2024).

6.1.1.8 Criança Banyoka 8

Banyoka 8 é uma menina moradora da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de cinco cômodos com quatro pessoas incluindo, pais e um irmão (idade não informada). Sua casa fica a aproximadamente dois quilômetros do rio (não sabe especificar qual), devido à proximidade do rio, sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação animais em seu quintal, galinhas, patos e porcos. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: banana e laranja. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, exemplos citados: batata e cenoura e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe.

As falas das crianças também revelam a percepção sobre a frequência do consumo de determinados alimentos, indicando que alguns itens, como a toscana, são consumidos ocasionalmente, possivelmente devido a fatores culturais, econômicos ou de disponibilidade.

"A toscana é porque a gente não come sempre" (Banyoka 8).

Fotografia 30 – Ilustração sobre o consumo- Pizza



Fonte: Banyoka 8 (2024).

Fotografia 31 – Ilustração sobre o consumo -Banana com farinha de mandioca



Fonte: Banyoka 8 (2024).

A fala de Banyoka 8 demonstram os alimentos presentes em seu cotidiano, evidenciando a escolha de registrar visualmente itens que fazem parte de fato de sua alimentação.

"Eu tirei foto da salsicha" (Banyoka 8).

Fotografia 32 – Ilustração sobre o consumo – Arroz, salsicha e farinha de mandioca



Fonte: Banyoka 8 (2024).

As 18 fotografias capturadas por Banyoka 8 mostram a presença cada vez mais regular de alimentos processados como a pizza e a salsicha. Esses alimentos, presentes nas falas também das outras crianças, por vezes demonstrando receio de admitir a sua ingestão e o fato de gostarem de consumi-lo, também foi evidenciado na fala dessa participante.

A fotografia capturada por Banyoka 8 denominada: "O refrigerante é bom mais." traz um dos alimentos industrializados mais consumidos pelas crianças, o refrigerante. Esse alimento, presente também na fala das outras crianças, por vezes demonstrando receio de

admitir a sua ingestão e o fato de gostarem de consumi-lo, também foi evidenciado na fala dessa participante.

Fotografia 33 – O refrigerante é bom, mas...



Fonte: Banyoka 8 (2024).

6.1.1.9 Criança Banyoka 9

Banyoka 9 é um menino morador da Comunidade Quilombola de Ariquipá, que compartilha a moradia de quatro cômodos com duas pessoas incluindo, pai e um irmão de 12 anos. Sua casa fica próximo do rio (não especificou qual), e sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação animais em seu quintal, galinhas, porcos e patos. No entorno de sua casa existe uma horta individual com o cultivo as frutas: manga e caju, não participa de horta comunitária. Os alimentos que não são cultivados ou de origem animal criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é ele mesmo. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

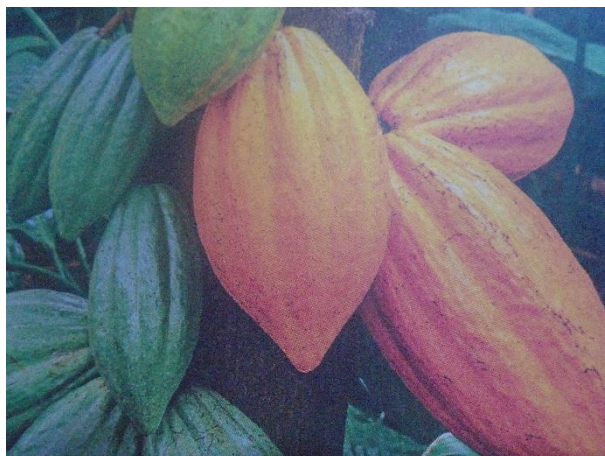
Nas 33 imagens capturadas, um fato que chamou atenção nas fotografias dessa criança, foi a presença de fotografias tiradas de imagens de alimentos que já eram fotografias e dentre essas de frutas que não são originárias de região onde mora. O que traz um questionamento interessante ao estudo, a criança quis mostrar alimentos que gostaria de ter em sua rotina e que provavelmente não tem acesso rotineiramente.

Fotografia 34 – Fotografia de outra fotografia ilustração da fruta – Uva



Fonte: Banyoka 9 (2024).

Fotografia 35 – Fotografia de outra fotografia ilustração da fruta - Cacau



Fonte: Banyoka 9 (2024).

Fotografia 36 – Ilustração sobre o consumo - Macarrão e salsicha



Fonte: Banyoka 9 (2024).

Fotografia 37 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Bananas



Fonte: Banyoka 9 (2024).

Na imagem denominada “Farinha é boa com tudo”, a farinha de mandioca, protagonista das fotografias de Banyoka 9, demonstra sua presença constante na culinária quilombola. Combinada com peixe, carnes vermelhas e café com leite, ela compõe refeições em todos os horários, preservando as tradições alimentares dessas comunidades.

Fotografia 38 – Farinha é boa com tudo



Fonte: Banyoka 9 (2024).

6.1.1.10 Criança Terra-mar 1

Terra-mar 1 é uma menina moradora da Comunidade Ramal do Quindíua, que compartilha a moradia de cinco cômodos com sete pessoas incluindo, pais e cinco irmãos ~~de~~ *menor menores de 1 ano, 6, 13, 17, 19 anos, respectivamente. Sua casa não fica próxima de rio, por isso não pratica a pesca. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e patos. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com a seguinte variedade, coqueiros. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança Terra-mar 1 evidenciam os alimentos presentes em sua rotina, incluindo carboidratos, proteínas e frutas, refletindo tanto hábitos culturais quanto a disponibilidade de ingredientes na comunidade.

"Eu gosto do pão doce, o café, a banana, a farinha, o arroz, a galinha e pão" (Terra-mar 1).

Fotografia 39 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Banana



Fonte: Terra-mar 1 (2024).

"O pão eu gosto. [...] ele é bom o café" (Terra-mar 1).

Fotografia 40 – Ilustração sobre o consumo - Café com pão doce



Fonte: Terra-mar 1 (2024).

As falas das crianças evidenciam a relação da comunidade com os recursos naturais, destacando a pesca artesanal como parte da cultura alimentar local. Além disso, demonstram a valorização do consumo de frutos do mar, como siri e caranguejo, presentes na dieta das famílias.

"Eles panham siri, meu pai [...] é bom a siri [...] também é bom o caranguejo, também" (Terra-mar 1).

Fotografia 41– Ilustração sobre o consumo - Siri com arroz



Fonte: Terra-mar 1 (2024).

Terra-mar 1 registrou em suas 45 fotografias, imagens que refletem seu cotidiano e a influência da comunidade quilombola onde vive. Através de suas fotografias Terra-mar 1 constrói uma narrativa visual detalhada. Na imagem descrita como: “O siri que meu pai panha”. A organização e os cuidados dos cenários, com elementos recorrentes, criaram uma estética que

demonstrou cuidado por parte da criança ou também do familiar que auxiliou na atividade de fotografia.

6.1.1.11 Criança Terra-mar 2

Terra-mar 2 é uma menina moradora da Comunidade Ramal do Quindíua, que compartilha a moradia de três cômodos com cinco pessoas incluindo, pais e quatro irmãos de, 4, 8, 10, 13 anos, respectivamente. Sua casa fica próxima de um rio, mas não praticam a pesca. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e patos. No entorno de sua casa existe uma horta individual cultivada pelos pais, também possuem criação de galinhas e porcos. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

As falas de Terra-mar 2 refletem preferências alimentares pessoais, destacando o consumo de alimentos processados, como a salsicha, que fazem parte da rotina alimentar da comunidade.

"Eu gosto de comer salsicha" (Terra-mar 2).

Fotografia 42 – Ilustração sobre o consumo - Arroz, farinha de mandioca, salsicha e ovo



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

As falas das crianças revelam a diversidade alimentar presente em suas refeições, com a combinação de fontes de proteína animal e carboidratos, refletindo padrões alimentares tradicionais e equilibrados da comunidade.

"Eu como carne, feijão, arroz e macarrão e peixe" (Terra-mar 2).

Fotografia 43 – Ilustração sobre o consumo - Arroz e peixe frito



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

As falas das crianças também indicam a inclusão de alimentos processados, como os salgadinhos, que, apesar de não serem considerados alimentos nutritivos, fazem parte do repertório alimentar e das preferências das crianças.

"Eu gosto de comer salgadinho" (Terra-mar 2).

Fotografia 44 – Ilustração sobre o consumo - Pacote de salgadinho



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

Terra-mar 2 registrou em suas 31 fotografias um dos alimentos que mais consome em sua casa. Na foto intitulada “Da terra e do mar vem meu alimento”, o peixe e o arroz são protagonistas, mas suas fotografias também incluem algumas fotos dos “salgadinhos”, dos quais falava de maneira acanhada e tímida. Sua alimentação reflete os hábitos alimentares de

sua família e comunidade, mas também demonstra as suas preferências alimentares. Reflete, assim, a mistura dos alimentos cultivados e dos alimentos adquiridos na sede do município.

Fotografia 45 – Da terra e do mar vem meu alimento



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

6.1.1.12 Criança Terra-mar 3

Terra-mar 3 é uma menina moradora da Comunidade Ramal do Quindíua, que compartilha a moradia de quatro cômodos com cinco pessoas incluindo, pais e dois irmãos de, 11,15 anos, respectivamente. Sua casa não fica próxima de um rio, mas sua família pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual cultivada pelos pais com as seguintes variedades: banana, acerola e coco. Tem criação animais em seu quintal, galinhas caipiras. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido. Suas falas revelam a variedade de alimentos consumidos no café da manhã, com a alternância entre itens como pão, biscoito, achocolatado, suco e café, destacando a flexibilidade e as preferências alimentares no início do dia. Na fotografia” Antes de ir para a escola” terra-mar 3, como referido em sua fala sobre seu café da manhã.

Fotografia 46 – Antes de ir para a escola



Fonte: Terra-mar 3 (2024).

"É de vez quando no café da manhã é pão, de vez em quando e biscoito [...] e de vez em quando, nescau, suco ou café" (Terra-mar 3).

Fotografia 47 – Ilustração sobre o consumo - Café com pão



Fonte: Terra-mar 3 (2024).

Em outro relato de terra-mar 3, percebe-se como a dieta das crianças está sendo composta por alimentos processados com cada vez mais frequência, o que evidencia a influência do ambiente urbano.

"Eu só tomo refrigerante, quando ele não tem gás [...] eu tomo refrigerante de tarde, quando vou merendar" (Terra-mar 3).

Fotografia 48 – Ilustração sobre o consumo - Refrigerante



Fonte: Terra-mar 3 (2024).

Terra-mar 3 capturou vários momentos do seu dia a dia e da sua alimentação, entre eles, seu café da manhã antes de ir para escola e o lanche da tarde registrados nas fotografias. Nas 42 fotografias que registrou, existe uma diversidade de imagens. Na casa de Terra-mar 3, come-se de tudo um pouco, frutas, verduras, arroz, feijão, biscoito, café, salgadinho.

A alimentação escolar nas comunidades quilombolas é um tema de extrema relevância, pois envolve não apenas questões nutricionais, mas também aspectos culturais, sociais e históricos dessas populações. As comunidades quilombolas, como grupos tradicionais, possuem práticas alimentares que são transmitidas de geração em geração e que refletem sua identidade e resistência cultural. No entanto, esses grupos frequentemente enfrentam desafios no acesso a alimentos saudáveis e adequados, devido a fatores como o isolamento geográfico, a falta de infraestrutura, e a escassez de recursos para a implementação de políticas públicas de saúde e nutrição eficazes (Sousa *et al.*, 2013).

No contexto escolar, a alimentação representa uma oportunidade única para promover a saúde e o bem-estar das crianças quilombolas, ao mesmo tempo em que se valoriza a cultura local. Programas de alimentação escolar podem ser uma ferramenta importante para garantir o acesso a uma alimentação equilibrada, ao mesmo tempo em que respeitam e incorporam os costumes alimentares tradicionais da comunidade. Além disso, a alimentação escolar nas comunidades quilombolas pode servir como um meio de fortalecer a identidade cultural e promover o conhecimento sobre práticas alimentares saudáveis e sustentáveis (Sousa *et al.*, 2013).

6.1.1.13 Criança Terra-mar 4

Terra-mar 4 é uma menina moradora da Comunidade Ramal do Quindíua, que compartilha a moradia de cinco cômodos com quatro pessoas incluindo, sua mãe, avó e dois irmãos (não mencionou as idades). Sua casa não fica próxima de um rio, e não praticam a pesca. Tem criação animais em seu quintal, galinhas. No entorno de sua casa não existe uma horta individual cultivada pelos pais. Os alimentos são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

As falas da criança Terra-mar 4 fazem referência aos alimentos fotografados, evidenciando a presença de itens comuns na alimentação diária, como o pão e o café, que fazem parte da rotina alimentar da comunidade.

"Nas fotos tem pão[...]com café" (Terra-mar 4).

Fotografia 49 – Ilustração sobre o consumo - Pão



Fonte: Terra-mar 4 (2024).

Suas falas indicam a apreciação por alimentos típicos da refeição principal, como o arroz, e associam a fotografia ao momento específico do almoço, destacando a importância das refeições diárias na rotina alimentar.

"Eu gosto do arroz [...] essa foto é da hora do almoço" (Terra-mar 4).

Fotografia 50 – Ilustração sobre o consumo - Macarrão e arroz



Fonte: Terra-mar 4 (2024).

Terra-mar 4 em suas 37 fotografias, mostrou os alimentos que fazem parte da sua dieta rotineira, o peixe também se tornou presença constante o que é reforçado em suas falas, onde diz gostar de comê-lo de todas as formas: frito, cozido e assado. A culinária à base de frutos do mar e da água-doce faz parte da sua alimentação e Terra-mar 4 gosta de experimentar e compartilhar com seus pais e avós.

Além de indicar o consumo de pratos adicionais, como o caldo de peixe, no contexto de uma refeição. o que fica evidenciado pela fotografia intitulada “Peixe-frito”.

"Eu gosto de comer peixe [...] eu gosto do peixe frito de cozido e assado [...] eu gosto de peixe [...] eu como caldo de peixe [...] eu como peixe! quando é peixe, eu como mais de um prato" (Terra-mar 4).

Fotografia 51 – Peixe frito



Fonte: Terra-mar 4 (2024).

6.1.1.15 Criança Terra-mar 5

Terra-mar 5 é uma menina moradora da Comunidade Ramal do Quindíua, que compartilha a moradia de sete cômodos com três pessoas incluindo, pais e um irmão (não informou a idade). Sua casa fica próxima de um rio, mas não praticam a pesca. Tem criação animais em seu quintal, porcos. No entorno de sua casa existe uma horta individual cultivada pelos pais, onde cultivam limão, coco e outras variedades. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança Terra-mar 5, revela o envolvimento familiar nas atividades de preparo das refeições, destacando a participação da mãe no processo de cozinhar e a preferência da criança por ajudar na cozinha. Além disso, há uma referência aos tipos de alimentos preparados, como carne, galinha e calabresa, que são consumidos em sua casa.

"Minha mãe que cozinha [...]ela gosta de cozinhar [...] carne, galinha, calabresa só [...] eu gosto de ajudar ela na cozinha" (Terra-mar 5).

Fotografia 52 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com carne bovina



Fonte: Terra-mar 5 (2024).

Fotografia 53 – Ilustração sobre o consumo - Frango Frito



Fonte: Terra-mar 5 (2024).

Sua fala revela a composição típica do café da manhã, com a combinação de alimentos simples e tradicionais, como café com leite, bolacha e cuscuz, refletindo práticas alimentares comuns na rotina diária da comunidade.

"Eu tomo café é com leite, bolacha e cuscuz" (Terra-mar 5).

A imagem “Meu cuscuz”, registrada pela criança Terra-mar 5, acompanhado do seu “bom café”, deixa transparecer a presença da cultura local, que também se encontra em suas outras 20 fotografias. Elementos como o arroz e a carne de porco surgem frequentemente, acompanhados do pão de forma, leite achocolatado e da pipoca. Além disso, Terra-mar 5 também gosta de alimentos processados.

Fotografia 54 – Meu cuscuz



Fonte: Terra-mar 5 (2024).

6.1.1.16 Criança Terra-mar 6

Terra-mar 6 é um menino morador da Comunidade Ramal do Quindúia, que compartilha a moradia de seis cômodos com nove pessoas incluindo, seus pais e sete irmãos de, 3,6,8, 12, 15 e 17 anos, respectivamente. Sua casa fica a 3 quilômetros do rio Pericumã, sua família pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: coco, limão e laranja. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e porcos. Também participam de horta comunitária com cultivo de: mandioca, milho, melancia e outras variedades. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e a preparação dos alimentos é compartilhada entre os membros de sua família. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança destaca a preferência por uma combinação alimentar tradicional e nutritiva, com arroz e feijão, que representa uma base fundamental na alimentação da comunidade.

"Eu gosto de arroz com feijão" (Criança Terra-mar 6).

Fotografia 55 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com feijão



Fonte: Terra-mar 6 (2024).

A fala da criança demonstra o motivo de ter escolhidos registrar esses alimentos, revelando tanto a escolha pessoal quanto a disponibilidade em documentar os itens que fazem parte de sua alimentação cotidiana.

"Tirei as fotos porque eu quis! [...] porque eu gosto de comer essas coisas [...] foi, tiramos fotos" (Terra-mar 6).

Fotografia 56 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com frango



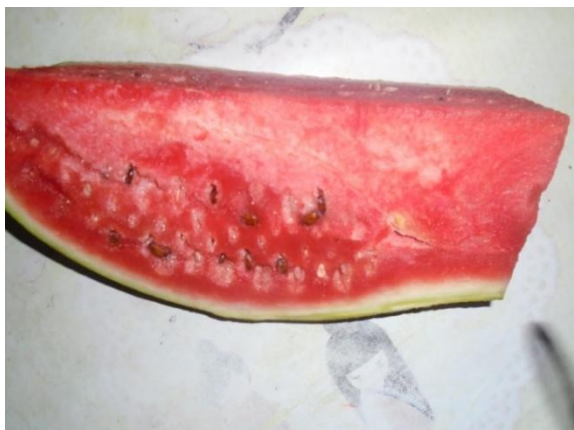
Fonte: Terra-mar 6 (2024).

Terra-mar 6, um menino alegre e comunicativo, expressou, em suas 21 fotografias, que é um menino que adora frutas, mas a preferida é a melancia. Ele posa com a fruta, divide com sua irmã, como na fotografia: arroz com frango mostrando que a comida é mais que nutrição, é um momento de união em família.

A fala da criança e a fotografia denominada “Eu gosto de tudo, de todas as frutas” destaca a prática de adquirir alimentos, como a melancia, diretamente da feira, e revelam a relação afetiva com esse alimento, especialmente associado ao gesto da mãe, que traz a fruta de Bequimão.

"E toda vez que mamãe, vai pra Bequimão, ela traz melancia. Só isso [...] não planto, eu compro na feira a melancia" (Terra-mar 6).

Fotografia 57 – Eu gosto de tudo, de todas as frutas!



Fonte: Terra-mar 6 (2024).

6.1.1.16 Criança Terra-mar 7

Terra-mar 7 é um menino morador da Comunidade Ramal do Quindúia, que compartilha a moradia de quatro cômodos com cinco pessoas incluindo, pais e dois irmãos de, 8,15 anos, respectivamente. Sua casa não fica próxima de um rio, mas sua família pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual cultivada pelos pais com as seguintes variedades: banana, acerola e coco. Tem criação animais em seu quintal, galinhas caipiras. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança Terra-mar 7 descreve os alimentos consumidos, incluindo proteínas de origem animal como galinha, carne e sardinha, acompanhadas de alimentos tradicionais como arroz e feijão, que fazem parte de sua alimentação na comunidade.

"Eu como galinha, carne [...]sardinha com arroz e feijão" (Terra-mar 7)

Fotografia 58 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com feijão e carne



Fonte: Terra-mar 7 (2024).

A fala da criança revela a preferência por peixe, especialmente a versão frita, destacando a importância desse alimento na alimentação local e a escolha pessoal das crianças.

"A minha comida preferida é peixe[...]peixe frito" (Criança Terra-mar 7).

Fotografia 59 – Ilustração sobre o consumo - Arroz e peixe frito



Fonte: Terra-mar 7 (2024).

Em sua fala fica evidente o consumo de alimentos processados, como salgadinhos e refrigerante, que fazem parte das preferências alimentares ocasionais, refletindo hábitos alimentares comuns em momentos específicos.

“De vez em quando salgadinho e refrigerante” (Terra-mar 7).

Fotografia 60 – Ilustração sobre o consumo - Pacote de salgadinho



Fonte: Terra-mar 7 (2024).

Terra-mar 7, em suas 40 fotografias, mostrou sua rotina alimentar, ele registrou alimentos sempre presentes em suas refeições, o arroz e a carne de porco, mas o que ele mais gosta é de uma boa coxa de frango acompanhada de um refrigerante. Essa composição da dieta de Terra-mar 7 reflete a complexidade da realidade alimentar contemporânea, em que comunidades quilombolas buscam conciliar seus hábitos alimentares tradicionais com as influências externas. Como registrado na fotografia: “A hora do almoço”.

Fotografia 61 – A hora do almoço



Fonte: Terra-mar 7 (2024).

6.1.1.17 Criança Terra-mar 8

Terra-mar 8 é uma menina moradora da Comunidade Ramal do Quindíua, que compartilha a moradia de três cômodos com cinco pessoas incluindo, pais e quatro irmãos de, 4, 8,10,13 anos, respectivamente. Sua casa fica próxima de um rio, mas não praticam a pesca. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e patos. No entorno de sua casa existe uma horta individual cultivada pelos pais. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança revela as preferências alimentares, com destaque para alimentos como, a galinha, goiaba e pão doce, refletindo os alimentos que fazem parte da alimentação habitual da comunidade e que são obtidos pela prática da agricultura familiar.

"Eu gosto de galinha tudinho [...] gosto de goiaba [...] e de pão doce" (Terra-mar 8).

Fotografia 62 – Ilustração sobre o consumo - Pão doce e café



Fonte: Terra-mar 8 (2024).

Fotografia 63 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Goiaba



Fonte: Terra-mar 7 (2024).

Por meio das fotografias, Terra-mar 8, uma menina quilombola de 8 anos, apresenta um recorte da sua identidade cultural. A carne de porco, um dos alimentos que mais aprecia, é um elemento central na culinária quilombola, carregado de significado histórico e social. Em suas 20 fotografias, Terra-mar 8 mostra a sua alimentação, que vai desde o peixe, presente na dieta de muitas comunidades quilombolas, que vivem próximas a rios e mares, até a “carne de lata”, um alimento que, embora industrializado, faz parte do cotidiano de muitas famílias brasileiras. Essa diversidade reflete a resistência da cultura quilombola, que se mantém viva mesmo diante das transformações sociais e econômicas. A fotografia, “A comida que eu mais gosto” resume essa influência nas preferências alimentares de terra-mar 8.

"Eu gosto de galinha, carne de porco, sardinha, peixe e caranguejo" (Terra- mar 8).

Fotografia 64 – A comida que eu mais gosto



Fonte: Terra-mar 8 (2024).

De acordo com Delgado e Müller (2005) é importante uma abordagem sociológica na compreensão da infância e das dinâmicas sociais que envolvem as crianças. As autoras destacam que, embora as crianças sejam frequentemente vistas sob uma perspectiva psicológica ou educativa, elas também são sujeitos sociais com experiências, práticas e perspectivas que merecem ser analisadas de forma independente e complexa. As autoras destacam a infância como uma fase da vida ativa, em que as crianças participam e influenciam os contextos sociais nos quais estão inseridas.

Além disso, o artigo discute os desafios éticos e metodológicos da pesquisa com crianças, propondo uma abordagem que respeite a sua capacidade de entendimento e expressão. As autoras argumentam que, ao envolver as crianças no processo de pesquisa, é possível obter uma visão mais rica e genuína de suas experiências, preferências e modos de interação com o mundo ao seu redor (Delgado; Müller, 2005).

O estudo destaca ainda a importância de se considerar a diversidade de contextos em que as crianças vivem, como fatores culturais, sociais e econômicos, que impactam diretamente suas vivências e percepções sobre o mundo. Portanto, a pesquisa com crianças deve ser não apenas um processo de coleta de dados, mas também uma forma de dar voz a esse grupo social, contribuindo para políticas públicas mais inclusivas e adequadas às suas necessidades e realidades (Delgado; Müller, 2005).

6.1.1.18 Criança Kakopi 1

Kakopi 1 é uma menina moradora da Comunidade Quilombola de Rio Grande, que compartilha a moradia de cinco cômodos com quatro pessoas, seus pais e duas irmãs de, 15 e 3

anos, respectivamente. Sua casa fica a menos de 1 quilômetro do rio Pericumã, devido a essa proximidade, sua família pratica a pesca de subsistência. Também tem criação de animais em seu quintal, galinhas e patos. Nas proximidades de sua casa existe uma horta comunitária, com as seguintes variedades: milho, mandioca e feijão. Os alimentos que não são cultivados ou de origem animal criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

As fotografias e falas de Kakopi 1 trazem com frequência a presença do milho em sua forma natural, o que corrobora com a prática da horta comunitária relatada por ela.

Fotografia 65 – Ilustração sobre o consumo - Milho



Fonte: Kakopi 1 (2024).

A fala da criança descreve uma ação cotidiana na preparação de alimentos, destacando a participação da mãe no processo de corte de pepino para a elaboração de salada, evidenciando a rotina alimentar saudável na comunidade.

"Minha mãe cortando pepino pra fazer salada" (Kakopi 1).

Fotografia 66 – Ilustração sobre o consumo - Pepino



Fonte: Kakopi 1 (2024).

A fala da criança descreve uma prática tradicional e familiar no cultivo de arroz, onde o processo envolve o molho do arroz com casca, seguido do plantio no campo, revelando um saber local sobre os métodos de cultivo.

"É que meu pai botava o arroz com casca dentro da água, aí ele vai criando essa raiz, aí depois ele vai botar no mato a água e fica só o arroz" (Kakopi 1).

Uma das fotografias que mais evidenciou a ligação de Kakopi 1 com sua comunidade foi a “Cultivando o arroz” essa visibilidade se deve ao fato da imagem em conjunto com a fala da criança sintetiza a importância do campo na construção de sua identidade. Informa que quem faz o processo é seu pai e que ela sabe o passo a passo de como fazer. Evidenciam-se sentimentos de pertencimento à cultura quilombola e de identidade cultural por parte de Kakopi 1. Ao documentar o processo de beneficiamento do arroz, a menina revela a importância da terra para a cultura quilombola e a conexão que estabelece com o meio ambiente.

Fotografia 67 – Cultivando o arroz



Fonte: Kakopi 1 (2024).

6.1.1.19 Criança Kakopi 2

Kakopi 2 é uma menina moradora da Comunidade Rio Grande, que compartilha a moradia de seis cômodos com cinco pessoas incluindo, pais e dois irmãos de, 5 e 15 anos, respectivamente. Sua casa fica a 2 quilômetros do rio Pericumã, mas sua família não pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: banana, laranja e milho. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e porcos. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança destaca a preferência por sucos de frutas locais, como o buriti, em vez do suco de bacuri, refletindo as opções alimentares típicas da região.

"Eu tomo suquinho de bacuri, não esse é de buriti" (Kakopi 1).

Fotografia 68 – Ilustração sobre o consumo - Suquinho de Buriti



Fonte: Kakopi 2 (2024).

A fala da criança revela uma preferência pela canjica, um prato típico, sendo apreciada de forma simples, sem adições, destacando o gosto pelas preparações tradicionais da região.

"Eu como canjica"[...] eu gosto da canjica purinha" (Kakopi 1).

Fotografia 69 – Ilustração sobre o consumo - Canjica de milho



Fonte: Kakopi 2 (2024).

Kakopi 2 retrata em sua fotografia “Vovó sempre faz milho”, uma característica marcante da cultura alimentar quilombola, o consumo do milho, em suas mais variadas

preparações. A imagem captura a essência da culinária quilombola, revelando a importância do milho como alimento central na dieta da comunidade.

Fotografia 70 – Vovó sempre faz milho



Fonte: Kakopi 2 (2024).

6.1.1.20 Criança Kakopi 3

Kakopi 3 é uma menina moradora da Comunidade Rio Grande, que compartilha a moradia de cinco cômodos com seis pessoas incluindo, pais e três irmãos de, 5, 8 e 12 anos, respectivamente. Sua casa fica a 3 quilômetros do rio Pericumã, sua família não pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: banana, cajá e acerola. Também participa de uma criação animais em seu quintal, galinhas e porcos. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança Kakopi 3 descreve como a pesca e o cultivo dos alimentos é executado em sua comunidade.

“Eu pesco com meu pai e meus irmãos e ajudo a cuidar das verduras” (Kakopi 3).

Fotografia 71 – Ilustração sobre o consumo - Galo



Fonte: Kakopi 3 (2024).

Fotografia 72 – Ilustração sobre o consumo - Arroz e carne



Fonte: Kakopi 3 (2024).

A cozinha, sendo um elemento central nos domicílios, foi retratada na fotografia registrada por Kakopi 3, “A cozinha da minha casa”. Nesse ambiente ocorre não somente o preparo dos alimentos, mas também uma troca de saberes relacionados à cultura alimentar da comunidade na qual a criança vive, onde a comida é muito mais do que nutrição, é um elemento fundamental na construção da identidade dos indivíduos nela inseridos e na preservação da tradição quilombola.

Fotografia 73 – A cozinha da minha casa



Fonte: Kakopi 3 (2024).

6.1.1.21 *Crinça Kakopi 4*

Kakopi 4 é um menino morador da Comunidade Rio Grande, que compartilha a moradia de cinco cômodos com sete pessoas incluindo, seus pais e quatro irmãos de, 7, 9, 13, 17 anos, respectivamente. Sua casa fica a 2 quilômetros do rio Pericumã, sua família pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: mandioca, milho e cheiro-verde. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e patos. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

As falas da criança Kakopi 4 fazem referência a um ambiente familiar e rural, o galinheiro, destacando a relação com os animais e práticas de criação na comunidade.

“Tem um galinheiro bem grandão na minha casa, um monte de galinha” (Kakopi 4).

“Eu como mais ovo que galinha, com arroz e farinha” (Kakopi 4).

A fotografia do galinheiro, traz consigo algumas informações importantes, como: o papel da criação de pequenos animais tanto para alimentação quanto para comercialização, para ajudar assim na autonomia financeira das famílias quilombolas; e a compreensão, por parte da criança quilombola, aqui representada por Kakopi 4, um menino de oito anos, sobre a relevância dessa prática para a subsistência das famílias.

Fotografia 74 – Ilustração sobre o consumo - Galinheiro



Fonte: Kakopi 4 (2024).

Fotografia 75 – Ilustração sobre o consumo - Árvore frutífera



Fonte: Kakopi 4 (2024).

6.1.1.22 Criança Kakopi 5

Kakopi 5 é um menino morador da Comunidade Rio Grande, que compartilha a moradia de quatro cômodos com oito pessoas incluindo, seus pais, avós, tios e dois irmãos de, 7 e 12 anos, respectivamente. Sua casa fica a 3 quilômetros do rio Pericumã, e sua família pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: mandioca, milho e feijão. Tem criação animais em seu quintal, galinhas e porcos. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe e avó. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança demonstra a atenção e o cuidado com o cultivo de hortaliças, refletindo o envolvimento com a agricultura local e práticas de cultivo familiar.

“Eu gosto de plantar com meu pai, a gente tem milho e feijão e macaxeira” (Kakopi 5).

Kakopi 5 trouxe, em sua produção fotográfica, muitas fotos da horticultura praticada no quintal de sua casa. A maioria das suas 18 fotografias retrata esse espaço, provavelmente por despertar nesse menino de 9 anos sentimentos de orgulho e pertencimento ao local onde mora. Evidenciam-se tais percepções na Fotografia “De olho nas hortaliças”, Horta individual, a partir da varanda da sua casa, com um olhar em direção ao quintal.

Fotografia 76 – De olho nas hortaliças



Fonte: Kakopi 5 (2024).

Fotografia 77 – Ilustração sobre o consumo - Arroz e carne



Fonte: Kakopi 5 (2024).

Fotografia 78 – Ilustração sobre o consumo - Bananeiras



Fonte: Kakopi 5 (2024).

6.1.1.23 Criança Kakopi 6

Kakopi 6 é um menino morador da Comunidade Rio Grande, que compartilha a moradia de sete cômodos com 6 pessoas incluindo, seus pais, três irmãos de, 3, 5 e 8 anos, respectivamente. Sua casa fica a 1 quilômetro do rio Pericumã, e sua família pratica a pesca. No entorno de sua casa existe uma horta individual, com as seguintes variedades: mandioca, banana, pimenta doce, cheiro verde e vinagreira. Os alimentos que não são cultivados ou animais criados próximo ao seu domicílio, são adquiridos na sede do município por meio de compra, e quem é responsável pela preparação dos alimentos é sua mãe e avó. No ambiente escolar confirmou consumir o lanche oferecido.

A fala da criança demonstra a atenção e o cuidado com o cultivo de hortaliças, refletindo o envolvimento com a agricultura local e práticas de cultivo familiar.

"Lá em casa a gente planta cheiro verde, pimenta" (Kakopi 6).

A fotografia “Quando eu cheguei em casa” revela uma realidade cada vez mais presente nas cozinhas quilombolas, a combinação de alimentos in natura com alimentos processados. Na imagem tem-se o arroz e a farinha de mandioca acompanhados da linguiça “toscana”, preferida por muitas crianças, cujo consumo foi relatado por elas com certo receio.

Fotografia 79 – Quando eu cheguei em casa



Fonte: Kakopi 6 (2024).

Fotografia 80 – Ilustração sobre o consumo - Rio da comunidade



Fonte: Kakopi 6 (2024).

Fotografia 81 – Ilustração sobre o consumo - Árvore Frutífera Laranja



Fonte: Kakopi 6 (2024).

6.2 PERCEPÇÕES DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS SOBRE SUA ALIMENTAÇÃO

As falas das crianças das comunidades ratificam como o campo exerce influência direta nas escolhas alimentares, ao serem questionadas sobre o que gostam de comer, as crianças naturalmente descreveram alimentos típicos da zona urbana como o pão por exemplo. Com isso entende-se que essa criança não está imersa em único campo e que suas práticas alimentares são resultantes desses movimentos por esses diferentes campos e pela disponibilidade dos capitais a que ela tem acesso. Nesse contexto analisar as percepções das crianças quilombolas torna-se uma tarefa complexa e requer um embasamento teórico sociológico como o de Bourdieu e seus elementos centrais, *habitus*, campo e capital.

As comunidades quilombolas têm uma relação ancestral com a terra e seus recursos naturais. A prática agrícola familiar, que inclui o cultivo de alimentos, a pesca e a criação de animais, é uma das bases dessa conexão. Em muitas dessas comunidades, os alimentos consumidos diariamente são produzidos localmente, o que garante uma dieta baseada em produtos frescos e *in natura*, como frutas, legumes, verduras e carnes.

O plantio de frutas da estação, como acerola, manga, coco e banana, além da criação de aves e pequenos animais, fortalece a autossuficiência alimentar, permitindo que as famílias tenham acesso a uma alimentação mais saudável e natural, muitas vezes sem a dependência de produtos industrializados. Essa prática, passada de geração em geração, não apenas assegura a segurança alimentar, mas também mantém viva a cultura tradicional dessas comunidades (Albuquerque *et al.*, 2014; Aguiar *et al.*, 2023; Almeida, 2023).

Além do cultivo de alimentos, as crianças quilombolas também têm ligação com a pesca, que é uma fonte importante de proteína em sua dieta. Esses métodos tradicionais de produção de alimentos não apenas garantem a segurança alimentar, mas também são um reflexo das tradições culturais que as comunidades quilombolas preservam, transmitindo saberes sobre plantas nativas, técnicas de cultivo e preparações alimentares, tornando-se um capital cultural incorporado (Brasil, 2013b; Brasil, 2023; Cavalcante; Líber, Costa, 2021; Câmara *et al.*, 2024).

Embora a alimentação dessas comunidades seja predominantemente baseada em produtos *in natura*, o consumo de alimentos processados e ultraprocessados também está presente, principalmente em momentos de lazer e comemorações. Apesar disso, as crianças consciência dos malefícios desses alimentos, associando-os a malefícios à saúde, como estragar os dentes, por exemplo. A conscientização sobre a diferença entre alimentos saudáveis e não saudáveis parece estar sendo transmitida, possivelmente por meio da educação escolar ou de

familiares, o que reflete um esforço para preservar a saúde das futuras gerações (Albuquerque *et al.*, 2014; Aguiar *et al.*, 2023; Almeida, 2023; Brasil, 2013b; Brasil, 2023).

Em um contexto mais amplo, a presença de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, tem mostrado impacto positivo na segurança alimentar dessas comunidades, possibilitando o acesso a alimentos e reduzindo a desnutrição. Tais políticas públicas são essenciais para melhorar a qualidade de vida e a alimentação das famílias, especialmente em regiões empobrecidas e historicamente marginalizadas. Ao mesmo tempo, a introdução de alimentos industrializados nas dietas das crianças pode gerar tensões culturais, pois há um conflito entre a valorização dos alimentos tradicionais e a atração por produtos modernos e urbanos. Isso torna a questão da alimentação um campo complexo, onde se cruzam interesses de preservação cultural, saúde e acesso econômico (Almeida *et al.*, 2017; Santos *et al.*, 2019).

Nesse contexto sociocultural, emergiram discursos que retratam como a alimentação ocorre nessas comunidades e quais forças atuam sobre as escolhas dos alimentos consumidos diariamente por essa população.

O *habitus* é uma “história incorporada” que influencia as decisões e comportamentos de maneira inconsciente, ao tomar decisões, as pessoas consideram experiências passadas, e não ganhos imediatos. Dessa forma, a alimentação, como prática social, também está imbuída nesse *habitus*, sendo profundamente enraizada nas comunidades quilombolas e nas suas tradições alimentares. Assim, esse aspecto social configura-se como a influência mais significativa no comportamento humano, a qual, por estar profundamente enraizada no indivíduo, passa despercebida (Petarly, 2023).

Assim, ao relacionar esses achados com a teoria de Bourdieu, compreende-se que a alimentação nas comunidades quilombolas não é apenas um ato de nutrição, mas um conjunto de práticas que reproduzem e reforçam as estruturas sociais e culturais dessas comunidades. A produção e o consumo de alimentos locais são, nesse contexto, elementos constitutivos do *habitus* alimentar, moldados pelas condições históricas, sociais e ambientais específicas de cada comunidade. O Quadro 2 apresenta os temas, subtemas e unidades de significado que emergiram do estudo.

Quadro 2 – Temas, Subtemas e Unidades de significado do estudo

TEMA	SUBTEMA	UNIDADES SIGNIFICADO
O <i>habitus</i> alimentar das crianças quilombolas e suas dinâmicas culturais e sociais	A conexão entre a cultura alimentar e o território	O hábito de consumir frutas e verduras; O hábito de consumir animais; Alimentos presentes que tem baixo valor nutricional; A participação e intimidade com a produção dos alimentos; O alimento alimentando a relação com a família.
	A conexão entre a cultura alimentar e o acesso a alimentos provenientes de contextos urbanos	A presença e consumo de ultraprocessados; As formas de acesso aos alimentos ultraprocessados; O acesso gerando desejos de ter mais ultraprocessados.
	Uma prática alimentar onde coabitam os alimentos produzidos e extraídos do próprio território e os processados e industrializados	Um novo <i>habitus</i> alimentar onde se misturam os dois alimentos; O predomínio do consumo de alimentos produzidos e extraídos do próprio território.
A percepção das crianças quilombolas sobre a qualidade dos alimentos que consomem	Percepção de alimentos saudáveis	Os alimentos produzidos e extraídos do próprio território são percebidos como saudáveis; Os benefícios percebidos e uma possível reprodução de informações recebidas.
	Percepção de alimentos não saudáveis	Os alimentos processados e industrializados são percebidos como não saudáveis; Reconhecem os alimentos processados e industrializados como não são saudáveis, mas os desejam; Influências culturais e fantasias na percepção dos alimentos não saudáveis.

Fonte: autoria própria (2024).

6.2.1 O *habitus* alimentar das crianças quilombolas e suas dinâmicas culturais e sociais

O *habitus* alimentar das crianças quilombolas está ligado ao território onde vivem. Este vínculo se manifesta através de práticas como o consumo de frutas e verduras, o hábito de consumir animais, e a participação na produção dos alimentos. Além disso, a relação com a família é fortalecida através do alimento, que alimenta não apenas o corpo, mas também os laços familiares.

Inicia-se esta categoria com algumas reflexões sobre uma das principais perguntas do estudo: Quais são os alimentos mais consumidos por você? Esta foi a questão proposta aos participantes desta pesquisa com o intuito de compreender, por meio de suas respostas, as práticas alimentares mais frequentes nas comunidades quilombolas.

6.2.1.1 A conexão entre a cultura alimentar e o território

A expressão da conexão entre a cultura alimentar e o território vai além das falas das participantes dessa pesquisa, ela pôde ser percebida e captada através da linguagem não-verbal apresentada, seus gestos, expressões faciais e linguagem corporal. Dessa maneira com o intuito de amplificar suas vozes, os resultados desse estudo foram discutidos respeitando as percepções das crianças e as impressões da equipe de pesquisa que imergiu nesse campo.

A farinha de mandioca, muito recorrente em outras fotografias, vem nessa imagem acompanhada do camarão seco, ambos cultivados na própria comunidade. Essa realidade reflete a importância da prática da agricultura familiar que auxilia na composição da dieta e da renda das famílias das zonas rurais, sobretudo das comunidades quilombolas.

Fotografia 82 – Camarão e farinha de mandioca da minha comunidade



Fonte: Banyoka 3 (2024).

Nas falas das crianças, surgiram relatos de suas preferências alimentares, entre essas, frutas, verduras e legumes, além de menções a peixe, em suas mais variadas preparações, ao arroz (predominante em muitas ocasiões), aos alimentos à base de milho e às proteínas de origem animal. A alimentação apresentada neste estudo, portanto, reflete os alimentos preferidos das crianças das comunidades quilombolas abordadas neste estudo e expressa como o meio no qual elas estão inseridas influencia seus hábitos alimentares.

A fotografia registrada por Banyoka 7 revela uma constância de alimentos com caldo, cozidos e a presença de legumes típicos da região como o quiabo. A tradição de preparar pratos com caldo e legumes, como o quiabo, está associada a uma herança ancestral nas comunidades quilombolas, transmitida de geração em geração.

Fotografia 83 – Ilustração sobre o consumo - Arroz, galinha e vinagreira



Fonte: Banyoka 7 (2024).

As falas das crianças destacam a conexão com frutas frescas e naturais, como bananas, melancia, laranja e maçã, que fazem parte do seu consumo diário e estão associadas a práticas alimentares típicas da comunidade.

"Eu tenho só cacho grandão, cheio de banana" (Banyoka 1).

"Eu gosto de bananada"[...] eu gosto de melancia e laranja" (Terra-mar 4).

"Eu gosto de maçã, melancia, laranja" (Terra-mar 1).

"Eu gosto de comer maçã, laranja, melancia[...]uva, tanja." (Terra-mar 8).

"Eu gosto de comer salada [...]goiabada e coco." (Banyoka 4).

"Eu gosto de salada com fruta." (Kakopi 2).

"Eu gosto do milho e a banana." (Banyoka 3).

Também houve falas sobre o consumo de outras frutas. As crianças mencionaram frutas como coco, acerola e caju, todas produzidas nas comunidades.

"Eu como coco e acerola" (Banyoka 8).

"Eu tomo suco de caju " (Terra-mar 6).

As crianças também expressaram, conhecer as etapas de plantio e colheita das frutas, e as variedades mais recorrentes em suas comunidades. Tais relatos surgiram nas três comunidades pesquisadas.

Fotografia 84 – Ilustração sobre o consumo - Árvore Frutífera Cajá



Fonte: Banyoka 1 (2024).

A conexão das crianças com o território quilombola e a sua alimentação mostraram mais uma característica dessas comunidades: o consumo da vinagreira. Esse alimento típico da culinária maranhense também faz parte do cotidiano alimentar dessas crianças, assim, traz uma especificidade a esta pesquisa: o conceito do regionalismo alimentar. Esse conceito remete ao fato de a localização geográfica determinar a presença ou não de alguns alimentos nas comunidades quilombolas (Sousa *et al.*, 2013).

A criança Terra-mar 7 destaca o uso da vinagreira, um vegetal comum na culinária local, sendo utilizada em diversos pratos como carne, galinha e feijão, além da batata, revelando práticas alimentares típicas da região, que corroboram com as variedades de legumes e vegetais que são cultivados nas comunidades quilombolas do estudo.

"Eu como batata e vinagreira [...] a minha comida preferida é peixe [...] peixe frito" (Terra-mar 7).

A presença de alimento in natura na dieta das crianças é reforçada pela prática do cultivo seja ele individual ou comunitária, realizado nas comunidades quilombolas. As três comunidades quilombolas do estudo: Rio Grande, Ariquipá e Ramal do Quindíua são beneficiadas pelo PAA Quilombola, uma iniciativa que interfere positivamente na dieta das famílias e consequentemente das crianças, proporcionando melhoria no padrão alimentar e na renda das famílias.

6.2.1.2 A conexão entre a cultura alimentar e o acesso a alimentos provenientes de contextos urbanos

Com a crescente urbanização, as crianças quilombolas têm acesso a alimentos ultraprocessados. Este acesso gera desejos de consumir mais desses alimentos, apesar de reconhecerem que muitos deles têm baixo valor nutricional. As formas de acesso a esses alimentos e a presença deles na dieta das crianças são aspectos importantes a serem considerados.

Os relatos das crianças expressam os seus “desejos” em relação aos alimentos que mais gostariam de ter em sua rotina. Esses são, em sua maioria, ultraprocessados, indicando um provável processo de transição alimentar nas suas preferências, com a coexistência de elementos tradicionais e industrializados.

"É eu comprava hambúrguer [...] comprava biscoito [...] biscoito com suco [...] eu comprava lasanha [...] e hambúrguer e hambúrguer" (Terra-mar 2).

"Eu gosto de carne de porco[...]eu como biscoito com café." (Terra-mar 4).

"Eu gosto de carne de lata, com feijão, arroz, macarrão, gosto também de salsicha." (Terra-mar 6).

Fotografia 85 – Ilustração do consumo - arroz e salsicha



Fonte: Banyoka 8 (2024).

O subtema apresentado traz a reflexão sobre uma transformação que ocorre nas comunidades, especialmente no que diz respeito às práticas alimentares e à sua relação com a aquisição de alimentos. A transição de produção própria dos alimentos para a aquisição em

mercados ou supermercados, além de modificar os padrões de consumo, representa uma perda significativa do patrimônio cultural dessas comunidades.

As respostas dos meninos e das meninas às perguntas sobre as fotografias e sua alimentação revelaram uma provável diferença entre esses dois grupos em relação aos padrões de consumo e à disposição para admitir o consumo de certos alimentos relacionadas ao gênero. Enquanto os meninos pareciam ser mais diretos ao relatar o consumo de biscoitos e refrigerantes, as meninas apresentaram uma tendência voltada para o socialmente desejável, inicialmente mencionando apenas alimentos considerados mais saudáveis, como as frutas.

Em relação as meninas notaram-se a associação desses alimentos a efeitos prejudiciais à saúde e por isso provavelmente citaram mais alimentos *in natura* por entenderem que são mais socialmente aceitáveis. Como exemplificam as falas de Terra-mar 7 (menino) e Banyoka 1 (menina). Nas quais o menino admite o consumo do refrigerante e a sua justificativa e a menina relaciona a ingestão do alimento, pizza e o fato de não ser saudável.

"O refrigerante, ele é bom [...] porque é bom [...] eu gosto da salsicha não deixa mais a pessoa com fome" (Terra-mar 7).

"A pizza não é saudável porque eles colocam muita massa [...] a salsicha também não faz bem" (Banyoka 1).

Estudo realizado em 2019, no qual 274 alunos da 5ª à 6ª série. Sobre as barreiras para uma alimentação saudável, as meninas mencionaram barreiras internas à alimentação saudável, como preferências pessoais e autorregulação, mais frequentemente do que os meninos. Elas acreditam que essas barreiras podem ser superadas e que sua dieta está sob seu controle, o que aumenta a probabilidade de mudanças comportamentais. Por outro lado, os meninos identificaram barreiras externas, como influências sociais e acessibilidade de alimentos não saudáveis, que consideram incontroláveis. Essa percepção está ligada a sentimentos de ineficiência e aceitação passiva, reduzindo os esforços para mudar hábitos alimentares (Magalhães *et al.*, 2022).

Contudo, a investigação revelou que ambos os gêneros consumiam produtos industrializados, adquiridos, em sua maioria, fora da comunidade, sugerindo a influência de fatores socioculturais na formação dos hábitos alimentares. Como evidenciado na fala de Terra-mar 1, uma menina da comunidade quilombola de Ramal do Quindíua, demonstra essa vontade de consumir alimentos processados, como a sardinha enlatada, e a forma como os acessa.

"É a sardinha da lata [...] eu gosto de comer a sardinha porque ela é gostosa [...] não, sardinha toda semana não [...] tem uns dias que tem sardinha, porque vovó vai lá e compra em Bequimão" (Terra-mar 1).

A transição da produção própria de alimentos para a compra desses produtos em mercados tem como consequências não apenas a mudança nos hábitos alimentares, mas também o desgaste de um patrimônio cultural imaterial de grande valor; os etnoconhecimentos associados aos roçados e outras práticas tradicionais, que moldam a identidade e a forma de vida dessas comunidades (Ferreira *et al.*, 2020).

Embora as crianças quilombolas de algumas comunidades ainda demonstrem preferência por alimentos *in natura*, como frutas e peixes, há um crescente desejo e demanda por alimentos ultraprocessados, como exemplificado nas falas sobre refrigerantes e *fast food*. Isso reflete um fenômeno observado no estudo de Fonseca *et al.* (2024), que relaciona a insegurança alimentar em comunidades quilombolas ao aumento do consumo de produtos industrializados. Esse padrão alimentar surge não apenas por uma mudança no acesso a alimentos, mas também por questões culturais e de *status* social, conforme as crianças expressam seu desejo por alimentos urbanos e processados. É notório destacar que, embora os alimentos tradicionais ainda dominem a dieta, o desejo por alimentos industrializados é um reflexo das mudanças culturais e sociais.

Estudo realizado em 2024 em Brisbane, na Austrália, sobre o cotidiano alimentar de crianças com idade de oito a dez anos, em relação à aquisição de alimentos, revelou que essas crianças costumavam frequentar supermercados, mercearias e até lojas especializadas. Por meio do método *Photovoice*, verificou-se que essas crianças faziam percursos mais longos para compra de alimentos nos finais de semana, enquanto percorriam distâncias mais curtas durante a semana para compras complementares, depois da escola, ao voltarem para casa (Wright-Pedersen; Vidgen; Gallegos, 2024).

A mudança para a compra de alimentos em mercados e supermercados altera o *habitus* alimentar tradicional. As crianças, por exemplo, passam a ter menos contato com o processo de plantio, colheita e criação de animais, e preparo dos alimentos de forma tradicional. Assim, adotam novos gostos, influenciados pela oferta de produtos industrializados, ultraprocessados e pela publicidade desses produtos por meio das mídias sociais. Portanto, essa transição acarreta a perda de tais práticas, enfraquecendo os laços comunitários, a transmissão de saberes tradicionais e a identidade cultural dessa população. É importante considerar que essa mudança não é homogênea, pois pode ser vivenciada de diferentes formas pelas diferentes comunidades quilombolas, dependendo de suas características específicas e de seu contexto socioeconômico.

Bourdieu, explica o motivo desse padrão de consumo, por meio do *habitus*, isto é, disposições incorporadas que moldam o corpo por meio das condições materiais e culturais. Nessa perspectiva, a estruturação das práticas não é um processo mecânico, imposto

externamente aos agentes, mas sim uma relação dialética entre a posição do agente no espaço social e as condições objetivas desse mundo. Logo, o *habitus* articula o individual e o coletivo em uma síntese que se materializa no corpo, orientando as práticas e a maneira de ser no mundo (Bourdieu, 1996).

Aqui, os diálogos apresentam os alimentos processados mais citados pelas crianças: a salsicha, a toscana e a linguça. Esses, geralmente acompanhados de arroz, tornaram-se ingredientes presentes em várias refeições.

As falas das crianças evidenciam hábitos alimentares presentes em seus lares, mencionando o consumo de embutidos como salsicha e toscana, além do envolvimento no preparo dos alimentos.

"Eu como salsicha[...]outra coisa que faz lá em casa, é a linguça toscana" (Banyoka 4).

"Eu cozinho linguça" (Terra-mar 6).

As falas revelam uma crescente presença de alimentos ultraprocessados em suas dietas, com destaque para o desejo delas de ter mais acesso a produtos como hambúrgueres, biscoitos e refrigerantes. Essas preferências alimentares evidenciam a crescente influência do campo, em que produtos não são apenas consumidos, mas desejados.

Estudos como os de Leite *et.al* (2025) demonstram que o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados está fortemente associado à piora na qualidade da dieta e à intensificação das vulnerabilidades sociais. Levy et al. (2023) destacam, ainda, as barreiras no acesso a alimentos in natura e minimamente processados, o que dificulta a compreensão de conceitos fundamentais para uma alimentação balanceada — como a origem dos alimentos e os impactos ambientais de suas cadeias produtivas. Essa falta de clareza é intensificada pela ampla publicidade de produtos ultraprocessados, que influencia diretamente as escolhas dos consumidores.

O crescente desejo por alimentos urbanos e processados reflete uma mudança nas preferências alimentares, impulsionada por fatores culturais e sociais. Embora as crianças, especialmente os meninos, tenham relatado um consumo mais frequente de biscoitos, refrigerantes e outros produtos ultraprocessados, as meninas inicialmente mencionaram alimentos mais saudáveis, como frutas.

O estudo de Sá (2024) sobre fatores associados à insegurança alimentar em famílias quilombolas com crianças de 5 a 9 anos, no município de Bequimão-MA, também relaciona a insegurança alimentar com a transformação no *habitus* alimentar, em que a relação entre as condições econômicas e as escolhas alimentares é significativa. As crianças, ao serem expostas a novos hábitos alimentares, por meio de compras fora da comunidade, estão internalizando um

novo *habitus*, que influencia seus gostos e preferências. A mudança no acesso aos alimentos e a perda de práticas tradicionais, como o cultivo e preparo de alimentos, modificam as práticas alimentares, gerando uma fusão de sabores tradicionais e industrializados. As falas que confirmam o consumo de refrigerante são acompanhadas da justificativa das crianças: “saciar a fome”.

"O refrigerante não deixa mais a pessoa com fome" (Terra-mar 1).

“O refrigerante, ele é bom... porque é bom [...], não deixa mais a pessoa com fome” (Terra-mar 7).

Outro fator relevante foi a questão dos alimentos processados e alimentos *in natura* citados nas falas das crianças das três comunidades quilombolas. Proporcionalmente houve mais citações de alimentos processados nos discursos dos participantes residentes na Comunidade Quilombola de Ramal do Quindíua, localizada mais próximo da sede do município e com estrada estadual recentemente pavimentada. Entretanto, mesmo com esse aumento em relação à Comunidade Quilombola de Ariquipá e à Comunidade quilombola Rio Grande, em todas ainda prevalecem falas sobre os alimentos *in natura*.

Corroborando esse achado, o estudo de Fonseca *et al.* (2024) observa que, em algumas comunidades quilombolas, especialmente nas mais distantes do centro urbano, o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados está alterando esses padrões alimentares tradicionais. Essa questão também está nos relatos das crianças sobre o desejo de consumir mais produtos industrializados, como refrigerantes e *fast food*.

Ainda sobre os alimentos que gostariam de ter mais presentes em sua rotina, as crianças responderam citando outros alimentos ultraprocessados, reafirmando a existência de uma influência em relação ao consumo dessa categoria. Surgiram nas falas o refrigerante, o pão, o achocolatado, a sardinha enlatada, a salsicha, a carne enlatada e o óleo de cozinha (nas preparações dos alimentos). Como exemplificado na fala de Terra-mar 6 que explica o preparo da pipoca.

"Com óleo[...] bota óleo para fazer pipoca" (Terra-mar 6).

“Eu como carne de porco frita com arroz” (Terra-mar 4).

Fotografia 86 – Ilustração sobre o consumo – Pipoca

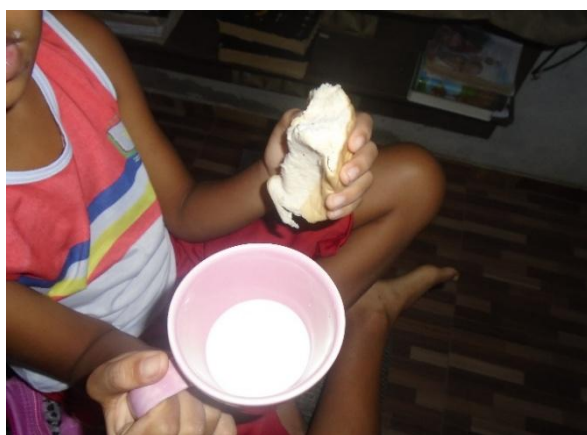


Fonte: Terra-mar 5 (2024).

A Fotografia 86 complementa a fala de Terra-mar 3, mostrando uma das maneiras mais comum de consumir o pão, acompanhado do leite, principalmente no horário da manhã, antes de ir para a escola.

"E, de vez quando no café da manhã é pão, de vez em quando [...] é biscoito [...] e de vez em quando, nescau, suco ou café." (Terra-mar 3).

Fotografia 87 – Ilustração sobre o consumo – Leite com pão



Fonte: Terra-mar 3 (2024).

O conceito de insegurança alimentar e nutricional ganhou visibilidade com a promulgação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, que estabeleceu estratégias para garantir o direito humano à alimentação adequada e saudável aos brasileiros. Na população abordada neste estudo, a insegurança alimentar está associada a indicadores desfavoráveis de infraestrutura, capital humano, renda, trabalho, apoio social e escolaridade, considerados determinantes sociais intermediários e estruturais em saúde (Salles-Costa *et al.*, 2022).

Bourdieu utiliza o conceito de capital cultural para indicar como a cultura atua e reflete sobre as condições de vida dos indivíduos. Sua definição compreende conhecimentos, habilidades, informações, entre outros aspectos, correspondendo ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e/ou transmitidas pela família e pelas instituições escolares. Nessa perspectiva, o desejo das crianças quilombolas por alimentos que não pertencem ao seu lugar podem ser interpretados como uma manifestação da influência do capital cultural externo, principalmente aquele veiculado pela mídia e pela cultura urbana (Silva Souza; Wartha, 2024).

Esse subtema também se refere aos locais e às ocasiões em que crianças quilombolas, acompanhadas de seus familiares, consomem alimentos, incluindo restaurantes, pizzarias, lanchonetes e sorveterias localizados, em sua maioria, na sede do município.

As falas dos entrevistados trazem essa experiência de alimentação relacionada a momentos de lazer. Esse consumo inclui alimentos como salgados e principalmente pizza, que contêm ingredientes ultraprocessados.

"Vai eu, mamãe e meus irmãos lanchar na lanchonete (Banyoka 4).

"Eu vou mais pra pizzaria mesmo" (Terra-mar 6).

"Eu vou pra Pizzaria" (Terra-mar 5).

Os locais que as famílias quilombolas frequentam para se alimentar fora de casa também desempenham um papel significativo nesse processo. Restaurantes, lanchonetes e outros estabelecimentos comerciais constituem espaços de circulação de diversas formas de capital cultural. Frequentar esses locais pode ser interpretado como uma forma de acesso indireto a esse capital. Além disso, a escolha desses locais pode evidenciar uma busca por experiências e estilos de vida associados à cultura urbana.

A interação entre a cultura alimentar urbana e os indivíduos das comunidades quilombolas pode conduzir à mudança do *habitus* alimentar tradicional. As crianças, uma vez expostas a novos alimentos e padrões de consumo, internalizam gostos e preferências que se somam aos saberes e às práticas tradicionais. Essa hibridização não implica necessariamente uma substituição total dos hábitos tradicionais, mas sim uma adaptação e ressignificação das práticas alimentares. A frequência e a maneira como as crianças quilombolas vivenciam a alimentação em espaços como pizzarias e lanchonetes pode variar em função de fatores como a localização da comunidade e as condições socioeconômicas da família.

Comunidades quilombolas rurais enfrentam maior dificuldade de acesso a esses estabelecimentos em comparação com aquelas localizadas em áreas urbanas ou próximas de centros urbanos, como foi observado neste estudo, no qual predominou o relato de alimentação fora de casa na fala das crianças da Comunidade Quilombola Ramal do Quindúia, mais próxima

da sede do município. O acesso a esses espaços pode ser restringido por limitações financeiras, uma vez que as famílias tendem a priorizar o consumo doméstico, geralmente mais econômico.

Apesar da existência de leis que garantem o direito à alimentação saudável para todos, a realidade demonstra que as condições socioeconômicas exercem uma influência determinante nas escolhas alimentares dos indivíduos. Portanto, a distribuição desigual de renda na sociedade impacta diretamente o acesso a alimentos de qualidade, criando um cenário onde a classe social define, em grande medida, o que se come (Cavalcante; Líber; Costa, 2021).

As experiências alimentares da criança quilombola, tanto no ambiente familiar quanto em espaços externos, contribuem para a formação de sua identidade. Assim, as práticas alimentares tradicionais da comunidade quilombola são um importante elemento da sua cultura e identidade. É possível, então, que exposição a outras culturas alimentares desencadeie um processo de negociação e ressignificação de suas identidades.

Como consequência desse processo, o conceito de *habitus* passa a integrar a noção de histerese, ou seja, o descompasso entre as estruturas sociais e as disposições internalizadas pelos indivíduos e a sedimentação sequencial, que descreve como as experiências passadas se acumulam e se consolidam no *habitus*, influenciando as ações presentes e futuras. Nesse contexto, as vivências na infância, por exemplo, desempenham um papel fundamental na formação do *habitus* (Wacquant, 2006).

6.2.1.3 Uma prática alimentar em que coabitam os alimentos produzidos e extraídos do próprio território e os processados e industrializados

Atualmente, nas comunidades observam-se uma prática alimentar composta, onde alimentos produzidos e extraídos do próprio território coexistem com alimentos processados e industrializados. Este novo *habitus* alimentar reflete uma coabitação de tradições e influências modernas, com um predomínio do consumo de alimentos locais.

Com base nos relatos das crianças, este subtema engloba os alimentos que são consumidos cotidianamente pelas famílias quilombolas. Esses alimentos são produzidos, cultivados ou coletados diretamente na comunidade, ou em seu entorno, combinados aos alimentos adquiridos externamente, geralmente na sede do município. Essa distinção reflete a interação entre as práticas alimentares tradicionais e a influência de produtos industrializados. Como evidenciado na fala de Terra-mar 6.

“Eu como salsicha, feijão e arroz. salsicha, feijão e arroz [...] eu como a tapioca com a manteiga... feijão e arroz. [...] de fruta ou comida? de fruta, laranja [...] de comida galinha com feijão e arroz” (Terra-mar 6).

Nos relatos das crianças, fica clara a combinação de alimentos produzidos na própria comunidade e os adquiridos por meio de compra na sede do município. As falas de Terra-mar 1, Banyoka 4 e Terra-mar 6, residentes em comunidades diferentes, mas que compartilham de padrão alimentar semelhante, demonstram essa combinação. Tais falas legitimam esse processo de influência do *habitus* alimentar urbano no *habitus* alimentar tradicional.

"Eu gosto da galinha... da carne...as vezes a salsicha, o ovo, o macarrão, o feijão, o arroz" (Terra-mar 1).

"Eu gosto de galinha, carne de porco, sardinha, peixe e caranguejo" (Terra-mar 8).

"De noite, eu como mais sou carne com arroz, bisteca pelo almoço”(Banyoka 4).

"Se desse eu comprava no supermercado lasanha e melancia"[...] também comprava bolo com suco de caju ". (Terra-mar 6).

As falas corroboram Fotografia 88 e 89, que mostra um prato com arroz, feijão e salsicha. Essa imagem reforça a combinação de alimentos frequentemente presente nos pratos de muitas dessas crianças, como destacado nas conversas.

Fotografia 88 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com feijão e salsicha



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

Fotografia 89 – Ilustração sobre o consumo - Arroz, farinha de mandioca e salsicha



Fonte: Banyoka 3 (2024).

A comparação entre as fotografias, reforça a consistência dos padrões alimentares descritos pelas crianças, evidenciando a permanência e a adaptação de determinadas combinações de alimentos na rotina alimentar. Essa abordagem visual, aliada às falas dos participantes, permite uma compreensão mais ampla das práticas alimentares e suas mudanças ao longo do tempo. Como expresso no relato de Banyoka 2.

"Eu gosto de arroz, carne, feijão, pão [...] gosto de salsicha [...] gosto de carne de lata" (Banyoka 2).

As crianças, por meio das fotografias e relatos, demonstram a mudança nas preferências alimentares, refletindo a influência externa, como a presença de alimentos ultraprocessados, adquiridos fora da comunidade, em contraste com os alimentos tradicionais, cultivados localmente. As falas confirmam que as crianças ainda têm uma ligação com os alimentos típicos, mas, ao mesmo tempo, expressam o desejo de consumir alimentos mais urbanos, frequentemente associados a fatores sociais e culturais, como a publicidade e as redes sociais.

A condição econômica das famílias quilombolas é um fator determinante no acesso aos alimentos. A insegurança alimentar é uma das expressões mais evidentes das desigualdades sociais, afetando especialmente as crianças. A escassez de recursos financeiros limita a capacidade das famílias de adquirir alimentos saudáveis, levando ao consumo de alimentos ultraprocessados e menos nutritivos. Além disso, a mediação dos adultos no acesso aos alimentos reflete relações de poder, onde os adultos, detentores do capital econômico e cultural, decidem quais alimentos serão consumidos pelas crianças. Segundo Bourdieu (2010), os sistemas simbólicos apresentam distinções conforme os contextos de produção e recepção, e a autonomia de um campo específico está ligada ao desenvolvimento de um grupo especializado

em produzir discursos. Para ele, o poder simbólico – entendido como a capacidade de instaurar sentidos e influenciar percepções – só se efetiva quando é socialmente reconhecido.

Portanto, é essencial promover o fortalecimento da produção de alimentos locais e o acesso a informações sobre alimentação saudável também para os responsáveis pelas crianças, visando o equilíbrio entre a valorização da cultura alimentar quilombola e a promoção de hábitos que favoreçam a saúde e o bem-estar das crianças. A combinação de falas e fotografias nos permite compreender melhor como essas transformações acontecem, oferecendo uma base para a construção de estratégias que respeitem as tradições alimentares, enquanto incentivem práticas saudáveis no contexto das mudanças alimentares.

Inspirando-se em Bourdieu (2010), pode-se dizer que os sistemas simbólicos — como a linguagem, a cultura e as práticas sociais — variam conforme o contexto em que são produzidos e recebidos. Quando aplicasse esse entendimento à pesquisa com crianças, percebesse que investigar esse público requer compreender os símbolos, valores e discursos específicos que circulam no universo infantil. A autonomia do campo da pesquisa com crianças, portanto, depende da consolidação de pesquisadores especializados em interpretar essas produções simbólicas infantis.

O poder simbólico, nesse contexto, manifesta-se na forma como é construído os significados sobre a infância — seja por meio da educação, da mídia, ou das próprias práticas institucionais. Esse poder só se concretiza se as interpretações e as vozes das crianças forem reconhecidas socialmente como legítimas. Assim, pesquisar com e sobre crianças exige sensibilidade para captar esses discursos e responsabilidade ética para não apenas falar *sobre* elas, mas também *com* elas.

As crianças têm suas perspectivas sobre atividades relacionadas aos alimentos ou às práticas, além do consumo, exploradas em menor grau. Algumas literaturas abordam o envolvimento das crianças com a culinária e a compra de alimentos. No entanto, essas perspectivas geralmente são investigadas como eventos isolados em ambientes específicos, como lares, escolas, supermercados ou lojas de conveniência (Wright-Pedersen; Vidgen; Gallegos, 2024).

Outro dado importante, proveniente dos relatos de Banyoka 8 e Banyoka 3, é a presença de chás e café na alimentação das crianças.

"Eu tomo café, eu tomo só de manhã[...]eu gosto às vezes, quando não tem café eu tomo chá, chá de erva cidreira" (Banyoka 8).

"Eu tomo café, eu tomo de manhã" (Banyoka 3).

Fotografia 90 – Ilustração sobre o consumo - Café com pão



Fonte: Banyoka 3 (2024).

Indígenas e quilombolas figuram entre as populações rurais mais vulneráveis a problemas sociais, com destaque para a insegurança alimentar. Essa condição precária se agrava pela insuficiência territorial para atender às suas necessidades e pela falta de suporte jurídico e técnico para a regularização das terras (Sousa, 2020).

Conforme revelado pelos resultados desta pesquisa, a dificuldade de acesso à terra não só impede o cultivo e a produção de alimentos tradicionais, mas também reduz o contato das crianças com os processos locais de produção, como o plantio, a colheita e a preparação dos alimentos.

Essa desconexão é evidenciada tanto nas fotografias quanto nas narrativas dos participantes, que apontam para uma transição alimentar marcada pela crescente influência de produtos industrializados adquiridos fora da comunidade. Assim, a falta de acesso à terra e aos recursos compromete diretamente a segurança alimentar e nutricional das famílias indígenas e quilombolas, intensificando os conflitos agrários e os processos de exclusão social (Sousa, 2020). Além das consequências para a saúde, o padrão de consumo apresentado nas falas das crianças indica uma tendência à perda de parte do patrimônio cultural dessas comunidades. Os conhecimentos tradicionais associados à produção de alimentos, como o manejo da terra, a seleção de sementes e as técnicas de preparo, são transmitidos de geração em geração e fazem parte da identidade cultural de cada povo. Com a perda desses conhecimentos, há um risco de desaparecimento de práticas ancestrais que moldam a forma de vida nessas comunidades. A fala de Terra-mar 7 expressa essa combinação de alimentos.

“Eu como café com leite, biscoito, arroz peixe e galinha! [...] eu gosto de café, né? [...] gosto de uma goiaba [...], de refrigerante [...] eu como também galinha cozida com arroz [...] de vez em quando salgadinho e refrigerante” (Terra-mar 7).

“Eu como milho, banana, carne, arroz, café, cuscuz, galinha [...], fígado, macarrão” (Banyoka 3).

A alimentação diária das crianças quilombolas abrange desde alimentos *in natura*, cultivados na própria comunidade, até produtos processados, adquiridos principalmente na sede do município. Um relato particularmente interessante emerge da fala de Banyoka 4, que descreveu os alimentos presentes no Dia das Mães em sua família, destacando aqueles que, segundo ela, fazem parte do seu cotidiano alimentar.

Foi no Dia das Mães que eu tirei essa foto [...] a foto que mais gostei foi daquela foto do prato de arroz, feijão e carne[...]o arroz, o macarrão [...] tudinho [...] a torta eu nem falo, porque eu não gosto de torta de camarão, imagina a foto! (Banyoka 5).

A Fotografia a seguir complementa a fala apresentada por Banyoka 5 desse momento de celebração junto à família. E, assim, fortalece o papel agregador da alimentação.

Fotografia 91 – Ilustração sobre o consumo - Torta de camarão e arroz



Fonte: Banyoka 5 (2024).

O relato destaca a importância de certos alimentos na cultura local e como eles se manifestam tanto em ocasiões especiais quanto no dia a dia. Alimentos *in natura*, como a mandioca, na forma de farinha, feijão, o camarão e as frutas da estação, surgem combinados a alimentos processados como arroz, macarrão e biscoitos. Essa observação evidencia a relevância cultural de certos alimentos, que fortalecem os laços comunitários e familiares, manifestando-se tanto em ocasiões especiais quanto no dia a dia.

Considerando que o *habitus* de cada indivíduo é resultado de um processo singular de suas trajetórias sociais pessoais, a estrutura que determina o *habitus* também é estruturada pelas escolhas desse indivíduo. Como afirma Bourdieu (2013), se a escolha de trajetória é efetuada a

partir do processo histórico de vivências junto a outros indivíduos, não é possível desvincular o conceito de *habitus* da estrutura estruturante e estruturada que direciona o comportamento de grupos dentro de uma estrutura.

A presença constante de alimentos como a mandioca, sob a forma de farinha, do feijão, do peixe, do camarão e das frutas da estação, tanto em eventos especiais quanto no dia a dia, demonstra que esses alimentos são mais do que simples fontes de nutrientes. Nisso, carregam significados culturais, representando a história, as tradições e a identidade da comunidade quilombola. Outro fator é a presença cada vez mais constante de alimentos processados coabitando com a alimentação *in natura* das crianças. Percebe-se, desse modo, que o *habitus* não é estático, mas sim dinâmico e passível de mudanças ao longo do tempo.

Ao comparar os estudos de Silva (2020) e Câmara *et al.* (2024) com esta pesquisa, observam-se algumas semelhanças e diferenças significativas, como as desigualdades estruturais e o racismo, fatores centrais em todas as pesquisas. No entanto, enquanto os estudos anteriores enfatizam a discriminação racial em um contexto mais amplo, esta pesquisa se concentra em aspectos específicos da insegurança alimentar e de outros problemas sociais em comunidades marginalizadas. Os autores, assim como este estudo, destacam a necessidade de políticas públicas mais eficazes para combater o racismo e suas consequências. Assim, em geral, os achados deste estudo estão alinhados com as discussões sobre a relevância do combate ao racismo, mas trazem uma nova perspectiva ao considerar outras.

Ainda neste subtema, surgiram falas que justificaram o porquê da ingestão de alguns alimentos, principalmente os processados. O maior desafio para obtenção dessas respostas foi proporcionar para as crianças um ambiente acolhedor, onde elas pudessem se sentir confortáveis para responder às questões propostas e, ao mesmo tempo, expressar seus sentimentos da maneira mais fidedigna possível. As falas de Terra-mar 1, demonstram a espontaneidade de suas respostas em relação a esses alimentos.

O refrigerante é muito bom [...] eu gosto bastante do refrigerante, eu bebo [...] eu gosto do pão doce, o café, a banana, a farinha, o arroz, a galinha e pão[...] do o pão eu gosto[...]ele é bom e com café (Terra-mar 1).

Eu gosto de comer mais o arroz, a galinha, o peixe, a calabresa, a sardinha, a banana, feijão, macarrão [...] às vezes suco com biscoito[...] eu amo arroz e macarrão (Terra-mar 1).

Esses relatos expõem que, assim como a sociedade, que passou por inúmeras transformações, os hábitos alimentares também mudaram. Atualmente, o foco de muitos estudos é a alimentação, devido ao aumento do consumo dos alimentos industrializados, que

pouco contribuem para uma dieta saudável. Esse novo padrão alimentar da sociedade moderna tem comprometido a saúde das pessoas tornando-as mais suscetíveis a doenças (Cavalcante; Líber; Costa, 2021).

"Eu gosto mais de batata é por causa que ela tem gosto bom [...] eu gosto da salsicha (Terra-mar 6).

As falas subsequentes revelam a forte influência do ambiente na formação do paladar e das preferências alimentares das crianças quilombolas. Terra-mar 4 e Banyoka 4, apesar de viverem em comunidades distintas, demonstraram similaridades em seus gostos, como o gosto por peixe, caranguejo, arroz, galinha, siri.

"Eu não gosto de sardinha [...] eu gosto da galinha (Banyoka 4).

"O arroz é bom, eu gosto de arroz. eu gosto dele com peixe [...] e com siri, caranguejo[...]sardinha e ovo (Terra-mar 4).

A cultura alimentar das crianças quilombolas, conforme descrito nas falas e fotografias, é marcada por uma dieta rica em carboidratos, proteínas e frutas. O consumo de carnes, arroz e farinha de mandioca é significativo, e a preparação de carnes cozidas em caldos ou molhos revela uma tradição culinária valorizada. A presença de alimentos industrializados, embora em menor quantidade, indica a influência da alimentação proveniente da zona urbana.

Os gostos são transmitidos como parte de uma cozinha cultural, a cozinha de uma sociedade que reflete inconscientemente sua estrutura e integra o conjunto das relações sociais predominantes. Assim, os hábitos alimentares são uma parte essencial da totalidade cultural (Navas *et al.*, 2015). A pergunta "O que mais você gosta de comer?", nesse âmbito, não se limita a uma simples questão de preferência individual, mas revela aspectos importantes do *habitus* alimentar das crianças, de sua posição no campo alimentar e das dinâmicas sociais e culturais que influenciam suas escolhas. A abordagem bourdieusiana possibilita compreender como os gostos alimentares são construídos socialmente e como se relacionam com as estruturas sociais mais amplas.

Bourdieu propõe um esquema analítico-sistêmico para compreender a dinâmica social que se desenvolve dentro de um *campo*. Este é um segmento específico do social, em que agentes (indivíduos e grupos) com disposições específicas, chamadas de *habitus*, interagem. O campo é delimitado por valores ou formas de capital que o sustentam. A dinâmica social dentro de cada campo é impulsionada por lutas entre os agentes que buscam manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico (Thiry-Cherques, 2006).

Neste contexto, as falas das crianças participantes deste estudo demonstram claramente que, embora elas manifestem uma preferência por alimentos simples e caseiros – como arroz,

feijão, peixe, galinha e frutas da estação – também relatam o consumo de produtos processados, como salsicha e refrigerante. Esse cenário evidencia a questão da insegurança alimentar. O estudo de Câmara *et al.* (2024) corrobora essa temática ao revelar, em uma comunidade quilombola da Amazônia durante o período da COVID-19, a relação entre insegurança alimentar e racismo.

No estudo de Silva (2020), a realidade de insegurança alimentar em comunidades quilombolas maranhenses é abordada. A autora destaca o acesso limitado da população dessas comunidades a alimentos frescos e nutritivos, que resulta na adoção de práticas alimentares prejudiciais à saúde. Isso é refletido nas preferências alimentares expressas pelas crianças desta pesquisa.

Fonseca (2024) corrobora a pesquisa de Silva (2020), ao apontar a associação entre a insegurança alimentar e o aumento do consumo de alimentos ultraprocessados. E o aumento progressivo do consumo de alimentos não saudáveis – processados e ultraprocessados – se alinha ao desejo das crianças ouvidas nesta pesquisa por alimentos mais industrializados e menos nutritivos, como salsichas, pão e refrigerantes.

Por fim, Sá (2024), em sua pesquisa, foca nos fatores associados à insegurança alimentar em famílias quilombolas, evidenciando como a escassez de recursos financeiros e a falta de acesso a alimentos saudáveis afetam as escolhas alimentares, levando as crianças a preferirem alimentos que, embora saborosos, não são benéficos à sua saúde. Essas análises são fundamentais para entender como a transição alimentar nas comunidades quilombolas está ligada ao contexto de insegurança alimentar, e como isso influencia a formação dos gostos alimentares das crianças, inclusive das participantes deste estudo.

6.2.2 A percepção das crianças quilombolas sobre a qualidade dos alimentos que consomem

As crianças quilombolas têm percepções distintas sobre a qualidade dos alimentos que consomem. Os alimentos produzidos e extraídos do próprio território são percebidos como saudáveis, e há uma reprodução de informações recebidas sobre seus benefícios. Por outro lado, os alimentos processados e industrializados são reconhecidos como não saudáveis, embora sejam desejados devido a influências culturais e fantasias.

Os participantes das três comunidades demonstraram uma compreensão sobre a distinção entre alimentos saudáveis e não saudáveis, em muitos relatos, além da simples

identificação, adentrando nas justificativas de suas escolhas. Suas falas revelaram nuances sobre como percebem a influência dos alimentos em seus corpos e em suas vidas.

Em relação aos alimentos saudáveis, as crianças não apenas listaram alimentos, como frutas e verduras, legumes e alimentos *in natura*, mas também explicaram o porquê de os considerar saudáveis. Inclusive, algumas crianças associaram alimentos saudáveis àqueles produzidos em suas comunidades ou em suas casas.

Da mesma forma, as crianças identificaram alimentos ultraprocessados, como refrigerantes, doces, salgadinhos, biscoitos, salsichas e “carne de lata”, como não saudáveis. Suas justificativas incluíram falas como “tem muito açúcar”, “pode estragar os dentes”, “tem muito gás”, entre outras apresentadas durante os Grupos Focais.

6.2.2.1 Percebem os alimentos produzidos e extraídos do próprio território como saudáveis

A percepção de alimentos saudáveis entre as crianças quilombolas revela uma valorização dos alimentos produzidos e extraídos do próprio território. Esses alimentos são vistos como saudáveis, refletindo uma conexão profunda com a terra e as práticas tradicionais de cultivo e coleta. As crianças reconhecem os benefícios desses alimentos, que são frequentemente associados a uma melhor saúde e bem-estar. Além disso, há uma tendência de reproduzir informações recebidas sobre os benefícios dos alimentos locais, indicando uma transmissão de conhecimento cultural e nutricional dentro da comunidade. Essa percepção positiva dos alimentos do território contribui para a manutenção de práticas alimentares tradicionais e para a valorização da cultura quilombola.

Das falas das crianças, sobre as frutas e legumes, entre eles a beterraba, a cenoura e o feijão, bem como as razões pelas quais esses alimentos fazem bem para a saúde. As crianças não apenas listaram os alimentos que elas consideram saudáveis, mas também usaram expressões como “faz bem para a saúde”, “faz a pessoa ficar bem forte” e “mais saudável”, de forma recorrente, demonstrando uma compreensão intuitiva dos benefícios nutricionais desses alimentos. Dessa forma, evidenciou-se um acesso dessas crianças à educação sobre alimentação saudável, provavelmente no ambiente escolar. Como demonstrado na fala de Terra-mar 3.

"Porque a cenoura ela faz bem para os olhos[...]a beterraba porque ela faz bem para a saúde [...] O feijão faz a pessoa ficar bem forte" (Terra-mar 3).

A Fotografia a seguir traz duas frutas consumidas pelas crianças com frequência: a maçã, proveniente da compra em zona urbana; e a laranja, produzida na comunidade.

Fotografia 92 – Ilustração sobre o consumo de frutas - Maçã e laranja



Fonte: Terra-mar 6 (2024).

A fala de uma das crianças menciona essas frutas e outros exemplos de verduras e legumes, justificando os seus benefícios para a saúde de quem as consome.

Maçã, laranja e melancia[...] minha fruta preferida é maçã[...]A maçã, mais saudável [...] O brócolis também é saudável [...] A salada, ela também é boa. A fruta! por causa que ela faz bem para a saúde [...] pra mim era só o suco de frutas. O suco ponha lá de manhã aí faz porque é bom. Ter suco de frutas. (Terra-mar 6).

A menção a frutas frescas nos discursos das crianças indica o seu acesso a horta individual ou comunitária presente nesses locais, o que reforça uma conexão dessas crianças com o meio ambiente e o consumo de alimentos *in natura*. Dessa maneira, os relatos apresentados por elas confluem com a realidade de muitas comunidades rurais que vivem da agricultura familiar, por meio do plantio de frutas, legumes e verduras. A prática agrícola familiar presente nas comunidades quilombolas pode contribuir para melhorar a qualidade da alimentação fornecida para as crianças e suas famílias.

Outro fator relevante é o poder econômico oriundo dos programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, que podem ter um impacto positivo na redução da desnutrição infantil e da subalimentação no Brasil. A redução de 51% na baixa estatura e de 82% na população em situação de subalimentação, entre 2002 e 2013, são conquistas significativas. Isso indica que as políticas públicas de transferência de renda, quando bem implementadas, podem ter um impacto direto na segurança alimentar e nutricional da população (Ribeiro *et al.*, 2024).

As percepções de crianças sobre alimentos saudáveis são influenciadas por diversos fatores, como a cultura, o acesso a alimentos e as informações que recebem dos responsáveis, da escola e do meio social onde vivem. Para as crianças quilombolas, essa relação pode ser

ainda mais rica, pois está intrinsecamente ligada à sua história de vida e à cultura tradicional da comunidade onde estão inseridas. Tem-se exemplos disso nas falas de Banyoka 1, Banyoka 4 e Banyoka 7.

Eu gosto da manga...[...]tem manga no tempo de colher [...] agora tem pouca [...] eu como salada, verduras, peixe, arroz, feijão e galinha [...] a banana faz bem pra saúde...porque a banana tem vitamina [...] eu gosto de manga, pêra, cenoura. a cenoura faz bem pros olhos (Banyoka 1).

"Eu gosto de frutas, verduras, galinha, porque faz bem pra saúde e a gente precisa se alimentar bem" (Banyoka 4).

"Eu gosto de salada, peixe, galinha, suco, carne, banana, acerola, macarrão, feijão, arroz[...] porque é saudável [...] porque a carne é muito saudável pra gente" (Banyoka 7).

Bourdieu aborda os diferentes tipos de capital em sua teoria, entre eles, o capital cultural, que se refere ao conjunto de conhecimentos, habilidades, gostos, valores e práticas desenvolvidos principalmente por meio da socialização familiar e da educação. Na presente pesquisa, esse conceito se conecta diretamente aos resultados obtidos, evidenciando que as práticas alimentares das crianças quilombolas refletem não apenas uma tradição herdada, mas também as influências dos ambientes familiares e educacionais.

As falas dos participantes indicam que, embora haja uma preferência por alimentos simples e caseiros, a introdução de produtos industrializados contribui para a formação de um capital cultural híbrido, em que elementos tradicionais se misturam com práticas alimentares modernas. Essa intersecção ressalta a importância de promover o fortalecimento da produção e do conhecimento local, bem como o acesso a informações sobre alimentação saudável, como forma de preservar e valorizar o capital cultural e, conseqüentemente, a identidade alimentar das comunidades quilombolas.

No que concerne às crianças quilombolas, elas incorporam, desde a infância, os saberes e as práticas alimentares de suas comunidades, como o conhecimento sobre as plantas nativas, técnicas de cultivo, receitas tradicionais e rituais que envolvem a alimentação. Esse conhecimento constitui um importante capital cultural incorporado, transmitido de geração em geração. E a valorização dos alimentos tradicionais e das práticas alimentares ancestrais confere capital simbólico às comunidades quilombolas.

Nas falas das crianças, surgiram relatos sobre atividades relacionadas à prática da agricultura familiar, como o cultivo do arroz, o que demonstra uma certa intimidade delas com tais práticas e indica o valor dado aos alimentos cultivados em casa.

A fala de Kakopi 1 transparece como o cultivo do arroz está presente nessas comunidades. A criança fala sobre todo o processo de beneficiamento do arroz, mencionado todas as suas etapas, incluindo o descascamento (retirada da casca por processo manual). Em seu discurso, percebe-se a influência da figura paterna, que imprime nessa prática um caráter intergeracional.

"É que meu pai botava o arroz dentro da água, aí o arroz vai criando essa raiz, aí depois ele vai botar água no mato e separa o arroz" (Kakopi 1)

Fotografia 93 – Cultivando o arroz



Fonte: Kakopi 1 (2024).

A partir dos relatos das crianças quilombolas, é possível perceber que o contato direto com a produção de alimentos, desde a infância, contribui para a construção de uma educação alimentar mais significativa. O orgulho demonstrado, ao falar sobre as hortas e roças, indica que essas crianças valorizam os alimentos cultivados em casa e possuem conhecimento prático sobre a origem desses alimentos, conforme exemplificado na fala de Terra-mar 7, em que descrevem a plantação de frutas em sua comunidade.

"Não tem mais melancia comeram tudo[...]humrrummm[...]plantamos milho e arroz[...] eu sei plantar [...] planto milho, arroz" (Terra-mar 7).

A alimentação é um conjunto integrado de práticas e saberes diretamente relacionados à produção e à reprodução da vida. Exerce um papel estruturador na organização social, tornando-se o centro de um dos mais vastos e intrincados complexos culturais. Com aspectos ligados à sobrevivência, por de atividades extrativistas e agrícolas, a alimentação se torna um meio para o entendimento da relação do indivíduo com a natureza (Navas *et al.*, 2015).

Conforme Petarly afirma (2023), o *habitus* é construído coletivamente através das relações sociais dentro de um espaço social onde as relações de poder se organizam. Com isso, as ações individuais se solidificam devido às pressões e aos limites sociais que garantem a manutenção desse *habitus*. A respeito das crianças quilombolas, isso se reflete na maneira como elas aprendem e reproduzem práticas alimentares tradicionais, passadas de geração em geração, garantindo a continuidade desse modo alimentar.

O milho, alimento característico da cultura alimentar quilombola, foi um dos alimentos mais presentes nas fotografias das crianças das três comunidades do estudo. Ele é consumido assado, “milho assado”, feito em grelhas improvisadas na própria residência da criança, como foi mostrado anteriormente nas fotografias de Kakopi 2. E aparece em preparações, como na canjica, muito apreciada pelas crianças, o que se pode verificar na Fotografia a seguir Ilustração sobre o consumo – Canjica de milho.

Fotografia 94 – Ilustração sobre o consumo – Canjica de milho



Fonte: Kakopi 2 (2024).

Em uma de suas falas, Kakopi 2 expressa sua preferência alimentar pelo milho, presente na dieta das demais crianças quilombolas. Percebe-se, dessa forma, como a culinária tradicional dessas comunidades ainda está presente no cotidiano dessas crianças e a propagação desse *habitus* alimentar entre as gerações.

"Canjica"[...] eu como a canjica purinha" (Kakopi 2).

Nas falas e nas fotografias, percebe-se a essência da cultura alimentar quilombola, ao revelarem a importância do milho, alimento central da dieta da comunidade. Também estão presentes a riqueza e a diversidade das receitas tradicionais, transmitidas de geração em

geração. A boa aceitação do milho pelas crianças reforça a relevância desse alimento na construção da identidade cultural quilombola e na perpetuação de seus costumes.

O arroz e a farinha de mandioca são alimentos que ganharam destaque nas falas das crianças e nas fotografias, provavelmente por serem típicos da cultura alimentar quilombola e das comunidades quilombolas maranhenses. As fotografias ilustram algumas combinações de alimentos muito comum nos pratos dessas crianças, a farinha acompanhada de uma proteína de origem animal e a farinha mandioca com café. Como demonstrado nas fotografias de Terra-mar 4 e Terra-mar 2.

Fotografia 95 – Ilustração sobre o consumo - Café com farinha de mandioca



Fonte: Terra-mar 4 (2024).

Fotografia 96 – Ilustração sobre o consumo - Carne com farinha de mandioca



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

O trecho de fala de Terra-mar 1 representa esse *habitus* alimentar descrito em imagens e relatos: o consumo de arroz e farinha de mandioca. É importante ressaltar que ambos são cultivados nas comunidades, principalmente a farinha de mandioca.

"Eu como ovo e sardinha com arroz e com a farinha" (Terra-mar 1).

A presença do cultivo da mandioca nas comunidades quilombolas, apesar do processo de miscigenação da cultura alimentar dessa população, ainda persiste, o que se pôde comprovar nas fotografias apresentadas pelas crianças. Nessas comunidades a mandioca passa por um processo de beneficiamento e transformação originando a farinha de mandioca, muito consumida pelas famílias.

A mandioca é o “carro chefe” da produção por ser utilizada em vários tipos de preparações, já que seus produtos são destinados tanto para o autoconsumo quanto para a comercialização e/ou socialização (troca e venda) entre parentes, vizinhos e amigos. A farinha, seu subproduto, é um dos elementos que compõem a base alimentar das famílias locais, fazendo-se presente em todas as refeições, desde o café da manhã, nas merendas da manhã e da tarde, no almoço e no jantar; tanto *in natura* quanto como acompanhamento, ou ainda misturada ao açaí (Nascimento; Perucchi, 2020).

O modo de produção se caracteriza pela agricultura familiar, centrada no cultivo da mandioca e na produção de seus derivados, como a farinha. A essa base produtiva, somam-se às atividades extrativas como a pesca, caça, coleta e o uso de recursos vegetais, que complementam a dieta e são fundamentais para a reprodução biológica e social dessas comunidades. As práticas tradicionais envolvem um profundo conhecimento sobre o plantio, manejo e a comercialização, saberes esses muitas vezes pouco explorados pela ciência (Ferreira *et al.*, 2020).

A pesca emerge nos diálogos como uma prática recorrente e significativa, descrita pelas crianças em detalhes. Essa atividade não se limita à obtenção de alimento, mas envolve conhecimentos tradicionais, relações sociais e uma conexão profunda dessa população com o ambiente natural. Como demonstrado nas falas de Terra-mar 1, Terra-mar 4 e Terra-mar 6.

“Eles panham siri, meu pai[...] é bom a siri [...] também é bom, o caranguejo é bom” (Terra-mar 1).

"Eu gosto de peixe cozido! [...] a gente come cozinhando o peixe! [...] para fazer o peixe bota o óleo, água[...] tomate, cebola e corante " (Terra-mar 4).

“Aqui tem Caranguejo" (Terra-mar 6).

Fotografia 97 – Ilustração sobre o consumo - Arroz com peixe frito



Fonte: Terra-mar 1 (2024).

As falas de Terra-mar 7 e Terra-mar 8 reafirmam a predileção das crianças por pratos que contém peixe, principalmente acompanhado do arroz.

"Peixe, o meu prato preferido é peixe " (Terra-mar 7).

"Meu prato preferido é peixe com arroz" (Terra-mar 8).

A fala da criança Terra-mar 8 revela como a prática da pesca ocorre na comunidade. Incluindo a descrição da técnica de pesca utilizada e das espécies de peixes.

O peixe, meu pai que panha, mas só que é na armadilha que pega peixe[...]pescamos no tanque e na beira do rio [...] lá tem peixe Bagre [...] Bagre e Cascudo [...] nós pescamos Piaba [...] O peixe, meu pai que panha, mas só que é na armadilha de pegar peixe (Terra-mar 8).

Assim, a pesca, enquanto prática social, é incorporada pelas crianças quilombolas como *habitus* que influencia suas percepções, seus comportamentos e suas escolhas. Essa internalização não é um processo puramente racional ou consciente, mas sim um aprendizado incorporado, que se manifesta no corpo, nos gestos, nos hábitos.

A pesca, como prática recorrente e significativa para as crianças quilombolas, exemplifica a forma incorporada do capital cultural que abrange, a qual contempla os conhecimentos tradicionais sobre os rios, os peixes, as técnicas de pesca, os horários e os locais mais propícios são transmitidos oralmente de geração em geração, incorporam-se aos corpos das crianças como habilidades e saberes práticos. Essa transmissão configura um processo de socialização que molda suas percepções e práticas em relação ao meio ambiente e à alimentação.

As crianças quilombolas, ao acompanharem os adultos na atividade de pesca, internalizam um conjunto de saberes e práticas que vão muito além da simples obtenção de alimento. Elas aprendem as técnicas de pesca, o manuseio de redes e armadilhas, as espécies de

peixes mais comuns na região, os ciclos da natureza e os valores culturais envolvidos. Terra-mar 1 exemplifica essa prática.

“Eles panham siri, meu pai [...] O siri também é bom. O caranguejo é bom (Terra-mar 1).

Em relação à prática da pesca surgiu uma informação relevante, em algumas falas houve a presença paterna na prática da pesca na comunidade e da mesma forma houve relatos da presença materna associada ao preparo dos alimentos. O que levanta uma provável questão de gênero relacionado a divisão das tarefas de produção, obtenção do alimento comunitário e do manejo, preparo desse alimento para consumo. Trazendo assim um precedente para novos estudos.

Um estudo que trata da divisão sexual de trabalho nas comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul, evidenciou o protagonismo das mulheres na liderança comunitária e na transmissão da história local. Apesar disso, elas são sobrecarregadas por acumularem atividades domésticas e cuidados familiares, enquanto enfrentam uma hierarquia que desvaloriza seu trabalho (Grossi; Oliveira; Bitencourt, 2018).

Em outra pesquisa publicada em 2024, as mulheres sempre desempenharam papéis importantes nas atividades agrícolas dos quintais e nas roças, enquanto os homens frequentemente saíam para trabalhar em fazendas vizinhas. Além do trabalho doméstico e agrícola, as mulheres exercem ocupações variadas, como professoras, cuidadoras de crianças, zeladoras, agentes comunitárias de saúde, artesãs, produtoras de goma e farinha de mandioca, entre outras (Figueiredo e Radl-Philipp, 2024).

Em consequência disso, o presente subtema também aborda como os alimentos são adquiridos na comunidade quilombola e se destaca por demonstrar que surgiram, das falas das crianças, práticas como a criação de animais, geralmente de pequeno porte, como a galinha e o porco. As crianças mostraram ter ciência de que esses animais servem tanto para sua alimentação quanto para a composição do orçamento familiar. Os relatos das crianças evidenciam isso com clareza.

"Eu gosto da galinha... da carne...as vezes a salsicha, o ovo, o macarrão, o feijão, o arroz[...] às vezes eu como carne de porco e galinha" (Terra-mar 1).

"Eu gosto de galinha, carne de porco (Terra-mar 8).

"Minha mãe, ela gosta mais de cozinhar galinha com arroz e feijão" (Terra-mar 6).

"Eu não gosto de comer ovo, eu gosto de melancia e laranja" [...] eu gosto de peixe cozido" (Terra-mar 4).

"Eu tirei a foto do maracujá e a de arroz com carne" (Banyoka 3).

Ao considerar as comunidades quilombolas e seu acesso às políticas de saúde, é impossível ignorar o grave problema enfrentado pelas crianças. Essas comunidades, em sua maioria, mantêm forte vínculo com o meio ambiente. As famílias vivem da agricultura de subsistência, baseando sua atividade econômica na mão de obra familiar para garantir os produtos básicos para o consumo. Por isso, as crianças aprendem a trabalhar na roça desde muito cedo (Freitas Mussi, 2015; Marques *et al.*, 2014).

Bourdieu (2002) argumenta que a incorporação das estruturas sociais pelos indivíduos se inicia na infância, por meio da imitação do comportamento dos adultos. As crianças, ao observarem e reproduzirem as ações dos mais velhos, internalizam uma série de práticas que moldam o seu *habitus*. No entanto, essa internalização não se resume à simples imitação mecânica. Os adultos desempenham um papel ativo nesse processo, transmitindo os comportamentos considerados aceitáveis dentro daquela sociedade. Esse trabalho pedagógico visa “domesticar” o corpo, transformando-o de uma estrutura “selvagem” (no sentido de não socializado) para um corpo “estruturado”, ou seja, adequado às normas e convenções sociais.

Ainda neste subtema, emergiram falas sobre a criação de animais, numa relação que demonstra intimidade tanto com o animal que passa a fazer parte de seu cotidiano, quanto com as especificidades de sua criação para o consumo:

"Ei tia, eu tenho uma galinha chamada Elisa [...] ela é amarela". [...] só que ela não tá chocada[...] ela está muito novinha" (Terra-mar 4).

"Eu também preferi a foto dos patinhos" (Banyoka, 2).

A Fotografia a seguir ilustra a prática da criação de animais de pequeno porte como aves, no caso em questão, criação de patos, tanto para autoconsumo como para comercialização, complementando, em alguns momentos, a renda familiar.

Fotografia 98 – Ilustração sobre o consumo - Criação de patos



Fonte: Banyoka 2 (2024)

Neste contexto, compreende-se que as crianças, ao participarem ativamente do cultivo de árvores frutíferas e da criação de animais, interiorizam um conjunto de práticas e saberes transmitidos pelas gerações anteriores. Com isso, aprendem sobre os ciclos das plantas, os cuidados com os animais, as épocas para plantio e colheita. Esses saberes se incorporam sob a forma de *hexis*, manifestando-se em gestos, habilidades e conhecimentos práticos.

Bourdieu (2001) argumenta que o corpo não é simplesmente uma entidade biológica, mas um produto social, profundamente marcado pelas estruturas sociais. O autor afirma que o corpo está no mundo social, mas o mundo social está no corpo, sob a forma de *hexis* e de *eidos*. O *Héxis* se refere às maneiras duráveis do ser, agir e se portar, incorporadas por meio da prática e da experiência. *Eidos*, por sua vez, diz respeito às estruturas cognitivas que os indivíduos utilizam para perceber e classificar o mundo social, se inscreve nos corpos e nas mentes dos agentes, moldando seus esquemas de percepção e ação. Ademais, o autor destaca que o corpo possuído pela história se apropria de forma imediata das coisas habitadas pela mesma história.

O corpo, nesse cenário, opera como um princípio de compreensão prática, não se tratando de um conhecimento puramente intelectual, mas sim de um sentido prático do *habitus* ocupado pelo mundo que habita (Bourdieu, 2001). Ou seja, as crianças não sabem sobre o cultivo e a criação, mas sentem e vivem essa relação, absorvendo-as em seus corpos e suas práticas cotidianas. A familiaridade com os cheiros, os sabores, as cores e os ritmos da natureza caracterizam esse conhecimento incorporado e que dificilmente se explica verbalmente.

6.2.2.2 Percebem os alimentos processados e industrializados como não saudáveis

Ao serem questionadas sobre o que consideram como alimentos não saudáveis e porquê disso, emergiram das falas das crianças citações a alimentos ultraprocessados como refrigerante, salgadinhos e salsichas. As falas agrupadas neste subtema revelaram as percepções das crianças em relação aos alimentos que “não consideram” saudáveis, acompanhadas dos motivos referidos por elas para tal concepção. Algumas crianças relataram os efeitos negativos do consumo desses alimentos, inclusive descrevendo como são produzidos e quais são seus componentes, conforme o entendimento delas sobre esses produtos.

"Eu só tomo refrigerante quando ele não tem gás, de tarde, quando vou merendar [...] a salsicha e o refrigerante fazem mal para saúde [...] o refrigerante pode estragar os dentes" (Terra-mar 4).

"Ele não é saudável e ele é gostoso (refrigerante) [...] mais é a salsicha que eu gosto, mas não pode comer muito porque não é saudável [...] faz mal miojo, refrigerante, fritura, nescau, chocolate, salsicha" (Banyoka 4).

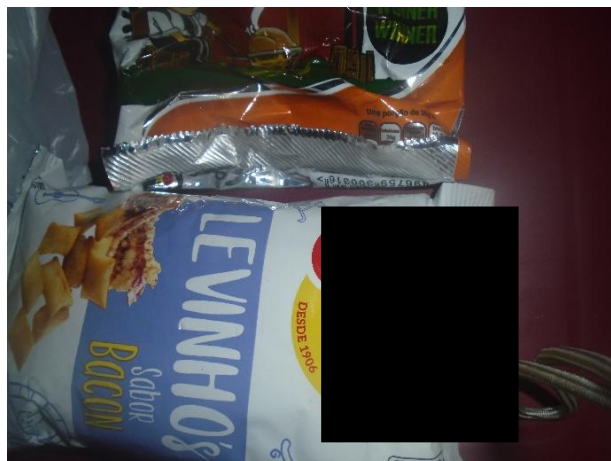
Fotografia 99 – Ilustração sobre o consumo - Sopa de macarrão



Fonte: Banyoka 2 (2024).

Alguns registros fotográficos trouxeram o salgadinho, confirmando a sua presença na alimentação dessas crianças. Geralmente é consumido no lanche da tarde, como mostra a fotografia.

Fotografia 100 – Ilustração sobre o consumo - Salgadinho de pacote



Fonte: Terra-mar 2 (2024).

A fala de Terra-mar 3 sobre esse alimento corrobora a percepção de que essas crianças compreendem o que é um alimento não saudável.

"E o salgadinho também traz muita, coisa ruim para a saúde" (Terra-mar 3).

As crianças quilombolas, inseridas em um contexto cultural específico, demonstraram ter internalizado conceitos básicos sobre alimentação saudável e não saudável. A repetição de frases como “frutas e legumes são saudáveis” e “refrigerantes e biscoitos não” evidenciam que esses conhecimentos são compartilhados na comunidade. A percepção de que alimentos não saudáveis podem causar doenças reflete uma compreensão mais profunda do tema, sugerindo que a educação alimentar está presente no cotidiano dessas crianças, inclusive no ambiente escolar.

As falas das crianças revelaram também a presença de representações sociais sobre alimentação que valorizam alimentos naturais e frescos, como também o consumo de alimentos industrializados, mesmo que de forma acanhada, apesar de fazerem críticas a esses tipos de alimentos. Isso confirma que o corpo da criança, como enfatiza Bourdieu, não é apenas biológico, mas também um corpo social, marcado por experiências e saberes adquiridos e absorvidos.

Os alimentos ultraprocessados passam por várias etapas e utilizam diversas técnicas no seu processamento, incluindo a adição de sal, açúcar, óleos, gorduras e aditivos que alteram atributos sensoriais, como emulsificantes, corantes e aromatizantes. Estudos mostram que a ingestão desses alimentos está associada a um maior risco de obesidade, hipertensão e diabetes *mellitus* tipo 2. Em contraste, o consumo de frutas e vegetais favorece a manutenção da saúde

e do peso corporal, reduzindo o risco de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) (Oliveira *et al.*, 2024).

Ainda de acordo com as falas proferidas pelas crianças, é possível afirmar que elas compreendem a concepção de alimentos que não fazem bem à saúde. Inclusive, apresentaram em seus relatos justificativas dos seus malefícios.

"Pirulito estraga o dente [...] salgadinho faz mal para saúde [...] não pode comer comida que caiu no chão" (Banyoka 2).

Faz mal, porque é muito, muito salgado o salgadinho [...] tomei refrigerante sim (balança cabeça afirmando). tomei só o dia da mãe passado (refrigerante) e o refrigerante que tem gás [...] muito ruim. que eu acho (refrigerante); O refrigerante é ruim, mesma coisa da salsicha (Terra-mar 6).

A análise dos relatos e das fotografias indica que a dieta das crianças quilombolas das comunidades abordadas neste estudo é predominantemente baseada em carnes, arroz, farinha e frutas da estação como acerola, manga coco e banana. Embora alimentos industrializados estejam presentes em sua dieta, o consumo parece ser menor que o dos alimentos *in natura*. Além disso, as crianças demonstraram ter consciência dos efeitos negativos do consumo de alimentos processados, apesar de ingeri-los com certa frequência. A presença constante desses alimentos (processados, ultraprocessados) em suas vidas, muitas vezes associadas a momentos de lazer e comemorações, revela a complexidade da relação estabelecida entre a cultura tradicional e a cultura ocidentalizada.

Os agricultores familiares frequentemente enfrentam extrema pobreza no campo, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Essa situação é agravada pela concentração das políticas públicas em agricultores com maior inserção no mercado, deixando os mais pobres dependentes de políticas socioassistenciais que nem sempre dialogam com as políticas agrícolas. Essa realidade se assemelha à situação de muitas comunidades quilombolas, pois, assim como os agricultores familiares, muitas vezes são marginalizados pelas políticas agrícolas tradicionais, que priorizam grandes produtores e monoculturas (Sousa, 2020).

Esse contexto confirma que as comunidades quilombolas, historicamente marginalizadas e com acesso limitado a recursos e serviços básicos, são particularmente vulneráveis à insegurança alimentar. A implementação de programas assistenciais como o Programa Bolsa Família (PBF) pode impactar positivamente a situação alimentar dessas crianças, garantindo o acesso a alimentos e reduzindo a desnutrição.

Bourdieu argumenta que a teoria não é algo separado da realidade, mas sim um conjunto de percepções sobre ela. Essas percepções contribuem para o desenvolvimento de categorias de compreensão do mundo que nos permitem entender como os sujeitos e grupos se relacionam e constroem suas representações. Essas representações são construções coletivas que se baseiam nas experiências dos sujeitos e circulam nos diferentes contextos sociais. Logo, influenciam condutas e comportamentos, muitas vezes de forma inconsciente (Batista, 2022).

6.2.2.3 Influências culturais e fantasias na percepção dos alimentos não saudáveis

As falas apresentadas nesta subcategoria emergiram a partir da pergunta “Quais alimentos você considera que fazem mal à saúde e por quais motivos?”

"Carne de lata é feita [...] de osso, cavalo e gente e de cachorro, refrigerante. Eu diria, mas só que dá dor de cabeça" (Terra-mar 8).

"Porque a salsicha[...] ela tem um verme" (Terra-mar 3).

Interessante lembrar que, como se trata de crianças, as falas expressam o imaginário concernente a essa faixa etária. As descrições dos ingredientes que compõem esses alimentos são, então, fantasiosas, com menções a elementos que, na percepção infantil, fazem de fato muito mal à saúde, legitimando os malefícios desses alimentos.

O fato de as crianças conseguirem explicar, mesmo que de forma simplificada, o porquê certos alimentos são considerados não saudáveis demonstra um certo nível de compreensão sobre alimentação saudável, o que pode ser resultado do compartilhamento de informações no ambiente escolar. A partir disso, elas internalizam tais informações e as processam, construindo um entendimento que lhes permite justificar suas percepções, mencionando inclusive ingredientes que compõem esses alimentos e os malefícios de sua ingestão.

A forma como as crianças interagem com os alimentos em seu cotidiano tem impacto profundo em sua saúde e bem-estar. Consequentemente, essas práticas alimentares são o foco de pesquisas, estratégias e desenvolvimento de políticas que buscam entender e gerir essas interações. Entretanto, como as crianças têm sido tradicionalmente construídas como sujeitos de pesquisa não confiáveis, imaturos, incapazes e passivos, a natureza e o impacto de suas interações alimentares cotidianas são tipicamente descritos do ponto de vista de responsáveis adultos, como pais, professores ou pesquisadores (Wright-Pedersen; Vidgen; Gallegos, 2024).

Os julgamentos de gostos e preferências, segundo Pierre Bourdieu, não são meramente reflexos da estrutura social, mas meios de afirmar ou confirmar uma vinculação social. Em *a Distinção*, Bourdieu apresenta duas ideias centrais: as relações de poder como categoria de

dominação, analisadas pela metáfora do capital cultural; e o entrecruzamento das relações de poder com várias formas de ações organizadas, que favorece a capacidade dos indivíduos de elaborar estratégias dentro das relações de desigualdades sociais (Vasconcellos, 2002).

Para Bourdieu, a cultura não é um conjunto abstrato de ideias ou valores, mas sim um sistema de disposições internalizadas pelos indivíduos que orientam suas percepções, pensamentos e ações. A cultura se manifesta nos corpos dos agentes, em suas práticas e em suas formas de se relacionar com o mundo. O autor enfatiza que os corpos não são neutros, mas sim marcados pelas experiências sociais e pela posição que o indivíduo ocupa no espaço social. Portanto, o corpo é um “lugar” de impressão da cultura e das relações de poder (Monteiro, 2018).

A introdução de alimentos industrializados e a adoção de novos padrões de consumo podem gerar conflitos e tensões nas comunidades, uma vez que a valorização dos alimentos tradicionais e dos saberes ancestrais pode se contrapor à atração dos indivíduos nela inseridos pelos produtos industrializados e pela modernidade representada pela cultura urbana. Essa tensão pode se manifestar em debates sobre a importância da preservação da cultura alimentar local e os riscos da homogeneização cultural. Nesse contexto, o aumento do consumo de alimentos processados e ultraprocessados pode ter impactos negativos na saúde das comunidades, com aumento da incidência de doenças crônicas como obesidade, diabetes e hipertensão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das percepções das crianças quilombolas sobre sua alimentação, sob a lente da teoria de Bourdieu, revelou a complexidade das práticas alimentares nessas comunidades, influenciadas por uma intrincada rede de capitais: cultural, social e econômico. As crianças percebem a alimentação não apenas como uma fonte de nutrientes, mas como parte integrante de sua identidade e cotidiano. Elas associam os alimentos aos sabores, tradições e às práticas familiares, destacando a influência dos ensinamentos passados pelos seus familiares – tanto maternos quanto paternos – e o papel das atividades comunitárias, como o cultivo e a pesca, na formação de suas preferências. A figura materna emerge nessas comunidades como central na preparação dos alimentos, e nas práticas tradicionais como a agricultura familiar e na prática da pesca destacou-se a presença da figura paterna, descrita pelas crianças, que demonstraram sua ligação com o ambiente natural e a transmissão de conhecimentos entre as gerações.

Um dos resultados do estudo foi a presença nas fotografias das crianças de seus quintais, representados por árvores com frutas típicas da região (cajá, manga, coco, limão, por exemplo) e da criação de pequenos animais como patos e galinhas. Inserindo nessa realidade à teoria de Bourdieu e seus fundamentos principais (*habitus*, campo e capital). Extraiu-se como achados que a prática da horta seja ela individual como exemplificado nos quintais ou comunitária também encontrada nas comunidades do estudo, revela que famílias que têm esse cultivo de alimentos provavelmente possuem um *habitus* que ainda valoriza o consumo de alimentos *in natura*, influenciando dessa forma o *habitus* das crianças quilombolas.

Ao mesmo tempo, os relatos evidenciam que, embora valorizem os alimentos tradicionais, as crianças também manifestam curiosidade e desejo pelos produtos industrializados, refletindo a tensão entre o legado cultural e as influências do mercado. Essa transição no padrão alimentar das crianças quilombolas, que priorizava alimentos locais e tradicionais, destaca uma provável mudança no *habitus* alimentar das novas gerações, impulsionada pela exposição a novos modelos culturais e consumistas, oriundos da urbanização e da globalização. A valorização da alimentação rápida e dos produtos industrializados, muitas vezes associados à ideia de modernidade, conveniência e *status* social, tem gerado um distanciamento progressivo das práticas alimentares que antes eram mais comunitárias, sustentáveis e saudáveis.

Dessa maneira, a conexão entre cultura alimentar e o território, uma característica condizente com o conceito de campo de Bourdieu, se manifestou na valorização de alimentos como peixe, canjica (à base de milho) e frutas, como laranja, banana e melancia. Contudo, a

pesquisa também evidenciou a presença frequente de alimentos processados e ultraprocessados, como arroz branco, peixe frito em óleo, calabresa e linguiça, indicando um provável processo de transição das práticas alimentares dessa população.

A pesquisa revelou essa crescente influência do contexto urbano nessa população, através do desejo expresso pelas crianças de consumir alimentos ultraprocessados, como hambúrgueres, biscoitos, refrigerantes, salsichas e carne enlatada. Essa demanda reflete um processo de mudança das preferências alimentares e uma mudança da produção local para a aquisição de alimentos em mercados, sobretudo no centro urbano mais próximo. Nesse contexto, a influência da mídia e da cultura urbana, veiculadas como capital cultural externo, contribuem para a internalização de novos gostos e preferências.

A pesquisa também destacou que, apesar da crescente adesão aos alimentos ultraprocessados, a presença da família continua sendo um elo fundamental na transmissão dos conhecimentos sobre a alimentação tradicional. Observou-se, em particular, que a figura paterna exerce uma influência significativa por meio da participação em atividades tradicionais, como a pesca e a plantação, que são essenciais para a produção e o consumo dos alimentos cultivados localmente. No entanto, o desafio se impõe quando essas práticas entram em conflito com a realidade do mercado, que oferece produtos rápidos e acessíveis, porém de baixo valor nutricional.

A provável fragilização do patrimônio cultural alimentar, resultante da perda de práticas como a pesca artesanal e o cultivo doméstico de alimentos, aponta para uma possível desconexão das novas gerações com o território e a biodiversidade local. Isso coloca em risco a preservação de saberes ancestrais, que são essenciais para a identidade cultural dessas comunidades. Portanto, é essencial buscar estratégias que promovam o fortalecimento da educação alimentar dentro do contexto familiar e comunitário, enfatizando a importância dos alimentos tradicionais, ao mesmo tempo em que se reconhece a influência inevitável da modernidade e das novas tecnologias. Um possível caminho é o fomento à valorização de alimentos locais por meio de políticas públicas que incentivem a produção, a comercialização e o consumo de alimentos frescos e cultivados de maneira sustentável. A inclusão de práticas educativas que integrem as tradições culturais com os desafios da contemporaneidade pode contribuir para a criação de um equilíbrio entre a preservação cultural e a adaptação ao novo cenário alimentar.

No entanto, algumas questões não foram totalmente esclarecidas no decorrer do estudo. Uma delas, foi até que ponto os pais influenciam nas escolhas alimentares das crianças? Em que momento o ambiente escolar pode atuar de fato como agente modificador de práticas

alimentares não saudáveis para saudáveis e que respeitem os aspectos histórico-culturais das comunidades quilombolas. Outro questionamento está relacionado ao nível de escolaridade das crianças e as habilidades comunicativas esperadas para essa faixa etária, que se configurou como desafio para a obtenção de resultados mais detalhados e que descrevessem todos os fatores envolvidos nas práticas alimentares dessas crianças.

A enfermagem pode desenvolver intervenções culturalmente sensíveis e eficazes, que respeitem os saberes e tradições locais, ao mesmo tempo em que atuem na prevenção na prevenção de agravos nutricionais e na promoção da saúde. Dessa forma, a atuação profissional respeitando a identidade histórico-cultural das comunidades pode promover a participação ativa das crianças e suas famílias na definição de políticas e ações voltadas à segurança alimentar e nutricional.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, L. F. C.; CORREA, N. A. F.; SILVA, H. P. Segurança Alimentar e Nutricional em comunidades quilombolas no Brasil: uma revisão da literatura indexada. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas/SP, v. 27, p. e020003, 2019. DOI: 10.20396/san.v27i0.8652861.
- AGUIAR, I. W. O. *et al.* Indicadores antropométricos em povos e comunidades tradicionais do Brasil: análise de registros individuais do sistema de vigilância alimentar e nutricional, 2019. **Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília**, [s.l.], v. 32, n. 4, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/PJNYQ6dSKgS6jw7yxTgbnns/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- ALBUQUERQUE, M. *et al.* Saúde e alimentação na infância: uma abordagem sociocultural. **Revista Brasileira de Nutrição e Saúde**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 145-160, 2014.
- ALENDE PRATES, L. *et al.* Socioeconomic and health characteristics group of women in a quilombola community. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, [s.l.], v. 10, n. 1, 2016
- ALENDE PRATES, L. *et al.* Socioeconomic and health characteristics group of women in a quilombola community. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, [s.l.], v. 10, n. 1, 2016
- ALMEIDA, A. W. B. **Territórios quilombolas e conflitos no Brasil**. Manaus: UEA Edições, 2011.
- ALMEIDA, I. H. A. **Territorialidades do nutrícióio**: decolonizando o direito à alimentação adequada. 2023. 49 f. Monografia (Graduação em Direito) – Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.
- ALMEIDA, J. P. *et al.* A influência dos alimentos ultraprocessados na dieta de crianças quilombolas: uma revisão crítica. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 46, n. 2, p. 210-223, 2022.
- ALMEIDA, M. C. P.; SILVA, R. J. C. Os “novos quilombos”: um estudo histórico sobre o processo de identidade das comunidades remanescentes de quilombos da Baixada e do litoral norte do Estado do Maranhão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 15., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://www.ccnma.org.br/quilombos.htm>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- ALMEIDA, V. C. *et al.* Insegurança alimentar em comunidades quilombolas do estado de Alagoas. **Revista de Nutrição**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 73-81, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rn/a/TNTyzCLygPrthddXWmzvqKh/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 nov. 2024.

ALVES, E. R. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 179-184, abr. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922008000100009>.

ANDRADE, L. M. M. **Quilombos latinoamericanos**: carolina k. i. bellinger. Carolina K. I. Bellinger. 2009. Disponível em: <https://www.revistamissoes.org.br/2009/11/quilombos-latinoamericanos/>. <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/07/27/maranhao-tem-a-2o-maior-populacao-quilombola-do-brasil-aponta-levantamento-inedito-do-ibge.ghhtml>. Acesso em: 05 jan. 2025.

ANG, J.; THOMAS, R.; BROWN, K. Photovoice como ferramenta de pesquisa em saúde: reflexões e práticas. **Journal of Community Health**, [s.l.], v. 43, n. 5, p. 982-990, 2018.

ANG, S.Y. *et al.* A Photovoice study on nurses' perceptions and experience of resiliency. **Journal of Nursing Management**, [s.l.], v. 27, n. 2, p. 414-422, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/jonm.12702>.

ARAÚJO, L.; FIGUEIREDO, M. P. Photovoice e Educação Social: direitos, voz e fotografias como promotores de aprendizagem. In: FIGUEIREDO, M. P.; FRANCO, A. (coord.). **Pedagogia no Ensino Superior**: concretizações e inquietações no Instituto Politécnico de Viseu. [S.l.]: Escola Superior de Educação de Viseu, 2022. Disponível em: [livroequipes_photovoice.pdf](#). Acesso em: 19 jan. 2025.

ASSUNÇÃO, M. R. Quilombos maranhenses. In: REIS, J. J.; GOMES, F. S. (org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 429-449.

AYDOĞAN, S. I. E. Pierre Bourdieu'nün habitus, sermaye ve alan kavramları çerçevesinde dede korkut hikâyeleri'ne yeni bir bakış. **International Journal Of Turkish Literature Culture Education**, [s.l.], v. 12, n. 3, p. 894-907, 22 maio 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, A. S. **Experiências de crianças com Síndrome Congênita do Zika durante a utilização da mobilidade motorizada**: um estudo qualitativo usando o método Photovoice. 2023. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

BATISTA, D. M. L. A escola deveria educar para a vida: Como a educação se torna reprodução, instrumento de uma nova colonização. **Conversas & Controvérsias**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. e41973-e41973, 2022.

BECKMAN, K. *et al.* Conceptualising technology practice in education using Bourdieu's sociology. **Learning, Media and Technology**, [s.l.], v. 43, n. 2, p. 197-210, 2018.

BERTAGNONI, L.; GALHEIGO, S. M. Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**,

[s.l.], v. 29, p. 1-25, 17 set. 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/jm7NQgQ7GTX6Gpd3KG6xfyk/?lang=pt#>. Acesso em: 01 dez. 2024.

BEZERRA, V. M. *et al.* Inquérito de Saúde em Comunidades Quilombolas de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil (Projeto COMQUISTA): aspectos metodológicos e análise descritiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1835-1847, jun. 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/mNCFXysmdgNpKpnDZGWBL5f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2024.

BONAMINO, A. *et al.* Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 15, n. 45, p. 487-499, 2010.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2001.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1986.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 256 p.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. Symbolic power. **Critique of anthropology**, [s.l.], v. 4, n. 13-14, p. 77-85, 1979.

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. G. (ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1983. p. 241-258.

BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M.-C. O campo e a fotografia. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 26, n. 1, p. 31-39, jun. 2006.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. Sobre as artimanhas da razão imperialista. **Estudos afro-asiáticos**, [s.l.], v. 24, p. 15-33, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 abr. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003**. Altera dispositivos das Leis nºs 8.427, de 27 de maio de 1992, e 10.420, de 10 de abril de 2002, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 18 maio. 2024.

BRASIL. **Medida Provisória nº 1.166, de 22 de março de 2023**. Institui ações emergenciais de segurança alimentar e nutricional no âmbito do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2024

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Nacional de Inclusão Social e Produtiva Rural. **Programa de Aquisição de Alimentos – PAA Quilombola**. Brasília: Ministério da Cidadania, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/governo-federal-lanca-novo-paa-priorizando-mulheres-negros-indigenas-quilombolas-e-assentados-da-reforma-agraria>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Poliuição atmosférica e seus efeitos na saúde: com a colaboração do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/poluicao_atmosferica_SUS_saude_ambiental.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 252 de 19 de fevereiro de 2013. Institui a Rede de Atenção à Saúde das Pessoas com Doenças Crônicas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 2013a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório sobre as populações quilombolas e políticas públicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. 1. ed., 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). **Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana**: 2013–2015. Brasília: SEPPIR, 2013. Disponível em: <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/259>. Acesso em: 18 abr. 2025.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CACHADO, R. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 551-572, ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/nXMB9xWnGZmbHNqGf6MM6Ts/?lang=pt#>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CÂMARA, J. H. R. *et al.* Racismo e insegurança alimentar: mazelas de uma comunidade quilombola da Amazônia legal brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 29, n. 3, p. e16672023, 2024.

CAMBACO O. *et al.* Applying the photovoice method with adolescents in mining areas in rural Mozambique: critical reflections and lessons learned. **Global health action**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 1-13, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/16549716.2024.2305506>.

CAMBACO, A.; SILVA, J. R.; OLIVEIRA, M. T. A importância do Photovoice na pesquisa comunitária: uma abordagem participativa. **Revista Brasileira de Pesquisa Social**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 123-140, 2023.

CARVALHO, J. B. M. **Percepção socioeconômica de uma comunidade quilombola do município de Bequimão-MA, Brasil**. Disponível em: <https://www.academia.edu/96214300/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CATALANI, C.; MINKLER, M. Photovoice: a review of the literature in health and public health. **Health Education & Behavior**, [s.l.], v. 37, n. 3, p. 424-451, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1090198109342084>.

CAVALCANTE, F. R. *et al.* Imunidade: a importância de uma alimentação adequada em tempos de pandemia. **Research, Society And Development**, [s.l.], v. 10, n. 14, p. 1-14, 2 nov. 2021.

CAVALCANTE, F. R.; LÍBER, N. L.; COSTA, F. N. Imunidade: a importância de uma alimentação adequada em tempos de pandemia. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 10, n. 14, p. e309101422177-e309101422177, 2021.

CEPAL; UNFPA. O marco normativo de promoção da igualdade e da garantia dos direitos da população afrodescendente na América Latina. In: CEPAL; UNFPA. **Afrodescendientes y la matriz de la desigualdad social en América Latina**: retos para la inclusión. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2020. p. 33-47.

CHEEZUM, R. R. *et al.* Using Photovoice to address food insecurity: a pilot study with low-income children. **Journal of Public Health**, [s.l.], v. 40, n. 2, p. 271-280, 2018.

COBO, B.; CRUZ, C.; DICK, P. C. Desigualdades de gênero e raciais no acesso e uso dos serviços de atenção primária à saúde no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 26, n. 9, p. 4021-4032, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.05732021>

COLLINS, M. L. *et al.* Exploration of Social, Environmental, and Familial Influences on the Sexual Health Practices of Urban African American Adolescents. **Western Journal of Nursing Research**, [s.l.], v. 37, n. 11, p. 1141-57, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193945914539794>.

CORRÊA, N. A. F.; SILVA, H. P. Comida de quilombo e a desnutrição infantil na Amazônia Paraense. **Segurança Alimentar e Nutricional**, [s.l.], v. 29, p. e022020, 2022.

CORRÊA, N. A.; SILVA, H. P. Da Amazônia ao guia: os dilemas entre a alimentação quilombola e as recomendações do guia alimentar para a população brasileira. **Saúde e Sociedade**, [s.l.], v. 30, p. e190276, 2021.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. Revisiting mixed methods research designs twenty years later. In: POTH, C. N. (Ed.). **Handbook of mixed methods research designs**. [S.l.]: Sage, 2023. p. 21-36.

DA SILVA FROES, C. D.; BARBOSA, A. A. L. Revisão de literatura: memórias, territorialidades e identidades étnicas das comunidades quilombolas. **Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**, [s.l.], v. 2, p. 148-157, 2024.

DA SILVA PLÁCIDO, E.; SILVA, A. S. Saberes populares nas narrativas orais: marcas linguísticas e símbolo de resistência das comunidades quilombolas. **Revista de Letras-Juçara**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 73-86, 2022.

DA SILVA SOUZA, E.; WARTHA, E. J. Habitus, práticas sociais e culturais na formação de professores na concepção de bourdieu: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Valore**, [s.l.], v. 9, 2024.

DA SILVA, L. S. L. *et al.* Representação social de pessoas idosas quilombolas sobre o direito à saúde. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, [s.l.], v. 21, n. 12, p. 25369-25387, 2023.

DE ALMEIDA, M. **Devir quilomba**: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. [S.l.]: Elefante, 2022.

DE FREITAS MUSSI, R. F. *et al.* Atividades físicas praticadas no tempo livre em comunidade quilombola do alto sertão baiano. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 157-187, 2015.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação e sociedade**, [s.l.], v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005.

EVANGELISTA, T. A. R. *et al.* Uso da fotografia em pesquisas com crianças e adolescentes com condições crônicas: revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s.l.], v. 36, 2023. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023ar001994>

FAZOLO, D. B. *et al.* **As infrações aduaneiras à luz do direito aduaneiro internacional.** 2023. 281 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Direito) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2023.

FELDMANN, M. G.; LIBORIO, A. R. S. C. Culturas quilombolas invisibilizadas nos currículos de formação de professores: caminhos em Freire para a humanização. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 67, p. 262-276, out. 2021.

FERREIRA, P. F. *et al.* Subsistência e agricultura familiar na Comunidade Quilombola África, Abaetetuba, Pará-Brasil. **Ciências ambientais: política, sociedade e economia da Amazônia**, [s.l.], v. 1, p. 86-97, 2020.

FONSECA, W. C. *et al.* **Associação entre insegurança alimentar e consumo de alimentos ultraprocessados em crianças de comunidades quilombolas de Bequimão-MA.** 2024. 112f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

FREITAS, D. A. *et al.* Saúde e comunidades quilombolas: uma revisão da literatura. **Revista Cefac**, [s.l.], v. 13, n. 5, p. 937-943, 20 maio 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/fYdFrbrz5YHsqgyqTxj9QhR/?lang=pt>. Acesso em: 01 dez. 2024.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades quilombolas no Brasil: dados de certificação e distribuição geográfica.** Brasília: Fundação Cultural Palmares. 2024. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br>. Acesso em: 18 maio 2024.

FURTADO, M. L. S. **A identidade dos quilombolas da comunidade Rio Grande – Bequimão/MA: uma análise antropológica e histórica.** São Luís: UEMA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/bitstream/123456789/503/1/Tese%20Marivania%20Leonor%20Souza%20Furtado.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GATTI, Bernardete A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 483–502, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000006>.

GEHRKE, B. M. A metodologia Photovoice e a identificação de recursos turísticos endógenos no oeste do Rio Grande do Norte–Brasil. **Seminário Anual da Associação Nacional De Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, [s.l.], v. 12, 2015.

GOMES, F. S. **Mocambos e Quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, S. F.; DA GAMA CABRAL COUTINHO, M. A. Os reflexos da heteronormatividade no ensino de história. **Educação em Foco**, [s.l.], v. 26, n. esp., 2021. DOI: 10.34019/2447-5246.2021.v26.34683. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/34683>. Acesso em: 29 abr. 2025.

GONÇALVES, D. P. **Da escola no Quilombo à escola do Quilombo**: as propostas pedagógicas como possibilidade de diversificar o currículo das escolas quilombolas de Ensino Fundamental no município de Bequimão (MA). 2019. 308 folhas. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

GONSALVES, E.; SCHRAIBER, L. B. Intersetorialidade e Atenção Básica à Saúde: a atenção a mulheres em situação de violência. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 45, n. 131, p. 958-969, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104202113102>.

GRENFELL, M. **Bourdieu's metanoia: Seeing the social world anew**. [S.l.]: Routledge, 2022.

GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: primeiras estatísticas sobre a população quilombola brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102016#:~:text=As%20primeiras%20estat%C3%ADsticas%20oficiais%20sobre,rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20popula%C3%A7%C3%A3o%20total%20residente>. Acesso em: 18 abr. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: populações quilombolas e sua distribuição geográfica. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2024

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**: características da população quilombola no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 abr. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Bequimão – Quilombo Rio Grande**. 2022. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/bequimao-quilombo-rio-grande/>. Acesso em: 18 abr. 2025.).

JESUS, J. *et al.* A luta pela preservação das comunidades quilombolas em Bequimão: memória e sustentabilidade. **Revista de Estudos sobre Comunidades Tradicionais**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 112-128, 2022.

JESUS, P. P. *et al.* **Quilombos de Bequimão**: conexão de saberes e fazeres em território quilombola do Maranhão. Ponta Grossa, PR: Atena, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.244222505>.

JIMÉNEZ-BENÍTEZ, D.; RODRÍGUEZ-MARTÍN, A.; JIMÉNEZ-RODRÍGUEZ, R. Análisis de determinantes sociales de la desnutrición en Latinoamérica. Red de Malnutrición en Iberoamérica del Programa de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Red Mel-CYTED). Córdoba. **Nutrición Hospitalaria**, [s.l.], v. 25 n. 3, p. 18-25, 2010.

KINALSKI, D. D. F. *et al.* Focus group on qualitative research: experience report. **Revista brasileira de enfermagem**, [s.l.], v. 70, n. 2, p. 424-429, 2017.

KROEF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q.; RAMM, L. V. Field Diary and the Researcher's Relationship with the Theme-Field in Intervention Research. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020.

KRUEGER, R. A.; CASEY, M. A. **Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research**. 5. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2015.

LACERDA, E. P.; LIMA, S. F.; OLIVEIRA, B. L. C. A. Saúde da criança quilombola como desafio para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: revisão de escopo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 77, n. 2, p. 1-11, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2024-0106pt>.

LEAL, C. C. G. *et al.* Photovoice: method experiment research with adolescent mothers. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 22, n. 03, p. e20170322, 2018.

LEMO, A. L. *et al.* A formação de acadêmicos de Enfermagem no contexto Amazônico: as populações negras e quilombolas. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 10, n. 10, p. e150101018505-e150101018505, 2021.

LEITE, M. J. S. *et al.* Health and Environmental Impacts of Major Foods Consumed in Regional Food Systems of Brazil. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, [s.l.], v. 22, p. 745, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph22050745>

LEVY, R. B.; CLARO, R. M.; MONTEIRO, C. A. Impact of ultra-processed foods on the quality of diets and health in Brazil: Evidence from household budget surveys. **Public Health Nutr.**, [s.l.], v. 26, p. 85-92, 2023.

LIEBENBERG, L. Thinking Critically About Photovoice. **International Journal Of Qualitative Methods**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 1-9, 21 fev. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1609406918757631>.

LIMA, C. T. *et al.* Eating habits of children and adolescents and repercussions during the Covid-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 11, n. 9, p. e7011931549, 2022. DOI: [10.33448/rsd-v11i9.31549](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31549).

LIMA, L. P.; QUARESMA, F. R. P.; MACIEL, E. S. **Cadernos educativos em prática de atividade física e alimentação saudável em comunidades quilombolas**. Palmas/TO: UFT; Proex; PPGECS, 2023.

MACIEL, M. E. S.; CASTRO, H. C. A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico. **Demetra**, Rio de Janeiro, RJ. v. 8, supl 1, p. 321-328, 2013.

MARANHÃO (Estado). **Edital do Programa de Aquisição de Alimentos Quilombola 2024**. São Luís: Governo do Maranhão, 2024.

MARANHÃO. Governo do Estado. **Edital de Chamamento Público do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA Quilombola 2024**. São Luís: Secretaria de Agricultura Familiar, 2024.

MARQUES, A. S. *et al.* Atenção Primária e saúde materno-infantil: a percepção de cuidadores em uma comunidade rural quilombola. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 19, n. 02, p. 365-371, 2014.

MARTINS, M. *et al.* **Alimentação de crianças e jovens em comunidades quilombolas de Minas Gerais**: estudo de caso. [S.l.: s.n.], 2023. 86 p.

MELLEIRO, M. M.; GUALDA, D. M. R. The photovoice as a strategy for data collection in an ethnographic research. **Ciencia y Enfermería**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 51-57, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

MIQUITAIO, A. M. *et al.* Analysis of Scientific production aligned with the Food and Nutrition Security Strategy of Portuguese-Speaking African Institutions: a systematic scoping review. **Revista de Nutrição**, [s.l.], v. 36, n. 1, p. 1-11, 19 maio 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-9865202336e220107>.

MONTEIRO, J. M. **10 lições sobre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MOREIRA, A. F. S. **A Vida na comunidade de adultos apoiados nos CACI**: uma abordagem participatória através do método de photovoice. 2023. Dissertação (Mestrado) – Politécnico do Porto Escola Superior de Educação, Porto, 2023.

MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**, [s.l.], v. 62, n. 4, p. 23-26, 2010.

NAJJAR, J. N. V.; MOCARZEL, M. S. M. V.; DOS SANTOS, P. S. M. B. Os conceitos de campo e habitus em Pierre Bourdieu e sua (possível) aplicação à Política Educacional. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, [s.l.], v. 4, p. 1-23, 2019.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: NASCIMENTO, B.; RATTIS, A. (org.). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 152-167.

NAVAS, R. *et al.* Transição alimentar em comunidade quilombola no litoral sul de São Paulo/Brasil. **Rev. NERA**, Presidente Prudente, v. 27, n. 18, p. 138-155, jan. 2015.

NEVES, M.; FERREIRA, J.; WELCH, P. Saúde, território e populações quilombolas: uma análise sociopolítica. **Revista de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 123-135, 2021.

NINHOS DO BRASIL. **Brincadeiras africanas**. Disponível em: <https://www.ninhosdobrasil.com.br/brincadeiras-africanas>. Acesso em: 2 abr. 2024.

NUR, A. The Culture Reproduction In the Charles Dickens's™ Novel "Great Expectations" (Pierre-Felix Bourdieu Theory). **International Journal of Culture and Art Studies**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 10–20, 2021. DOI: 10.32734/ijcas.v5i1.4866.

OLIVEIRA, A. S. *et al.* Photovoice in research with children: A review of applications and outcomes. **Child Health Care**, [s.l.], v. 48, n. 3, p. 242-257, 2022.

OLIVEIRA, A. S. *et al.* Políticas públicas e segurança alimentar nas comunidades quilombolas: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Saúde e Nutrição**, [s.l.], v. 37, n. 1, p. 58-72, 2023.

PACHECO, P. M. Educação Alimentar e Nutricional em comunidades quilombolas com insegurança alimentar: resgate da cultura alimentar, promoção da alimentação saudável e da exigibilidade do Direito Humano à Alimentação [S.l.: s. n.], 2019. 140 f.

PADGETT, D. K. *et al.* A picture is worth ...? Photo elicitation interviewing with formerly homeless adults. **Qualitative Health Research**, [s.l.], v. 23, n. 11, p. 1435–44, 2013. DOI: <http://doi.org/10.1177/1049732313507752>.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Estrategia y plan de acción sobre la promoción de la salud en el contexto de los Objetivos de Desarrollo Sostenible 2019-2030**. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55950>. Acesso em: 20 jan. 2025.

PATRÍCIO, C. O. C. *et al.* Teorias da aprendizagem e educação inclusiva: aproximações da teoria de paulo freire e pierre bourdieu. **Aracê**, [s.l.], v. 6, n. 3, p. 9235-9250, 21 nov. 2024. Seven Events. DOI: <http://dx.doi.org/10.56238/arev6n3-291>. Disponível em: <http://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/1562>. Acesso em: 20 jan. 2025.

PERDOMO-RUBIO, A.; MARTÍNEZ-SILVA, P. Agentes y campos sociales en la seguridad del paciente de tres hospitales de Bogotá. **Revista Gerencia y Políticas de Salud**, [s.l.], v. 9, n. 19, p. 150-178, 2010.

PEREIRA, A. S.; MAGALHÃES, L. A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 27, p. e210788, 2022.

PETARLY, R. R. O cotidiano familiar e a construção do habitus no meio rural tocantinense. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, [s.l.], v. 12, n. 1, 2023.

PINTO, A. R. *et al.* (org.). **Quilombos do Brasil: segurança alimentar e nutricional em territórios titulados** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2014. (Cadernos de Estudos de Desenvolvimento Social em Debate, n. 20).

PINTO, C. S. *et al.* Perfil das condições de saúde das idosas quilombolas no município de Bequimão, Maranhão: dados do iquíbeq. **Medicina (Ribeirão Preto)**, [s.l.], v. 55, n. 4, p. 1-9, 27 dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2022.198071>.

PUTNAN, R. **Bowling Alone: the Collapse and Revival of American Society**. United States: [s.n.], 2000.

RAMAN, S. *et al.* Empowering immigrant communities through Photovoice: Insights into health and well-being. **Health Education Research**, [s.l.], v. 39, n. 4, p. 295-308, 2024.

RIBEIRO, A. M. *et al.* **Temas Em Educação: olhares interdisciplinares, reflexões e saberes**. Curitiba: BAGAI, 2023. v. 3.

RODRIGUES, M. P.; PFAFFENBACH, G.; ZANATTA, A. B. Iniquidades raciais em saúde no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista da ABPN**, [s.l.], v. 13, n. 37, p. 485–510, 2021. DOI: 10.31418/2177-2770.2021.v13.n37.p485-510

SÁ, L. P. **Fatores associados à insegurança alimentar em famílias quilombolas com crianças de 5 a 9 anos no município de Bequimão-MA**. 2024. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2024.

SALLES-COSTA, R. *et al.* **Sistemas alimentares, fome e insegurança alimentar e nutricional no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2022.

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCH, L. S. Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change. **Acta Botanica Brasilica**, [s.l.], v. 36, p. e2020abb0500, 2022.

SANTOS JUNIOR, G. R. *et al.* Padrão de desempenho nas atividades de vida diária de idosos quilombolas. **Enfermagem em Foco**, [s.l.], v. 13, e-202253, 2022. Disponível em: <https://enfermfoco.org/en/article/performance-standard-in-daily-life-activities-of-elderly-quilombolas/>.

SANTOS, A. N. S.; DO NASCIMENTO, E. R. Proposições de cuidado cultural à enfermagem frente a aspectos da saúde reprodutiva de mulheres quilombolas. **Revista Baiana de Enfermagem**, [s.l.], v. 33, 2019.

SANTOS, E. *et al.* Vozes ancestrais quilombolas: transmissão de narrativas e saberes tradicionais para as crianças e jovens no grupo raízes do samba de tocos de Antonio Cardoso-Ba. In: SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 26., 2022. **Anais [...]**. 2022. DOI: <https://doi.org/10.13102/semic.vi26.9745>.

SANTOS, R. Comunidades quilombolas e políticas públicas: invisibilidade ou inclusão?

Revista Equador, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 1–15, 2021.

SANTOS, R. D. *et al.* A operacionalização do Programa Bolsa Família e a construção de capacidades entre mulheres agricultoras quilombolas no Baixo Tocantins, Pará. **Revista LEMATE**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 91-108, 2019. Disponível em: https://lemate.paginas.ufsc.br/files/2019/04/9255-33311-1-PB.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 nov. 2024.

SCHALL, B. *et al.* Gênero e Insegurança alimentar na pandemia de COVID-19 no Brasil: a fome na voz das mulheres. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 27, n. 11, p. 4145-4154, 2022.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista brasileira de Educação**, [s.l.], p. 60-70, 2002.

SILVA, A. L.; BEGOSSI, A. Biodiversity, food consumption and ecological niche dimension: a Study Case of the Riverine Populations from the Rio Negro, Amazonia, Brazil. **Environment Development and Sustainability**, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 1-24. 2007.

SILVA, B. M. A. *et al.* Situação de insegurança alimentar e nutricional em famílias quilombolas maranhenses. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, [s.l.], v. 15, p. e43636-e43636, 2020.

SILVA, C. P. **Comunidades Quilombolas**: práticas pedagógicas de cultura popular na perspectiva da Educação Popular no litoral sul da Paraíba. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, E. K. P. *et al.* Insegurança alimentar em comunidades rurais no Nordeste brasileiro: faz diferença ser quilombola? **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 33, p. e00005716, 2017.

SILVA, H. P.; CORRÊA, N. A. F.; AFONSO, L. F. C. Condições de vida, qualidade da alimentação e fatores associados em mulheres e crianças de comunidades quilombolas em Goiás, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 30, n. 2, p. e07502023, 2025.

SILVA, M. R. *et al.* Desafios nutricionais em comunidades quilombolas: impacto das mudanças alimentares na saúde infantil. **Revista de Nutrição e Saúde Pública**, [s.l.], v. 30, n. 4, p. 489-502, 2021.

SILVA, T. C. *et al.* Risco nutricional e cardiovascular em idosos quilombolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 27, p. 219-230, 2022.

SILVEIRA, V. N. C. *et al.* Desnutrição e fatores associados em crianças quilombolas menores de 60 meses em dois municípios do estado do Maranhão, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 25, n. 7, p. 2583-2594, jul. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020257.21482018>.

SILVEIRA, V. N. C.; PADILHA, L. L.; FROTA, M. T. B. A. Desnutrição e fatores associados em crianças quilombolas menores de 60 meses em dois municípios do estado do Maranhão, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 25, p. 2583-2594, 2020.

SORIANO-AYALA, E.; CALA, L.; RUIZ-SALVADOR, M. E. Avaliação da qualidade de vida das crianças em áreas rurais: o uso de ferramentas qualitativas. **Pesquisa em Saúde Pública**, [s.l.], v. 29, n. 2, p. 176-186, 2023.

SOUSA, B. C. *et al.* Hábitos alimentares de adolescentes quilombolas e não quilombolas da zona rural do semiárido baiano, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 24, p. 419-430, 2019.

SOUSA, L. M. *et al.* Alimentação escolar nas comunidades quilombolas: desafios e potencialidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 18, p. 987-992, 2013.

SOUSA, R. F. *et al.* Condições de saúde e relação com os serviços de saúde na perspectiva de pessoas de quilombo. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 27, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2022-0164pt>.

SOUZA, A. S.; SOARES, L. F. **Análise das práticas alimentares das comunidades quilombolas do estado do Piauí**. 11º Congresso Nacional da SBAN. Fortaleza/CE, 2011.

SOUZA, D. M. O olhar por diferentes lentes: o Photovoice enquanto método científico participativo. **Discursos Fotográficos**, [s.l.], v. 13, n. 3, p. 261-90, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n23p261>.

SOUZA, J. *et al.* A infância quilombola no Brasil: desafios e políticas públicas para o desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Políticas Sociais**, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 85-102, 2023

STURGES, M. Snap: young children share the importance of relationships through child-led photography. **Early Child Development And Care**, [s.l.], v. 193, n. 9-10, p. 1159-1172, 27 jul. 2023. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2023.2235908>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03004430.2023.2235908>. Acesso em: 12 abr. 2024.

TAYLOR, P. System Entrapment: Dehumanization While Help-Seeking for Suicidality in Women Who Have Experienced Intimate Partner Violence. **Qualitative Health Research**, [s.l.], v. 30, n. 69, p. 104973231985767, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1049732319857671>.

TETI, M. *et al.* Taking pictures to take control: Photovoice as a tool to facilitate empowerment among poor and racial/ethnic minority women with HIV. **Journal of the Association of Nurses in AIDS Care**, [s.l.], v. 24, n. 6, p. 539–553, 2013.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 27-53, fev. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-76122006000100003>.

TOUSO, M. F. S. *et al.* Photovoice como modo de escuta: subsídios para a promoção da equidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 22, n. 12, p. 3883-3892, 2017.

VALLE, I. R. A reprodução de Bourdieu e Passeron muda a visão do mundo educacional. **Educação e pesquisa**, [s.l.], v. 48, p. e244296, 2022.

VELASCO, A. A infância quilombola no Brasil: análise demográfica e desafios sociais. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, [s.l.], v. 39, n. 2, p. 101-120, 2023.

VIECELI, J.; RIBEIRO, M. Comunidades quilombolas: história, geografia e desafios no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos Culturais e Sociais**, [s.l.], v. 12, n. 3, p. 45-62, 2023.

WANG, C. C.; REDWOOD-JONES, Y. A. Photovoice Ethics: perspectives from flint photovoice. **Health Education & Behavior**, [s.l.], v. 28, n. 5, p. 560-572, out. 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/109019810102800504>.

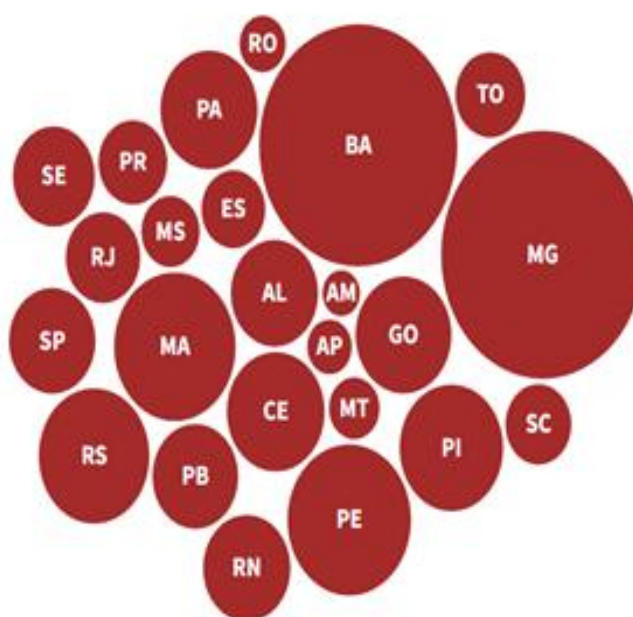
WANG, C.; BURRIS, M. A. Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. **Health education & behavior**, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 369-387, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1177/109019819702400309>.

WRIGHT-PEDERSEN, S.; VIDGEN, H.; GALLEGOS, D. Children's descriptions of their involvement within everyday food practices. **Appetite**, [s.l.], v. 1, n. 200, p. 107517, 2024. DOI: 10.1016/j.appet.2024.107517.

ANEXOS

**ANEXO A - CENSO DEMOGRÁFICO DE 2022 DA POPULAÇÃO RESIDENTE
QUILOMBOLA POR LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO NO BRASIL**

Municípios com pessoas quilombolas
2022



Fonte: IBGE (2023).

ANEXO B - PERCENTUAL DE POPULAÇÃO QUILOMBOLA EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO EM GERAL POR ESTADO BRASILEIRO

Tabela 8178 - Índice de envelhecimento, idade mediana e razão de sexo da população quilombola por localização do domicílio	
Variável - Pessoas quilombolas de 0 a 14 anos de idade (Pessoas)	
Ano - 2022	
Localização do domicílio - Total	
Brasil e Unidade da Federação	
Brasil	315.152
Rondônia	713
Acre	-
Amazonas	987
Roraima	-
Pará	36.842
Amapá	3.774
Tocantins	3.255
Maranhão	69.651
Piauí	7.509
Ceará	5.689
Rio Grande do Norte	5.093
Paraíba	4.294
Pernambuco	19.241
Alagoas	9.583
Sergipe	7.052
Bahia	87.766
Minas Gerais	26.979
Espírito Santo	3.445
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Fonte: IBGE (2022).

Tabela 8178 - Índice de envelhecimento, idade mediana e razão de sexo da população quilombola por localização do domicílio	
Variável - Pessoas quilombolas de 0 a 14 anos de idade (Pessoas)	
Ano - 2022	
Localização do domicílio - Total	
Brasil e Unidade da Federação	
Rio de Janeiro	4.516
São Paulo	2.386
Paraná	1.725
Santa Catarina	1.001
Rio Grande do Sul	3.524
Mato Grosso do Sul	549
Mato Grosso	2.584
Goiás	6.928
Distrito Federal	66
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	
Notas	
1 - Dados do Universo.	
2 - Idade mediana É a medida separatriz que utiliza o critério de idade para dividir a população em duas partes iguais, ou seja, é a idade que separa a metade mais jovem da metade mais velha da população.	
3 - Índice de envelhecimento O índice de envelhecimento (IE) representa o número de pessoas com 60 anos ou mais de idade em relação a um grupo de 100 pessoas de até 14 anos de idade. É determinado pela seguinte fórmula: $IE = (P_{60+} / P_{0-14}) \times 100$ Sendo P_{60+} representando a população de 60 anos ou mais de idade e P_{0-14} a população de 0 a 14 anos.	

Fonte: IBGE (2022).

ANEXO C - MAPA DO BRASIL COM INDICAÇÃO DAS POPULAÇÃO QUILOMBOLAS

Povos e comunidades tradicionais

Pessoas quilombolas - 2022



Como é a distribuição da população quilombola dentro e fora dos Territórios Quilombolas?
Confira!



Você sabe qual o Estado com mais Municípios com população quilombola?
Verifique aqui:



Fonte: IBGE (2022).

ANEXO D - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Avaliação da saúde e rastreamento da segurança alimentar e nutricional em crianças menores de 10 anos de idade da rede pública de ensino das comunidades remanescentes quilombolas pertencentes a uma cidade da baixada maranhense-MA

Pesquisador: BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 21625819.0.0000.5087

Instituição Proponente: Universidade Federal do Maranhão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.711.271

Apresentação do Projeto:

Introdução: As comunidades quilombolas são territórios que expõem desigualdades em saúde diretamente associadas às questões étnico-raciais. Sua população vive sob condições de precário acesso a serviços sociais e de saúde e de atendimento às suas necessidades. Desse modo, encontram-se sob alta vulnerabilidade socioeconômica que, refletem-se na baixa qualidade de saúde e vida de seus moradores, atingindo principalmente a população infantil. Objetivo: Desenvolver ações de avaliação da saúde e, rastreamento da segurança alimentar e nutricional em crianças <10 anos da rede pública de ensino de uma comunidade quilombola da Baixada Maranhense. Métodos: Trata-se de estudo que busca implantar ações para avaliação da situação de saúde de crianças da rede pública de ensino da cidade de Bequimão, município da região da baixada maranhense - MA. A população de interesse serão crianças (<10 anos de idade) matriculadas em escolas públicas. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, há cerca de 532 alunos (<10 anos) que estudam em 11 escolas localizadas em comunidades quilombolas. A coleta de dados e de amostras de material biológico (sangue) serão realizadas entre as crianças que estiverem nas escolas no momento das ações do projeto. A análise estatística incluirá cálculo de prevalências e elaboração de tabelas e gráficos de distribuição. A investigação considerará os princípios éticos básicos para pesquisas envolvendo seres humanos. Resultados Esperados:

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 3.711.271

Conhecer as condições de saúde das crianças em fase escolar e a influência dos determinantes socioeconômicos e culturais nos padrões de saúde encontrados; verificar a situação de preenchimento dos dados presentes da Caderneta da Saúde da Criança e relacionar esses dados às condições de saúde das crianças; identificar o estado de saúde nutricional das crianças, relacionado a aspectos sociais e de saúde delas que vivem em condições de pobreza; e colaborar com a formação dos estudantes da área da saúde da UFMA de forma contextualizada e a estimular a interação precoce com o campo da pesquisa e de ações comunitária em saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Avaliação de saúde, estado nutricional e qualidade de sono em crianças da rede pública de ensino das comunidades remanescentes quilombolas de uma cidade da baixada maranhense – MA

Objetivo Secundário:

- Caracterizar os aspectos socioeconômicos, sanitários e demográficos das crianças.
- Realizar avaliação antropométrica pelo cálculo do peso x idade, comprimento/altura x idade, altura x peso e IMC segundo o sexo e idade;
- Identificar a prevalência de alterações antropométricas segundo as curvas de avaliação de crescimento estabelecidas por sexo e idade;
- Avaliar o estado nutricional e consumo alimentar, além de verificar a situação de segurança alimentar das crianças;
- Verificar a avaliação o registro de vacinação das crianças da comunidade, de acordo com o Calendário Básico de Vacinação da Criança;
- Avaliar a saúde bucal, desenvolvimento dos dentes, e realização de orientações de saúde e higiene da cavidade oral para as crianças envolvidas no projeto;
- Identificar os níveis de hemoglobina sérica, glicemia plasmática e de pressão arterial sistêmica das crianças avaliadas;
- Avaliar a Saúde Ocular e Auditiva das crianças, através da realização do Teste de Acuidade Visual e Exame Audiológico;
- Verificar as características genéticas das crianças a partir da coleta de material de swab bucal.
- Verificar a situação de preenchimento dos dados presentes da Caderneta da Saúde da Criança e o nível de conhecimento e compreensão do conteúdo pelos pais/responsáveis;
- Desenvolver ações educativas para as crianças, seus pais/responsáveis e seus educadores, para a prevenção de doenças frequentes nessa faixa etária, para a prevenção de alteração nutricional, déficit de crescimento e anemia ferropriva e conscientização sobre o correto preenchimento da

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho
Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética
UF: MA **Município:** SAO LUIS **CEP:** 65.080-040

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 3.711.271

Caderneta de Saúde da Criança;

I) Avaliar a qualidade do sono e estimar a prevalência das perturbações do sono.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Em virtude das atividades invasivas de coleta de amostras de material biológico, as crianças podem vir a sentir dor ou ficarem com medo durante a execução dos procedimentos. Para minimizar essa situação, a equipe contará com integrantes devidamente capacitados para a realização das ações e terão a seu dispor ferramentas adequadas para minimizar a ocorrência desses danos, além de providenciar apoio psicológico às crianças, se necessário.

Benefícios:

As atividades desenvolvidas irão oferecer benefícios diretos à comunidade. O primeiro benefício se dá a nível individual através do acesso à informação sobre saúde pelas crianças e seus pais/responsáveis, tornando-os mais capacitados e ativos no processo de saúde, levando à melhoria da qualidade de vida dessa população infantil. O segundo benefício se dá a nível municipal e estadual, que conta com a contribuição à instituições superiores, como a Secretaria Municipal de Saúde e Secretaria de Educação em Saúde do Estado, que poderão aproveitar esses dados para conhecer melhor as condições de saúde de sua população e empregar políticas públicas de saúde direcionadas às necessidades dessas crianças, visando melhorar o perfil de saúde de seus indivíduos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa esta bem elaborada e com todos os elementos necessários ao seu pleno desenvolvimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatórios foram entregues e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

Recomendações:

Não existem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram acatadas e corrigidas pelo pesquisador e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 3.711.271

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1343084.pdf	16/11/2019 08:51:51		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_atual.docx	16/11/2019 08:48:22	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_autorizacao_saude.pdf	16/11/2019 08:48:12	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_autorizacao_educacao.pdf	16/11/2019 08:47:57	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento.doc	16/11/2019 08:45:36	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento.pdf	16/11/2019 08:45:24	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_atual.pdf	16/11/2019 08:45:04	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	02/09/2019 18:54:28	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacaoufma.pdf	30/04/2019 17:01:14	BRUNO LUCIANO CARNEIRO ALVES DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

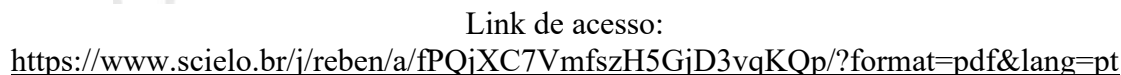
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 18 de Novembro de 2019

Assinado por:
FRANCISCO NAVARRO
(Coordenador(a))



APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO FAMILIAR REFERENTE A PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA

O seu filho(a) ou criança pela qual você é responsável legal está sendo convidado para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de permitir sua participação no estudo, assine ao final deste documento, que será solicitada a sua concordância por meio do termo de assentimento que estamos lhe oferecendo para ler. Ao assinar, você autorizará a participação de seu filho ou criança pela qual você é responsável legal no estudo e a futura publicação dos resultados em revistas científicas e em congressos nacionais e internacionais, desde que preservando o sigilo de sua identidade. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

O presente estudo busca a compreensão, através das imagens e narrativas, da percepção das crianças quilombolas sobre seus hábitos alimentares e as influências destes para suas condições nutricionais, de vida e saúde, esperando com o resultado contribuir com um melhor entendimento da alimentação das crianças quilombolas e consequentemente, ações mais condizentes com o panorama sócio-cultural apresentado por elas. As técnicas adotadas para a coleta de dados serão o método *Photovoice* (fotografias) e grupos de conversa com as crianças. Os depoimentos, caso haja sua autorização, serão gravados, transcritos e ficarão em poder dos pesquisadores. Em relação ao método *Photovoice* será necessária a utilização de câmera fotográfica pelo seu filho(a) ou criança a qual é responsável, essas câmeras fotográficas fazem parte do patrimônio da Universidade Federal do Maranhão. Desse modo, faz-se importante reforçar a necessidade de zelo e manutenção de sua integridade, durante todo o período de permanência.

Sempre que o senhor(a) e seu filho(a) ou criança pela qual é responsável legal desejarem, serão fornecidos esclarecimentos sobre o estudo e diante dos esclarecimentos, é garantida ao senhor(a) liberdade de recusa da participação do seu filho(a) ou criança pela qual você é responsável legal no estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que para isto sofra qualquer penalidade ou prejuízo. Será garantido sigilo quanto à identificação dos participantes e das informações obtidas, exceto aos responsáveis pelo estudo e os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Espera-se com

esse estudo que não sejam gerados quaisquer prejuízos ao seu filho(a) ou criança pela qual é responsável legal, entretanto, os pesquisadores admitem que o estudo oferece risco de desconforto e comprometem-se formalmente em tentar minimizar estes riscos e assumir as responsabilidades mediante dano cuja causa comprovada esteja associada ou seja decorrente deste estudo. Seguem abaixo para sua informação, as vias de acesso aos pesquisadores para ocorrência de emergências relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa e ainda as formas de acesso ao CEP para situações não resolvidas pelos pesquisadores.

São Luís, Maranhão / /

Emanuella Pereira de Lacerda

Assinatura do Sujeito da

Assinatura do Pesquisador (a) Responsável

pesquisado /entrevistado

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM

Através deste formulário estamos solicitando que autorize o uso da imagem do (a) seu filho (a) _____, intitulado “Percepções de crianças de comunidades quilombolas sobre sua alimentação e nutrição”, como parte da dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bem como a cessão de todo e qualquer direito autoral patrimonial resultante de eventuais produtos decorrentes da captação, fixação e utilização da imagem e voz, utilizados para fins de divulgação e publicidade dos resultados deste trabalho científico, por meio de todos e quaisquer meios de comunicação ao público. Solicitamos ainda que antes de declarar a autorização, você converse com seu filho(a), explicando e perguntando a ele(a), se aceita que a equipe de pesquisa utilize sua imagem nos termos já declarados, e que somente autorize, caso a resposta da criança seja de aceitar.

Uma vez que a criança concorde e caso você decida declarar a autorização de uso das imagens, pedimos que preencha e assine os campos abaixo com seus dados.

Bequimão- Ma, _____ de 2024.

NOME COMPLETO: _____

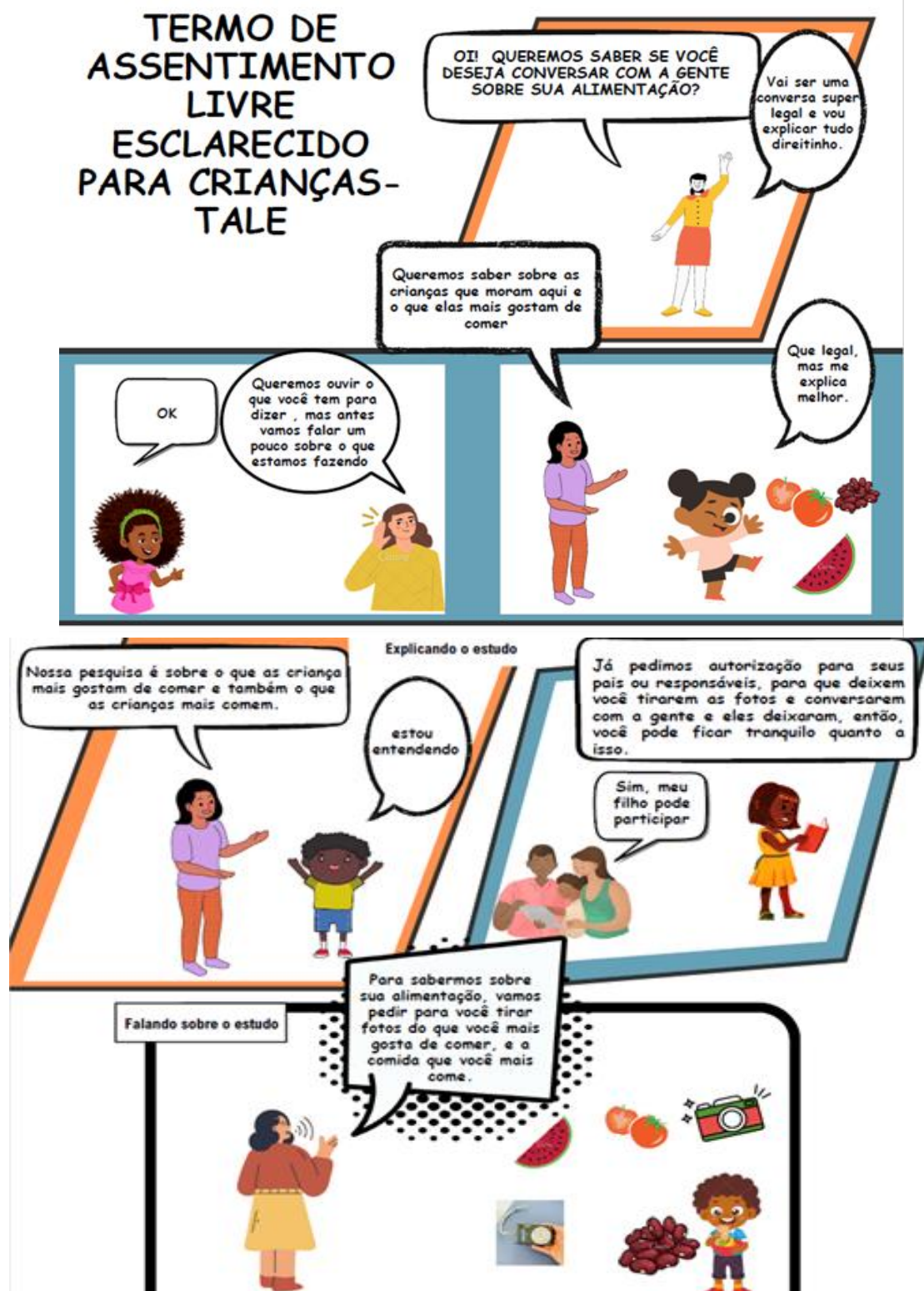
ASSINATURA:

Obs: A presente autorização é firmada, sem qualquer restrição de uso e prazo, a qualquer tempo e título, sendo possível sua retirada apenas se anteceder a divulgação dos produtos. Caso deseje retirar, entre em contato pelo número de telefone disponibilizado abaixo.

Contato da pesquisadora para mais esclarecimentos: (99) 981448075 Emanuella Lacerda

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA CRIANÇAS- TALE





APÊNDICE D - USANDO MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS



01 ✨

Vou tirar foto do que?

02 ✨

Como vou usar a câmera?

03

Vou ficar quantos dias com a câmera?

04

Vou entregar a câmera para quem?

TEMAS



VOU TIRAR FOTO DO QUE?



- TIRAR FOTOGRAFIAS DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE COMER OU SUAS COMIDAS FAVORITAS
- TIRAR FOTOGRAFIAS DAS COMIDAS QUE VOCÊ MAIS COME NO SEU DIA A DIA



VOU FICAR QUANTOS DIAS COM A CÂMERA?



1. VOCÊ FICARÁ COM A CÂMERA POR UMA SEMANA, PARA TIRAR TODAS AS FOTOS;
2. DEPOIS VOCÊ VAI TRAZER A CÂMERA, PARA A ESCOLA E VAI DEVOLVER PARA A GENTE.



VOU ENTREGAR A CÂMERA PRA QUEM?

Você vai entregar para a professora ou para as tias que estão fazendo a pesquisa.



COMO USAR AS CÂMERAS?



Essa é sua câmera



Aperte no botão para Ligar



Aperte no botão grande para tirar a foto



A foto vai aparecer nessa tela



COMO USAR AS CÂMERAS?



Aperte no botão
para Desligar



Quando a câmera
descarregar dê
para um adulto



COMO USAR AS CÂMERAS?



1 Coloque a imagem no centro da tela da câmera;



2 Aperte o botão direito de tirar a foto;

3 Confira a imagem que aparece na tela, se não gostar dela, tire outra foto.



O QUE VAMOS FAZER COM AS FOTOS?



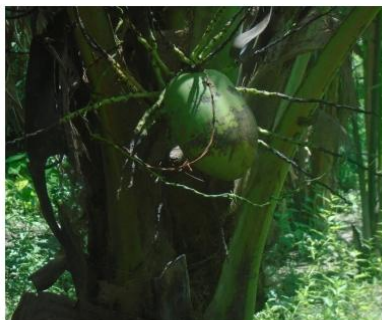
Vamos pegar as fotos que vocês tiraram, e arrumar de um jeito que vocês possam olhar todas, e nesse momento, vamos sentar em forma de roda para conversar sobre essas fotos.



APÊNDICE E - FOTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARIQUIPÁ

Fotos ariquipá

Banyoka 1



Banyoka 2



Banyoka 3



Banyoka 4



Banyoka 5



Banyoka 6



Banyoka 7



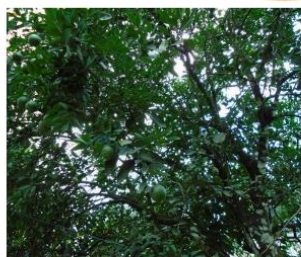
Banyoka 8



Banyoka 9



outras fotos



outras fotos



APÊNDICE F - FOTOGRAFIAS DA COMUNIDADE RAMAL DO QUINDÍUA

Fotos Ramal do quindíua

Terra- mar 1



Terra-mar 2**Terra-mar 3**

Terra-mar 4**Terra- mar5**

Terra-mar 6



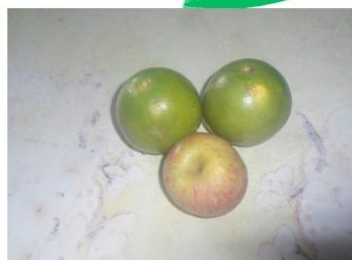
Terra-mar 7



Terra-mar 8



outras fotos



outras fotos



**APÊNDICE G – FOTOGRAFIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
ARIQUIPÁ**



APÊNDICE H - CÂMERA FOTOGRÁFICA DIGITAL UTILIZADA NA PESQUISA

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

***Para os responsáveis responderem sobre a criança que participou da pesquisa**

Sexo:

Masculino ____ Feminino ____

Idade: _____ anos

Cor/raça (observada):

Série/ano escolar: _____

Quantos cômodos na casa: _____

Quantas pessoas moram na casa: _____

Registrar quem são por grau de parentesco:

Quantos irmãos e que idade:

Se a casa fica próximo a algum rio, igarapé ou barragem ou próximo do mar, registrar qual (nome) e que distância:

Vocês costumam pescar?

() sim () não

Se na casa tem plantação no quintal, registrar de que:

Se na casa criam animais no quintal para comer, registrar qual:

Se perto da casa/ na comunidade tem horta comunitária, registrar o que plantam:

Alimento não produzido é comprado onde:

Quantas vezes come na escola:

Quem prepara o alimento (faz a comida) em sua casa:

**APÊNDICE J - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO PARA AS
COMUNIDADES**

Comunidade Quilombola: _____

**Se a comunidade fica próximo a algum rio, igarapé ou barragem ou próximo do mar,
registrar qual e que distância:**

Se na comunidade costumam pescar

() sim () não

Se na comunidade tem horta comunitária, registrar o que plantam:

Alimento não produzido é comprado onde:

**APÊNDICE L- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO
FOCAL**

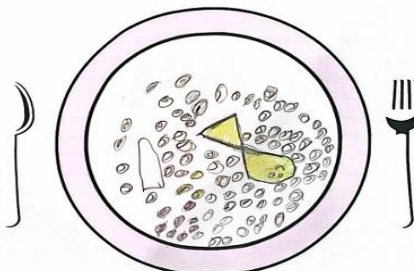
1. Das fotos que você tirou, o que você mais come?
2. O que você mais gosta de comer?
3. O que você acha que é melhor para comer e por quê?

APÊNDICE M- ATIVIDADE LÚDICA DE DESENHO

Minha refeição favorita

data: 20/09/2023

Desenhe seu prato de comida favorito e escreva

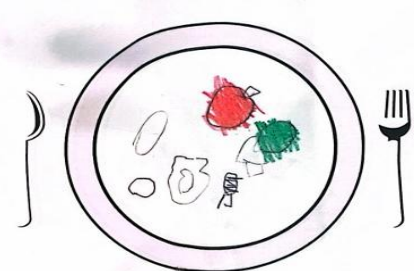


eu amo

Minha refeição favorita

data:

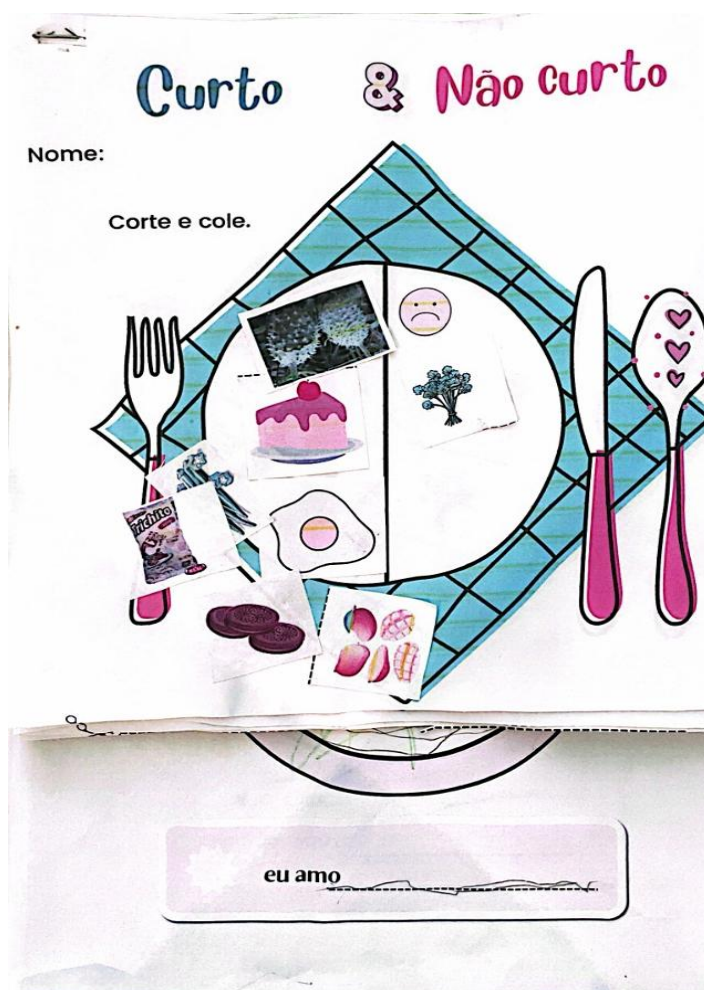
Desenhe seu prato de comida favorito e escreva



eu amo

Minha refeição favorita

APÊNDICE N- ATIVIDADE LÚDICA DE COLAGEM



APÊNDICE P- PLANILHA *Microsoft Excel* das etapas do método *Photovoice*

1. DEFINIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO DO MÉTODO	2. TEMA/INÍCIO	3. CAPTURA DE IMAGENS E MANUSEIO DO EQUIPAMENTO	4. DISCUSSÃO EM GRUPO	5. SELEÇÃO DE IMAGENS	6
1) Identificação das crianças de acordo com a faixa etária definida no estudo					
2) Recrutamento das crianças participantes (Serão selecionadas crianças de duas escolas de duas comunidades (bairros) do município de Bequimão-MG, com idades entre 8 a 12 anos). De 10 escolas localizadas nas comunidades Raimal do Quilombo que atende os comunidades Raimal e Santa Rita)	Os participantes recebem treinamento em fotografia e um como usar a câmera para capturar imagens que expressem o tema escolhido.	3.1 CAPTURA DE IMAGENS E MANUSEIO DO EQUIPAMENTO Os participantes capturam imagens que expressem o tema escolhido. O tempo de permanência das crianças com as câmeras será de 1 semana e quem for responsável pela escolha serão as professoras da Unidade Escolar a qual a criança estuda, e o LE do estudo serão as professoras Raimal do Quilombo e do povoado Santa Rita e a outra LE que atende o povoado Anicupol, enquanto permanecerem com as crianças em suas casas, as câmeras fotográficas são a sua única fonte guardada por um dos responsáveis (mãe, pai, tia, avô). Já devidamente informados da importância do cuidado com as câmeras no TCE. 3.2 e 3.3 e 3.4 e 3.5 e 3.6 e 3.7 e 3.8 e 3.9 e 3.10 e 3.11 e 3.12 e 3.13 e 3.14 e 3.15 e 3.16 e 3.17 e 3.18 e 3.19 e 3.20 e 3.21 e 3.22 e 3.23 e 3.24 e 3.25 e 3.26 e 3.27 e 3.28 e 3.29 e 3.30 e 3.31 e 3.32 e 3.33 e 3.34 e 3.35 e 3.36 e 3.37 e 3.38 e 3.39 e 3.40 e 3.41 e 3.42 e 3.43 e 3.44 e 3.45 e 3.46 e 3.47 e 3.48 e 3.49 e 3.50 e 3.51 e 3.52 e 3.53 e 3.54 e 3.55 e 3.56 e 3.57 e 3.58 e 3.59 e 3.60 e 3.61 e 3.62 e 3.63 e 3.64 e 3.65 e 3.66 e 3.67 e 3.68 e 3.69 e 3.70 e 3.71 e 3.72 e 3.73 e 3.74 e 3.75 e 3.76 e 3.77 e 3.78 e 3.79 e 3.80 e 3.81 e 3.82 e 3.83 e 3.84 e 3.85 e 3.86 e 3.87 e 3.88 e 3.89 e 3.90 e 3.91 e 3.92 e 3.93 e 3.94 e 3.95 e 3.96 e 3.97 e 3.98 e 3.99 e 3.100 e 3.101 e 3.102 e 3.103 e 3.104 e 3.105 e 3.106 e 3.107 e 3.108 e 3.109 e 3.110 e 3.111 e 3.112 e 3.113 e 3.114 e 3.115 e 3.116 e 3.117 e 3.118 e 3.119 e 3.120 e 3.121 e 3.122 e 3.123 e 3.124 e 3.125 e 3.126 e 3.127 e 3.128 e 3.129 e 3.130 e 3.131 e 3.132 e 3.133 e 3.134 e 3.135 e 3.136 e 3.137 e 3.138 e 3.139 e 3.140 e 3.141 e 3.142 e 3.143 e 3.144 e 3.145 e 3.146 e 3.147 e 3.148 e 3.149 e 3.150 e 3.151 e 3.152 e 3.153 e 3.154 e 3.155 e 3.156 e 3.157 e 3.158 e 3.159 e 3.160 e 3.161 e 3.162 e 3.163 e 3.164 e 3.165 e 3.166 e 3.167 e 3.168 e 3.169 e 3.170 e 3.171 e 3.172 e 3.173 e 3.174 e 3.175 e 3.176 e 3.177 e 3.178 e 3.179 e 3.180 e 3.181 e 3.182 e 3.183 e 3.184 e 3.185 e 3.186 e 3.187 e 3.188 e 3.189 e 3.190 e 3.191 e 3.192 e 3.193 e 3.194 e 3.195 e 3.196 e 3.197 e 3.198 e 3.199 e 3.200 e 3.201 e 3.202 e 3.203 e 3.204 e 3.205 e 3.206 e 3.207 e 3.208 e 3.209 e 3.210 e 3.211 e 3.212 e 3.213 e 3.214 e 3.215 e 3.216 e 3.217 e 3.218 e 3.219 e 3.220 e 3.221 e 3.222 e 3.223 e 3.224 e 3.225 e 3.226 e 3.227 e 3.228 e 3.229 e 3.230 e 3.231 e 3.232 e 3.233 e 3.234 e 3.235 e 3.236 e 3.237 e 3.238 e 3.239 e 3.240 e 3.241 e 3.242 e 3.243 e 3.244 e 3.245 e 3.246 e 3.247 e 3.248 e 3.249 e 3.250 e 3.251 e 3.252 e 3.253 e 3.254 e 3.255 e 3.256 e 3.257 e 3.258 e 3.259 e 3.260 e 3.261 e 3.262 e 3.263 e 3.264 e 3.265 e 3.266 e 3.267 e 3.268 e 3.269 e 3.270 e 3.271 e 3.272 e 3.273 e 3.274 e 3.275 e 3.276 e 3.277 e 3.278 e 3.279 e 3.280 e 3.281 e 3.282 e 3.283 e 3.284 e 3.285 e 3.286 e 3.287 e 3.288 e 3.289 e 3.290 e 3.291 e 3.292 e 3.293 e 3.294 e 3.295 e 3.296 e 3.297 e 3.298 e 3.299 e 3.300 e 3.301 e 3.302 e 3.303 e 3.304 e 3.305 e 3.306 e 3.307 e 3.308 e 3.309 e 3.310 e 3.311 e 3.312 e 3.313 e 3.314 e 3.315 e 3.316 e 3.317 e 3.318 e 3.319 e 3.320 e 3.321 e 3.322 e 3.323 e 3.324 e 3.325 e 3.326 e 3.327 e 3.328 e 3.329 e 3.330 e 3.331 e 3.332 e 3.333 e 3.334 e 3.335 e 3.336 e 3.337 e 3.338 e 3.339 e 3.340 e 3.341 e 3.342 e 3.343 e 3.344 e 3.345 e 3.346 e 3.347 e 3.348 e 3.349 e 3.350 e 3.351 e 3.352 e 3.353 e 3.354 e 3.355 e 3.356 e 3.357 e 3.358 e 3.359 e 3.360 e 3.361 e 3.362 e 3.363 e 3.364 e 3.365 e 3.366 e 3.367 e 3.368 e 3.369 e 3.370 e 3.371 e 3.372 e 3.373 e 3.374 e 3.375 e 3.376 e 3.377 e 3.378 e 3.379 e 3.380 e 3.381 e 3.382 e 3.383 e 3.384 e 3.385 e 3.386 e 3.387 e 3.388 e 3.389 e 3.390 e 3.391 e 3.392 e 3.393 e 3.394 e 3.395 e 3.396 e 3.397 e 3.398 e 3.399 e 3.400 e 3.401 e 3.402 e 3.403 e 3.404 e 3.405 e 3.406 e 3.407 e 3.408 e 3.409 e 3.410 e 3.411 e 3.412 e 3.413 e 3.414 e 3.415 e 3.416 e 3.417 e 3.418 e 3.419 e 3.420 e 3.421 e 3.422 e 3.423 e 3.424 e 3.425 e 3.426 e 3.427 e 3.428 e 3.429 e 3.430 e 3.431 e 3.432 e 3.433 e 3.434 e 3.435 e 3.436 e 3.437 e 3.438 e 3.439 e 3.440 e 3.441 e 3.442 e 3.443 e 3.444 e 3.445 e 3.446 e 3.447 e 3.448 e 3.449 e 3.450 e 3.451 e 3.452 e 3.453 e 3.454 e 3.455 e 3.456 e 3.457 e 3.458 e 3.459 e 3.460 e 3.461 e 3.462 e 3.463 e 3.464 e 3.465 e 3.466 e 3.467 e 3.468 e 3.469 e 3.470 e 3.471 e 3.472 e 3.473 e 3.474 e 3.475 e 3.476 e 3.477 e 3.478 e 3.479 e 3.480 e 3.481 e 3.482 e 3.483 e 3.484 e 3.485 e 3.486 e 3.487 e 3.488 e 3.489 e 3.490 e 3.491 e 3.492 e 3.493 e 3.494 e 3.495 e 3.496 e 3.497 e 3.498 e 3.499 e 3.500 e 3.501 e 3.502 e 3.503 e 3.504 e 3.505 e 3.506 e 3.507 e 3.508 e 3.509 e 3.510 e 3.511 e 3.512 e 3.513 e 3.514 e 3.515 e 3.516 e 3.517 e 3.518 e 3.519 e 3.520 e 3.521 e 3.522 e 3.523 e 3.524 e 3.525 e 3.526 e 3.527 e 3.528 e 3.529 e 3.530 e 3.531 e 3.532 e 3.533 e 3.534 e 3.535 e 3.536 e 3.537 e 3.538 e 3.539 e 3.540 e 3.541 e 3.542 e 3.543 e 3.544 e 3.545 e 3.546 e 3.547 e 3.548 e 3.549 e 3.550 e 3.551 e 3.552 e 3.553 e 3.554 e 3.555 e 3.556 e 3.557 e 3.558 e 3.559 e 3.560 e 3.561 e 3.562 e 3.563 e 3.564 e 3.565 e 3.566 e 3.567 e 3.568 e 3.569 e 3.570 e 3.571 e 3.572 e 3.573 e 3.574 e 3.575 e 3.576 e 3.577 e 3.578 e 3.579 e 3.580 e 3.581 e 3.582 e 3.583 e 3.584 e 3.585 e 3.586 e 3.587 e 3.588 e 3.589 e 3.590 e 3.591 e 3.592 e 3.593 e 3.594 e 3.595 e 3.596 e 3.597 e 3.598 e 3.599 e 3.600 e 3.601 e 3.602 e 3.603 e 3.604 e 3.605 e 3.606 e 3.607 e 3.608 e 3.609 e 3.610 e 3.611 e 3.612 e 3.613 e 3.614 e 3.615 e 3.616 e 3.617 e 3.618 e 3.619 e 3.620 e 3.621 e 3.622 e 3.623 e 3.624 e 3.625 e 3.626 e 3.627 e 3.628 e 3.629 e 3.630 e 3.631 e 3.632 e 3.633 e 3.634 e 3.635 e 3.636 e 3.637 e 3.638 e 3.639 e 3.640 e 3.641 e 3.642 e 3.643 e 3.644 e 3.645 e 3.646 e 3.647 e 3.648 e 3.649 e 3.650 e 3.651 e 3.652 e 3.653 e 3.654 e 3.655 e 3.656 e 3.657 e 3.658 e 3.659 e 3.660 e 3.661 e 3.662 e 3.663 e 3.664 e 3.665 e 3.666 e 3.667 e 3.668 e 3.669 e 3.670 e 3.671 e 3.672 e 3.673 e 3.674 e 3.675 e 3.676 e 3.677 e 3.678 e 3.679 e 3.680 e 3.681 e 3.682 e 3.683 e 3.684 e 3.685 e 3.686 e 3.687 e 3.688 e 3.689 e 3.690 e 3.691 e 3.692 e 3.693 e 3.694 e 3.695 e 3.696 e 3.697 e 3.698 e 3.699 e 3.700 e 3.701 e 3.702 e 3.703 e 3.704 e 3.705 e 3.706 e 3.707 e 3.708 e 3.709 e 3.710 e 3.711 e 3.712 e 3.713 e 3.714 e 3.715 e 3.716 e 3.717 e 3.718 e 3.719 e 3.720 e 3.721 e 3.722 e 3.723 e 3.724 e 3.725 e 3.726 e 3.727 e 3.728 e 3.729 e 3.730 e 3.731 e 3.732 e 3.733 e 3.734 e 3.735 e 3.736 e 3.737 e 3.738 e 3.739 e 3.740 e 3.741 e 3.742 e 3.743 e 3.744 e 3.745 e 3.746 e 3.747 e 3.748 e 3.749 e 3.750 e 3.751 e 3.752 e 3.753 e 3.754 e 3.755 e 3.756 e 3.757 e 3.758 e 3.759 e 3.760 e 3.761 e 3.762 e 3.763 e 3.764 e 3.765 e 3.766 e 3.767 e 3.768 e 3.769 e 3.770 e 3.771 e 3.772 e 3.773 e 3.774 e 3.775 e 3.776 e 3.777 e 3.778 e 3.779 e 3.780 e 3.781 e 3.782 e 3.783 e 3.784 e 3.785 e 3.786 e 3.787 e 3.788 e 3.789 e 3.790 e 3.791 e 3.792 e 3.793 e 3.794 e 3.795 e 3.796 e 3.797 e 3.798 e 3.799 e 3.800 e 3.801 e 3.802 e 3.803 e 3.804 e 3.805 e 3.806 e 3.807 e 3.808 e 3.809 e 3.810 e 3.811 e 3.812 e 3.813 e 3.814 e 3.815 e 3.816 e 3.817 e 3.818 e 3.819 e 3.820 e 3.821 e 3.822 e 3.823 e 3.824 e 3.825 e 3.826 e 3.827 e 3.828 e 3.829 e 3.830 e 3.831 e 3.832 e 3.833 e 3.834 e 3.835 e 3.836 e 3.837 e 3.838 e 3.839 e 3.840 e 3.841 e 3.842 e 3.843 e 3.844 e 3.845 e 3.846 e 3.847 e 3.848 e 3.849 e 3.850 e 3.851 e 3.852 e 3.853 e 3.854 e 3.855 e 3.856 e 3.857 e 3.858 e 3.859 e 3.860 e 3.861 e 3.862 e 3.863 e 3.864 e 3.865 e 3.866 e 3.867 e 3.868 e 3.869 e 3.870 e 3.871 e 3.872 e 3.873 e 3.874 e 3.875 e 3.876 e 3.877 e 3.878 e 3.879 e 3.880 e 3.881 e 3.882 e 3.883 e 3.884 e 3.885 e 3.886 e 3.887 e 3.888 e 3.889 e 3.890 e 3.891 e 3.892 e 3.893 e 3.894 e 3.895 e 3.896 e 3.897 e 3.898 e 3.899 e 3.900 e 3.901 e 3.902 e 3.903 e 3.904 e 3.905 e 3.906 e 3.907 e 3.908 e 3.909 e 3.910 e 3.911 e 3.912 e 3.913 e 3.914 e 3.915 e 3.916 e 3.917 e 3.918 e 3.919 e 3.920 e 3.921 e 3.922 e 3.923 e 3.924 e 3.925 e 3.926 e 3.927 e 3.928 e 3.929 e 3.930 e 3.931 e 3.932 e 3.933 e 3.934 e 3.935 e 3.936 e 3.937 e 3.938 e 3.939 e 3.940 e 3.941 e 3.942 e 3.943 e 3.944 e 3.945 e 3.946 e 3.947 e 3.948 e 3.949 e 3.950 e 3.951 e 3.952 e 3.953 e 3.954 e 3.955 e 3.956 e 3.957 e 3.958 e 3.959 e 3.960 e 3.961 e 3.962 e 3.963 e 3.964 e 3.965 e 3.966 e 3.967 e 3.968 e 3.969 e 3.970 e 3.971 e 3.972 e 3.973 e 3.974 e 3.975 e 3.976 e 3.977 e 3.978 e 3.979 e 3.980 e 3.981 e 3.982 e 3.983 e 3.984 e 3.985 e 3.986 e 3.987 e 3.988 e 3.989 e 3.990 e 3.991 e 3.992 e 3.993 e 3.994 e 3.995 e 3.996 e 3.997 e 3.998 e 3.999 e 4.000 e 4.001 e 4.002 e 4.003 e 4.004 e 4.005 e 4.006 e 4.007 e 4.008 e 4.009 e 4.010 e 4.011 e 4.012 e 4.013 e 4.014 e 4.015 e 4.016 e 4.017 e 4.018 e 4.019 e 4.020 e 4.021 e 4.022 e 4.023 e 4.024 e 4.025 e 4.026 e 4.027 e 4.028 e 4.029 e 4.030 e 4.031 e 4.032 e 4.033 e 4.034 e 4.035 e 4.036 e 4.037 e 4.038 e 4.039 e 4.040 e 4.041 e 4.042 e 4.043 e 4.044 e 4.045 e 4.046 e 4.047 e 4.048 e 4.049 e 4.050 e 4.051 e 4.052 e 4.053 e 4.054 e 4.055 e 4.056 e 4.057 e 4.058 e 4.059 e 4.060 e 4.061 e 4.062 e 4.063 e 4.064 e 4.065 e 4.066 e 4.067 e 4.068 e 4.069 e 4.070 e 4.071 e 4.072 e 4.073 e 4.074 e 4.075 e 4.076 e 4.077 e 4.078 e 4.079 e 4.080 e 4.081 e 4.082 e 4.083 e 4.084 e 4.085 e 4.086 e 4.087 e 4.088 e 4.089 e 4.090 e 4.091 e 4.092 e 4.093 e 4.094 e 4.095 e 4.096 e 4.097 e 4.098 e 4.099 e 4.100 e 4.101 e 4.102 e 4.103 e 4.104 e 4.105 e 4.106 e 4.107 e 4.108 e 4.109 e 4.110 e 4.111 e 4.112 e 4.113 e 4.114 e 4.115 e 4.116 e 4.117 e 4.118 e 4.119 e 4.120 e 4.121 e 4.122 e 4.123 e 4.124 e 4.125 e 4.126 e 4.127 e 4.128 e 4.129 e 4.130 e 4.131 e 4.132 e 4.133 e 4.134 e 4.135 e 4.136 e 4.137 e 4.138 e 4.139 e 4.140 e 4.141 e 4.142 e 4.143 e 4.144 e 4.145 e 4.146 e 4.147 e 4.148 e 4.149 e 4.150 e 4.151 e 4.152 e 4.153 e 4.154 e 4.155 e 4.156 e 4.157 e 4.158 e 4.159 e 4.160 e 4.161 e 4.162 e 4.163 e 4.164 e 4.165 e 4.166 e 4.167 e 4.168 e 4.169 e 4.170 e 4.171 e 4.172 e 4.173 e 4.174 e 4.175 e 4.176 e 4.177 e 4.178 e 4.179 e 4.180 e 4.181 e 4.182 e 4.183 e 4.184 e 4.185 e 4.186 e 4.187 e 4.188 e 4.189 e 4.190 e 4.191 e 4.192 e 4.193 e 4.194 e 4.195 e 4.196 e 4.197 e 4.198 e 4.199 e 4.200 e 4.201 e 4.202 e 4.203 e 4.204 e 4.205 e 4.206 e 4.207 e 4.208 e 4.209 e 4.210 e 4.211 e 4.212 e 4.213 e 4.214 e 4.215 e 4.216 e 4.217 e 4.218 e 4.219 e 4.220 e 4.221 e 4.222 e 4.223 e 4.224 e 4.225 e 4.226 e 4.227 e 4.228 e 4.229 e 4.230 e 4.231 e 4.232 e 4.233 e 4.234 e 4.235 e 4.236 e 4.237 e 4.238 e 4.239 e 4.240 e 4.241 e 4.242 e 4.243 e 4.244 e 4.245 e 4.246 e 4.247 e 4.248 e 4.249 e 4.250 e 4.251 e 4.252 e 4.253 e 4.254 e 4.255 e 4.256 e 4.257 e 4.258 e 4.259 e 4.260 e 4.261 e 4.262 e 4.263 e 4.264 e 4.265 e 4.266 e 4.267 e 4.268 e 4.269 e 4.270 e 4.271 e 4.272 e 4.273 e 4.274 e 4.275 e 4.276 e 4.277 e 4.278 e 4.279 e 4.280 e 4.281 e 4.282 e 4.283 e 4.284 e 4.285 e 4.286 e 4.287 e 4.288 e 4.289 e 4.290 e 4.291 e 4.292 e 4.293 e 4.294 e 4.295 e 4.296 e 4.297 e 4.298 e 4.299 e 4.300 e 4.301 e 4.302 e 4.303 e 4.304 e 4.305 e 4.306 e 4.307 e 4.308 e 4.309 e 4.310 e 4.311 e 4.312 e 4.313 e 4.314 e 4.315 e 4.316 e 4.317 e 4.318 e 4.319 e 4.320 e 4.321 e 4.322 e 4.323 e 4.324 e 4.325 e 4.326 e 4.327 e 4.328 e 4.329 e 4.330 e 4.331 e 4.332 e 4.333 e 4.334 e 4.335 e 4.336 e 4.337 e 4.338 e 4.339 e 4.340 e 4.341 e 4.342 e 4.343 e 4.344 e 4.345 e 4.346 e 4.347 e 4.348 e 4.349 e 4.350 e 4.351 e 4.352 e 4.353 e 4.354 e 4.355 e 4.356 e 4.357 e 4.358 e 4.359 e 4.360 e 4.361 e 4.362 e 4.363 e 4.364 e 4.365 e 4.366 e 4.367 e 4.368 e 4.369 e 4.370 e 4.371 e 4.372 e 4.373 e 4.374 e 4.375 e 4.376 e 4.377 e 4.378 e 4.379 e 4.380 e 4.381 e 4.382 e 4.383 e 4.384 e 4.385 e 4.386 e 4.387 e 4.388 e 4.389 e 4.390 e 4.391 e 4.392 e 4.393 e 4.394 e 4.395 e 4.396 e 4.397 e 4.398 e 4.399 e 4.400 e 4.401 e 4.402 e 4.403 e 4.404 e 4.405 e 4.406 e 4.407 e 4.408 e 4.409 e 4.410 e 4.411 e 4.412 e 4.413 e 4.414 e 4.415 e 4.416 e 4.417 e 4.418 e 4.419 e 4.420 e 4.421 e 4.422 e 4.423 e 4.424 e 4.425 e 4.426 e 4.427 e 4.428 e 4.429 e 4.430 e 4.431 e 4.432 e 4.433 e 4.434 e 4.435 e 4.436 e 4.437 e 4.438 e 4.439 e 4.440 e 4.441 e 4.442 e 4.443 e 4.444 e 4.445 e 4.446 e 4.447 e 4.448 e 4.449 e 4.450 e 4.451 e 4.452 e 4.453 e 4.454 e 4.455 e 4.456 e 4.457 e 4.458 e 4.459 e 4.460 e 4.461 e 4.462 e 4.463 e 4.464 e 4.465 e 4.466 e 4.467 e 4.468 e 4.469 e 4.470 e 4.471 e 4.472 e 4.473 e 4.474 e 4.475 e 4.476 e 4.477 e 4.478 e 4.479 e 4.480 e 4.481 e 4.482 e 4.483 e 4.484 e 4.485 e 4.486 e 4.487 e 4.488 e 4.489 e 4.490 e 4.491 e 4.492 e 4.493 e 4.494 e 4.495 e 4.496 e 4.497 e 4.498 e 4.499 e 4.500 e 4.501 e 4.502 e 4.503 e 4.504 e 4.505 e 4.506 e 4.507 e 4.508 e 4.509 e 4.510 e 4.511 e 4.512 e 4.513 e 4.514 e 4.515 e 4.516 e 4.517 e 4.518 e 4.519 e 4.520 e 4.521 e 4.522 e 4.523 e 4.524 e 4.525 e 4.526 e 4.527 e 4.528 e 4.529 e 4.530 e 4.531 e 4.532 e 4.533 e 4.534 e 4.535 e 4.536 e 4.537 e 4.538 e 4.539 e 4.540 e 4.541 e 4.542 e 4.543 e 4.544 e 4.545 e 4.546 e 4.547 e 4.548 e 4.549 e 4.550 e 4.551 e 4.552 e 4.553 e 4.554 e 4.555 e 4.556 e 4.557 e 4.558 e 4.559 e 4.560 e 4.561 e 4.562 e 4.563 e 4.564 e 4.565 e 4.566 e 4.567 e 4.568 e 4.569 e 4.570 e 4.571 e 4.572 e 4.573 e 4.574 e 4.575 e 4.576 e 4.577 e 4.578 e 4.579 e 4.580 e 4.581 e 4.582 e 4.583 e 4.584 e 4.585 e 4.586 e 4.587 e 4.588 e 4.589 e 4.590 e 4.591 e 4.592 e 4.593 e 4.594 e 4.595 e 4.596 e 4.597 e 4.598 e 4.599 e 4.600 e 4.601 e 4.602 e 4.603 e 4.604 e 4.605 e 4.606 e 4.607 e 4.608 e 4.609 e 4.610 e 4.611 e 4.612 e 4.613 e 4.614 e 4.615 e 4.616 e 4.617 e 4.618 e 4.619 e 4.620 e 4.621 e 4.622 e 4.623 e 4.624 e 4.625 e 4.626 e 4.627 e 4.628 e 4.629 e 4.630 e 4.631 e 4.632 e 4.633 e 4.634 e 4.635 e 4.636 e 4.637 e 4.638 e 4.639 e 4.640 e 4.641 e 4.642 e 4.643 e 4.644 e 4.645 e 4.646 e 4.647 e 4.648 e 4.649 e 4.650 e 4.651 e 4.652 e 4.653 e 4.654 e 4.655 e 4.656 e 4.657 e 4.658 e 4.659 e 4.660 e 4.661 e 4.662 e 4.663 e 4.664 e 4.665 e 4.666 e 4.667 e 4.668 e 4.669 e 4.670 e 4.671 e 4.672 e 4.673 e 4.674 e 4.675 e 4.676 e 4.677 e 4.678 e 4.679 e 4.680 e 4.681 e 4.682 e 4.683 e 4.684 e 4.685 e 4.686 e 4.687 e 4.688 e 4.689 e 4.690 e 4.691 e 4.692 e 4.693 e 4.694 e 4.695 e 4.696 e 4.697 e 4.698 e 4.699 e 4.700 e 4.701 e 4.702 e 4.703 e 4.704 e 4.705 e 4.706 e 4.707 e 4.708 e 4.709 e 4.710 e 4.711 e 4.712 e 4.713 e 4.714 e 4.715 e 4.716 e 4.717 e 4.718 e 4.719 e 4.720 e 4.721 e 4.722 e 4.723 e 4.724 e 4.725 e 4.72			

**APÊNDICE Q- QR CODE DAS FOTOGRAFIAS DAS CRIANÇAS DA
COMUNIDADE RAMAL DO QUINDÍUA**

TERRA-MAR 1 	TERRA-MAR 2 
TERRA-MAR 3 	TERRA-MAR 4 
TERRA-MAR 5 	TERRA-MAR 6 

TERRA-MAR 7**TERRA-MAR 8**

**APÊNDICE R- QR CODE DAS FOTOGRAFIAS DAS CRIANÇAS DA
COMUNIDADE ARIQUIPA**

BANYOKA 1 	BANYOKA 2 
BANYOKA3 	BANYOKA 4 
BANYOKA 5 	BANYOKA 6 

BANYOKA 7**BANYOKA 8****BANYOKA 9**